Camilo Castelo Branco

A Viúva do Enforcado

Novela Romântica

A VIÚVA DO ENFORCADO

CAMILO CASTELO BRANCO

A presente obra respeita as regras

do Novo Acordo Ortográfico

Le roman se fausse, étriqué ou perverti. Lequel vaut le mieux?

Au moins les romans rnoraux ne corrompent personne; il est vrai

d'ajouter qu'ils ne convertissent personne.

Paul Bourget

À Memória do Senhor Rei D. Afonso Henriques

Eu não podia escrever uma novela urdida com factos de Guimarães sem me lembrar do mais notável filho daquela terra — o Senhor D. Afonso Henriques.

Procurei nas ruas e praças de Guimarães a estátua do fundador da monarquia. A cidade opulenta, que tem ouro em barda, e abriu dois bancos como os pletóricos que se dão duas sangrias, não teve até hoje um pedaço de granito que pusesse com feitio de rei sobre um pedestal!

Se eu fosse rico, ou sequer pedreiro, quem fazia o monumento de Afonso era eu.

Assim, como último dos escritores e o primeiro em patriotismo, apenas posso aqui levantar um perpétuo padrão ao vencedor de Ourique — ao real filho da mãe ingrata.

PRIMEIRA PARTE

A arte da ourivesaria foi cultivada primorosamente em Guimarães no século XV.

Daqui saiu Gil Vicente, o lavrante da rainha D. Leonor, mulher de D. João II. Fez aquela galantaria da custódia de Belém, que o leitor não trocaria decerto pelas delícias de reler os autos e comédias que ele fez também, o nosso Shakespeare. Eu trocava; e ousaria até propor a troca, se a custódia não estivesse na baixela de el-rei. Quanto ao poeta Gil Vicente e a Shakespeare, os dois parecem-se tanto um com o outro como o Hamlet com o Choro de Maria Parda.

Pelo que pertence à terra natal de Mestre Gil, não impugno a hipótese que confere tamanha honra a Guimarães. Lisboa e Barcelos disputaram essa glória ao berço da monarquia; mas um notável genealógico, o desembargador Cristóvão Alão de Morais, escreveu há dois séculos que o Plauto português era filho de Martim Vicente, ourives de prata, natural de Guimarães. Se eu pudesse desconfiar da infalibilidade dos linhagistas, justificá-los-ia um documento que possuo de 1455, vinte anos talvez mais novo que Gil

Vicente. Com toda a certeza vivia então na Caldeiroa, arrabalde da vila, o sapateiro Fernão Vicente, pai de Martinho Vicente. Este, que era ourives, morava então no Casal da Laje, freguesia de Santo Estêvão de Urgezes. Aqui, provavelmente, nasceu Gil Vicente.

Isto veio a propósito de ter sido Guimarães a pátria de alguns ourives lavrantes que formaram escola de escultura. A história das artes plásticas celebra mais alguns nomes; nós, porém, diremos de um ourives deste século, ali nascido naquelas formosas ruínas abraçadas pelas frondes dos arvoredos. Não se fez célebre pela arte. O coração queimou-lhe os gomos do engenho quando iam desbotoar-se em flores.

Chamava-se Guilherme Nogueira e nascera em 1802. Por 1818 estudara pintura no Porto; mas por morte do seu mestre, João André Chiape, voltara para Guimarães, dera-se à escultura e trabalhava com ardor na oficina do seu pai, ensaiando a imitação do antigo. Não dava férias ao lavor ou ao estudo. Ia para o tesouro da Colegiada, com a proteção de um parente cónego, (*) contemplar os cálices de prata dourada, os cetros e a gargantilha da Senhora da Oliveira

com os seus dezasseis botões de ouro esmaltado e guarnições de aljôfar; maravilhava-o a cruz lavrada, que dera o cónego Mendes, e a custódia cinzelada com imagens, dádiva de outro cónego do século XVI.

[(*) Cónego é o presbítero que vive sob uma regra que o obriga a realizar as funções litúrgicas mais solenes numa igreja.]

Uma vez, encontrou lá um abastado curtidor de peles que mostrava o tesouro da Senhora da Oliveira para uns parentes do Alto Minho e explicava imaginariamente as coisas.

Dizia que o gomil (*) das asas douradas era o jarro que servira no batismo de D. Afonso Henriques e que o bordão que a Virgem leva nas procissões fora enviado por Santa Helena a S. Torcato, bispo de Citânia.

[(*) Jarro de boca estreita, próprio para jogar água nas mãos]

Guilherme Nogueira, sem desfazer na ilustração arqueológica do curtidor, explicou também a proveniência dos seis castiçais lavrados feitos com a prata de onze anjos encontrados no espólio dos Castelhanos em Aljubarrota.

Uma pessoa do grupo ouvia a explicação do ourives com a maior atenção. Era Teresa de Jesus, a filha do curtidor Joaquim Pereira.

Esta menina era filha única, bonita, muito recolhida, e confessada de um franciscano tão bem intencionado que prometia fazer dela uma santa com a ajuda de Deus.

E era de esperar. Teresa ia nos vinte anos e tinha o coração inocente dos dez. Via passarem na Rua dos Fomos, ora um ora outro rapaz de famílias ilustres ou abastadas, com os olhos fitos nos rótulos das suas janelas. Via-os, através da cerca de pau, e assim mesmo o pudor purpurejava-lhe as faces e uma espécie de medo dos homens a obrigava a recuar o esteirão da soleira da janela. A tímida criatura tinha escrúpulos e perguntava à mãe se os homens a veriam da rua. Isto, na verdade, era bonito numa menina de vinte anos; mas, se a crítica pode superintender no foro íntimo de tão cândida alma, a mim parece-me que o escrúpulo é a chave que abre a porta por onde a inocência há de escapar-se, mais tarde ou mais cedo. Se houvesse virtudes perfeitas, essas desconheceriam os escrúpulos, que são por si os prelúdios das imperfeições. O franciscano

era menos casuísta que eu e talvez menos entendido na fragilidade humana. Das inquietações de Teresa tirava ele conclusões de extremada inocência: se ela tinha medo aos homens, era sinal de graça infusa, era o instinto que farejava neles as tentações do amor, as enormes diabruras que distraem o espírito da contemplação divina, abatendo-o às materialidades da vida transitória.

O curtidor era um cristão regular como todos os curtidores de boas contas e consciência sã que tratam dos seus curtumes com o devido esmero; mas a ideia de ter uma filha predestinada, como dizia o frade, não o entusiasmava. Como era rico, e não tinha outra prole, queria que a sua Teresa, em vez de vestir santos e acariciá-los com uma idolatria meigamente idiota, vestisse e acaricia-se os filhos. Em suma, Joaquim Pereira queria ter netos, queria sobreviver até os ter eles, e continuar a surrar perpetuamente peles de boi mediante a sua posteridade. O homem já pressentia uma das imortalidades que Pelletan idealizou quarenta anos depois — a perpetuidade da raça.

Portanto, quando Teresa de Jesus andava a jejuar um jubileu, disse-lhe ele que era necessário tratar de outro

modo de vida; acrescentou que as beatices eram boas para quem não tinha que fazer; e concluiu que aprendesse com a sua mãe a governar a casa, porque era necessário saber tratar do marido e dos filhos, se Deus lhos desse; e que, enfim, jubileus, vias-sacras e jejuns não serviam para o arranjo da família. Apesar de não ser extremamente lírico este estilo de Joaquim Pereira, a filha, de pasmada que ficou, parecia não o perceber; porém, alguma coisa entendeu, porque daí a pouco perguntava ela à mãe:

— Com quem é que o pai quererá casar-me?

A pergunta foi feita com bastante rubor e sobressalto.

Respondeu-lhe a mãe que o não sabia com certeza; mas que tinha ouvido falar no tio Manuel do Porto.

— Credo! — exclamou Teresa. — Vossemecê está a gozar comigo?

***

O tio Manuel era irmão de Joaquim. Tinha oficina de curtidor na Rua dos Pelames, no Porto, e era muito rico, e viúvo sem filhos, com cinquenta anos, sujos, sim, mas bem conservados. Tinha passado a festa do Natal de 1822 em Guimarães e levara à sobrinha, um grilhão de ouro da sua viúva dentro de uma rosca de pão-de-ló. Gostou muito de a ver entretida com o presépio do Menino Jesus, cheia de devotos carinhos, ora beijando-lhe os pés, ora incensando o recinto do religioso espetáculo, guardando em todos estes atos umas atitudes misteriosas e uns silêncios respeitosos e dignos das primitivas cristandades nos subterrâneos da Roma pagã. Acompanhou o tio Manuel a sobrinha à missa do galo e embirrou com o fidalgo do Toural, que lhe atirou confettis a ela, e a ele dois rebuçados velhos à cara que pareciam de chumbo. Todavia, notou a austera gravidade de Teresa, que nunca voltou o rosto para ver donde lhe atiravam os confettis: Ao sair da igreja do Mosteiro de Santa Clara, um rancho de fidalgos, com os seus lacaios armados de lanternas, formaram alas para iluminarem e acompanharem as damas que saíam. Teresa, para não ser vista, saiu pela porta travessa, a dizer ao tio:

— Vamos por aqui por causa desses homens.

— São bons brejeiros! — concordou ele, e acrescentou de si para consigo: — Juízo até ali!

Em casa disse ao irmão que Teresa era uma joia, e contou o caso dos confettis com a veemência de quem repete o caso de Lucrécia. O mano Joaquim, a abrir e a fechar a boca com três cruzes, resmoneou:

— A rapariga tem pancada na mola.

— Pancada? A que chamas tu, salvo seja, pancada na mola?!

— Está beata, entendes, Manuel?! O frade tolheu-ma. E tudo santos de pau, e de papel, e de barro, por essa casa. Novenas, confissões, lausperenes, três missas por dia, jejuns, e não faz mais nada, nem fala noutra coisa. Ver homens é como quem vê o Diabo.

— E então isso não é bom? — atalhou o mano Manuel. — Querias que ela gostasse de ver homens?

— Quero que ela case, entendes?, quero que ela tenha filhos. A quem hei de eu deixar o que tenho?...

— E eu?

— E verdade, e tu, que não tens outros parentes? Se ela assim continuar e ficar solteira, sabes onde vai bater o meu dinheiro e mais o teu? Aos frades e às freiras. Apanham-lhe tudo. Que o ganhem! Vão pró Inferno. Custou-me muito a amanhá-lo; não quero engordar vadios e vadias. Quando penso nisto, olha que se me atravessa aqui nos gorgomilos um nó!

— Trata de casar, Joaquim.

— Com quem?

— Falta ele!...

— Já ma pediram; mas que queres? A rapariga não quer aparecer a um homem que venha aqui: não conhece nenhum: passa por eles na rua. como... sabes tu?, até me diz a mãe que ela fecha os olhos. São os frades, percebes? Ora agora, eu, se queres que te diga a verdade, tenho pena dela. Não hei de levá-la de rastos pela orelha à igreja. Queria que ela gostasse de um homem, quero dizer, do marido que eu lhe escolhesse. Está aí o João da viúva

Peixota, que é sério, trabalha ainda como um burro, e tem quinze mil cruzados só da parte do pai.

— Já lhe falaste nele? — acudiu o irmão com certo alvoroço.

— Falei, quero dizer, perguntei-lhe que tal o achava.

— E ela...

— Respondeu-me que não sabia como o achava. Olha que resposta tão estúpida!

— O que eu te digo, Joaquim, é que o homem que a levar leva a mulher mais virtuosa que há no mundo. Eu, se topasse uma assim, não sei, mas... parece-me que me casava outra vez; e mais, desde que a outra defunta se foi, é a primeira vez que isto me passa pela cabeça. Ainda que ela fosse pobre, mas honradinha como é Teresa, juro-te por esta luz que nos ilumina que a fazia rica... Mas, enfim, isto é por falar; que eu, ainda que ande com uma candeia, não acho outra como ela.

— Olha, se a Teresa te quer... — interrompeu Joaquim entre grave e risonho — , eu cá por mim dou-ta, e fico satisfeito. Quanto tens do teu? Praí quarenta mil cruzados...

— Põe-lhe por cima metade.

— Sessenta?

— Seguros.

— Pois ela não tem tanto... mas...

— Isso é que eu não quero saber, Joaquim. Dá-ma, que eu não te quero uma de seis.

— Isso lá, homem, quer queiras, quer não, o que eu tenho dela é. Não digas nada pelo enquanto. Eu cá fico a pensar no negócio. A coisa de sopapo não se pode fazer. Primeiramente, é mister cortar-lhe pelo beatério e meter a mãe no arranjo. Depois eu te escreverei a dizer o que se vai a passar.

***

Quando Teresa de Jesus exclamou: «Credo!», a mãe logo anteviu desgostos, e talvez infortúnios na família, por causa do casamento. Esquivou-se a esclarecer a filha, receando que ela lhe fugisse para o Convento das Claras, que a

solicitavam a professar por intermédio do confessor. Como era rica e virtuosa, o convento, moral e materialmente, ganharia granjeando para os esponsais divinos uma noiva tão dotada das graças do Céu e do produto líquido dos curtumes. Comunicou ela ao marido os seus receios. Concordaram na inconveniência de lhe falarem outra vez no tio, posto que Joaquim Pereira, compassando os algarismos com umas suaves palmadas na espádua roliça da esposa, dizia lugubremente:

— Sessenta mil cruzados, Feliciana!

— Deixa lá o dinheiro, com a breca! — redarguiu ela. — Amanha-lhe marido de que ela goste, ainda que seja pobre.

— Pobre! Boa vai ela! Olha! — e mostrava-lhe o rebordo purulento da pálpebra do olho direito, arregaçando-a feiamente. — Pobre!... Não, que ele custou-me a ganhar! Quem a apanhar há de ter pelo menos tanto como ela. Ora essa!... São tantos a quererem-na como isto — e agrupava os dedos em forma de pinha, a mostrar as unhas escalavradas com petrificações de lixo e gordura. — Até fidalgos, percebes? Há-os por aí que se eu lhe

desempenhasse as quintas... Então estás a ler, Feliciana! Casá-la com homem pobre!

***

Alguns dias depois deu-se aquele encontro de Teresa de Jesus com o ourives Guilherme Nogueira, na casa da Colegiada. Ela, do mesmo passo que ouvia as explicações do artista respetivas às peças do tesouro, maravilhava-se em si mesma da condescendência com que o escutava e, mais ainda, do prazer com que o via.

Guilherme Nogueira tinha um aspeto simpaticamente doentio. Formara-se no ar impuro da oficina. O hábito do trabalho cerceava-lhe o deleite das horas de repouso.

Passeava só e pesado de tédio porque se acostumara à soledade do seu quarto. Recolhia-se em si, com as suas meditações, para sentir-se viver nas quimeras do ideal na arte.

Ninguém o compreenderia na sua esfera. Os seus pares no ofício eram apenas operários.

Se soubessem que ele tinha ido a pé ver a epopeia petrificada do Mosteiro da Batalha, e se o ouvissem devanear coisas abstrusas a respeito de pedras rendilhadas por engenhosos pedreiros, a não o capitularem de tolo, pensariam tratá-lo indulgentemente chamando-lhe mágico. O pai não o entendia; mas inclinava-se-lhe sobre o ombro, com os olhos embaciados da alegria que chora, quando ele nos bordos de uma salva de prata lavrava os relevos dos paços de Afonso Henriques e a jornada de Egas Moniz, com a esposa e os filhos, oferecidos à vingança do monarca leonês. Tinha as tristezas do talento que se acha excluído das condições materiais do interesse. O pai via um equivalente a dinheiro nos lavores do filho; o artista, a sonhar as vagas ovações da glória, via em redor de si o riso desdenhoso da inveja e o estipêndio regateado do trabalho. Escondia-se para não ver passar às mãos de um frio possuidor de baixela a sua obra, que levava mais amor do seu coração que primores do escopro. Pungiam-lhe então o espírito violentas ambições de riqueza. Queria sagrar a sua

arte esquivando-se à prostituição do dinheiro; fechar-se com as suas criações, fazê-las símbolos da sua vida obscura num mundo cheio de luz, espelhar na lâmina de ouro e prata a sua alma, rever-se nas suas obras quando baixasse ao poente da vida e legá-las para um alto espírito que uma vez encontrasse a procurar em vão ao vazio das alegrias humanas o trabalho como refúgio e as lágrimas ignoradas como consolação.

Este era o homem triste que historiava em termos chãos a batalha de Aljubarrota ao curtidor, a propósito dos anjos de D. João I de Castela refundidos em castiçais pelo mestre de Avis.

Joaquim Pereira escutava com espanto a narrativa e perguntava ao rapaz se ele não era filho do Luís Nogueira da Rua de Vale de Donas. Ao mesmo tempo examinava-lhe a limpeza do trajar, como notando a demasiada decência de um oficial de ourives, filho de outro que pouco tinha do seu. As oito tocheiras de prata com brasões deram margem a que o ourives explicasse que as armas eram dos Távoras e contasse o funesto destino destes fidalgos. O curtidor,

sinceramente admirado e agradecido, disse-lhe que um homem com tantas memórias devia ser mestre-escola.

— Vossemecê porque não arranja a meter-se frade? — perguntou-lhe o parente do curtidor.

A isto respondeu logo Joaquim Pereira:

— Não, que ele é preciso ter património.

E o outro redarguiu:

— Eu dizia que se fizesse frade de uns que chamam borras; não dizem missa, mas têm que trincar no refeitório.

Guilherme olhava com amargura para estes homens, e não respondia. Teresa de Jesus, fitando-o com a fixidez com que costumava contemplar os santos, parecia suplicar-lhe que desculpasse as bestialidades do autor dos seus dias.

Os olhos deles encontraram-se, neste lance, pela terceira vez. O artista não sentiu umas estranhas comoções que todo o romancista costuma e deve mencionar quando o amor salta de repente ao peito de duas pessoas. Por via de regra, os olhos baixam-se e as faces tingem-se. Há sempre congestões nestas coisas. As exceções não são muitas; mas

uma de que eu tenho notícia é este caso de Guimarães. Guilherme olhou para Teresa com a suave e serena contemplação do idealismo que transforma os seres palpáveis numa figuração abstrata. Os olhos negros e o rosto alvo e fino de Teresa enquadrou-os ele numas linhas que bosquejara a lápis quando acabara de ler a Cantata de Dido, de Garção.

Era a malograda amante do ingrato troiano que ele queria esboçar, quando a misérrima

Pelos paços reais vaga ululando e

Cos fui-vos olhos ainda em vão procura

O fugitivo Eneias.

Os visitantes do tesouro da nossa Senhora da Oliveira retiraram-se, e Guilherme, daí a pouco, tinha copiado da alma para o papel duas feições fiéis do rosto de Teresa: os olhos e o mais incorpóreo deles — a doce melancolia com que o fitara no momento em que o seu pai lhe concedia

habilitações para mestre-escola. Depois guardou o desenho e andou pelas igrejas a observar os tons das tintas, o colorido, a luz e a sombra das santas pintadas a óleo. Sentia-se menos só. Aquela imagem acompanhava-a como a estrela que vai connosco pela solidão da noite alta. Saía mais a miúdo por essas muralhas de verdura gigante que rodeiam a destemida aviltadora do condestável Duguesclin. Não ouvira até então as liras que rumorejam nas florestas; nem a franja de ouro do arrebol se erguia entremostrando-lhe o enigma da felicidade esclarecida por uma pouca de luz difusa dos olhos de uma mulher.

E ela?

***

Ela disse à mãe que, se o pai lhe falasse em casar com o tio Manuel do Porto, estava resolvida a ser freira.

— Não casas, não, Teresa — assegurou-lhe a mãe. — Não te hão de faltar maridos à tua escolha; ponto é que escolhas com acerto e juízo. O teu pai o que não quer é que

te cases com rapaz pobre. Olha lá,, menina, que te parece o filho da viúva Peixota?

— Eu o arrenego! Eu só gosto de um homem neste mundo...

— Bem sei.

— Sabe? Então quem é?

— É o Frei João de Santa Tecla; é o fradinho.

— O meu confessor?

— Pois então!

Credo! A mãe está doida! Pois eu havia de amar o frade? Aquele velhinho! Jesus, que ideia tão disparatada!

— Queria eu dizer que gostas dele porque é o teu diretor espiritual, não me entendes? Qual amor nem qual diabo!

— Ah!, isso sim; mas vossemecê falava-me em casar...

— Então quem é o homem com quem casarias, se te deixassem?

— É um segredo que há de ir comigo à cova! Assim como assim, tanto faz amá-lo como não, porque é pobre; e

então escuso de dizer quem é. Com outro é que eu não caso.

Estas palavras expeditas e sem refolhos inculcam amor forte; e o desempeno com que as proferiu revela e promete um ânimo enérgico e disposto a lutar. A Sra. Feliciana entendeu que o predileto de Teresa devia ser algum dos mancebos que passava, à tardinha, na sua rua, com os olhos pregados na gelosia. Conhecia-os de nome e de família. Um era filho segundo da ilustre casa de Simães, outro era a rica vergôntea de um cutileiro, dois eram negociantes de coiros, o quinto era o filho da viúva Peixota e o sexto, finalmente, era um tenente de milícias. Aseu ver, havia de ser um dos dois – o primeiro ou o último; porque o filho segundo, de antiquíssima raça, conquanto fosse Pinto duas vezes, raras vezes tinha um pinto, celebrado trocadilho do famoso poeta João Evangelista de Morais Sarmento. O último, o tenente de milícias, possuía do seu apenas uma cintura tão subtil e fina que parecia sustentar-se sobre os quadris por um prodígio de equilibrista, porque o homem parecia não ter centro de gravidade, O poeta Sarmento chamava-lhe cintura à prova de fogo, porque não

havia bala que lhe acertasse. Não obstante, as damas de Guimarães não eram insensíveis ao feitio delicado deste tenente, que eu conheci a pagar acerbamente os delitos da cinta de vespa, arredondando-se tão enxundiosamente que parecia todo ele a barriga do gigante Tifeu fulminado por Júpiter.

A esposa de Joaquim Pereira não podia lembrar-se de Guilherme porque não o conhecia; nem Teresa, quando voltou da Colegiada, lhe falou no explicador das peças do tesouro. Esteve indecisa entre comunicar e ocultar ao marido o despropósito da pequena; temendo, porém, o génio desabrido do seu Joaquim, e a fuga de Teresa para o convento, calou-se, e tratou de a espreitar.

Um domingo, quando saíam da missa da Senhora da Oliveira, para onde Teresa, oito dias a fio, encaminhava a mãe, entrava na igreja Guilherme Nogueira. O ourives, colhido de sobressalto, cumprimentou-a com tal perturbação que se denunciou à mãe precatada. Teresa de Jesus escondia o rosto na mantilha de sarja, quando Feliciana apertava o passo para lhe perguntar quem era o rapaz que as cumprimentara tão atrapalhadamente. A

resposta não confirmou a suspeita: Teresa disse que o conhecia de o ver no dia em que o pai a levara ao tesouro da Senhora da Oliveira; e foi a contar à mãe as batalhas de Aljubarrota e a morte dos Távoras consoante as ouvira ao tal rapaz.

— A mãe nunca viu aquelas riquezas? — perguntou ela.

— Eu nunca.

— Pois se quer, vamos lá um dia, que eu explico-lhe tudo.

***

Feliciana disse ao marido que queria ver o tesouro da Senhora.

— Pois vai — disse Joaquim Pereira — , e, se lá estiver um rapazola que lá topámos quando eu fui, vais-te regalar de o ouvir contar coisas e loisas que aconteceram no tempo dos Moiros; estão lá uns castiçais que eram, pelos modos, de uns anjos de prata que ficaram na batalha do campo de

Ourique. Ele é que sabe, o tal sujeito, que é filho do Nogueira ourives, e a falar parece outra casta de homem. Depois que saí, o teu primo de Monção ainda quis voltar atrás e dar-lhe uma de doze; mas a Teresa disse que pareceria mal. Eu entendo que ele vai ali explicar aquelas histórias a ver se amanha alguns patacões; mas cá esta menina disse que o rapaz talvez se ofendesse, e fez com que ele ficasse sem os doze vinténs. Se o lá encontrares, dá-lhos tu.

— Então já não vou! — acudiu Teresa. — Ele não estava à nossa espera. Parece mal dar-lhe uma esmola. Um Sr. Cónego que lá chegou disse que ele ia ali muitas vezes examinar as custódias porque era ourives e as achava muito bem lavradas. O pai não ouviu também isto?

— Parece-me que sim; mas sempre lhe dá a de doze, porque o rapaz é pobre e trabalha por conta de outros ourives. Outra coisa — prosseguiu o curtidor — , em vez de lhe dar dinheiro, o melhor é mandar-lhe fazer dois castiçais daquela prata velha das tigelas que já estão furadas; mas será bom primeiramente pesar a prata, que eu não conheço

o homem, nem me fio em ninguém. Está o mundo cheio de ladrões.

— Ó pai — atalhou Teresa — , olhe que isso é pecado! Nem todos são maus. Ele foi tão delicado connosco! Até o pai se admirou das coisas que ele contou...

— Sim, ele palavreado tinha, e vê-se que tem memórias para arranjar aquelas histórias dos tempos antigos; mas lá se ele é ourives honrado, isso é que eu não sei, nem tu. Pesar a prata não é mau. Feliciana, ajusta com ele; porque isto de ourives só não enterram a unha quando não podem. Está o mundo cheio de ladrões, é o que eu vos digo.

***

Perguntou a mãe de Teresa ao sacristão da Senhora da Oliveira se lá estava o homem que explicava as coisas. Respondeu o sacristão que o não vira desde que lá estivera o Sr. Joaquim Pereira; mas que um parente do Guilherme, o cónego Araújo, lhe dissera que o rapaz estava a pintar uma imagem e que só saíra dois domingos para ir à missa.

— Eu queria ver — disse a Sra. Feliciana — se ele me arranjava dois castiçais de uma prata velha que trago aqui.

— Se a senhora quer falar-lhe, ele mora na Rua do Vale de Donas, n.º 2. Não tem que atinar: é a segunda casa à sua mão esquerda. A senhora entra no patim e trepa numa portinha que lhe fica à direita. E aí que ele está sempre a trabalhar. Vá lá, que ninguém lho faz melhor e mais em conta. Pessoa mais desinteresseira não na há em Guimarães. Aceita o que lhe dão e nunca pede conta que lhe devam. O beneficiado bebe os ventos pelo rapaz, e a falar-lhe a verdade já por aí se rosnou que ele mais por aqui mais por ali era pai dele. O caso é que o cónego quer às vezes dar-lhe quatro ou cinco cruzados novos. O rapaz não aceita e diz que o seu trabalho rende mais que o bastante.

E a respeito de religião? E a pérola da terra! Não consta que ele faça pé-de-alferes a mulher de casta nenhuma. Traz lá no miolo a veneta de fazer custódias como as antigas e não pensa noutra coisa. As senhoras conhecem o Pascoal ourives, aquele que meteu a mulher no Recolhimento da Tamanca por coisas e tal etecetera?

— Conheço — disse Feliciana.

— A filha andou comigo a estudar com a mestra — acrescentou Teresa. — Chamava-se Emília.

— Pois essa Emília tem do seu só de legítima, ou deixa, ou que diabo é, de uma avó três mil cruzados, e há de ter o trasbordo do pai, que, aqui entre nós, lá no seu ofício é ladrão como rato. Pois, senhoras, bem quis o Pascoal que o Guilherme lhe casasse com a filha; meteu-se nisso o beneficiado; casaram as senhoras? nem ele. Ouvi-lhe eu dizer com estas — e, dizendo, sacudia as rubras orelhas o sacristão — que não casava com ela nem com outra; e que, se apertassem muito com o fiado, saía de Guimarães e ia para o Porto, onde ele, pelos modos, se quisesse podia ganhar muito bem a sua vida a pintar alminhas. «Case, Sr. Guilherme, lhe disse eu, «não seja palerma; olhe que hoje em dia quanto tens quanto vales. E ele punha-se a assobiar o hino desses hereges que fizeram a revolução no Porto há dois anos. É o defeito que lhe acho: gosta deste partido que está agora a desgraçar-nos e tem encasquetada na cabeça a ideia de que os homens todos são uns, e que os fidalgos se fazem da massa dos mecânicos. Liberdade, igualdade,

liberal constituição, etecetera. Olhe as senhoras, com licença, que asno! E é pena que tenha esta falha, porque no mais aquilo é um gosto vê-lo discorrer! Ele sabe de contas como ninguém; sabe todos os casos que sucederam desde que o mundo é mundo; sabe o nome de todos, os remos, sabe ler nos missais, e em Guimarães ninguém sabe como ele isto dos planetas que se lê nos lunários perpétuos. Mas o que ele tem é ser muito tristonho.

Tem dias que não dá palavra. Vem para aí, Senta-se a pintar as custódias e não levanta a cabeça. Pois, senhoras, se vossemecês querem que eu as acompanhe, estou ao seu dispor; mas não tem onde errar, é o nº 2, no baixo à porta da rua.

— Queres que vamos agora lá ou manda-se lá o caixeiro? — perguntou a Sra. Feliciana à filha.

— Já que estamos na rua, se a mãe quer, vamos lá. Se ele me fizesse a imagem da minha Santa Teresa de Jesus...

— Só se ele não quiser, menina — afirmou o sacristão. — Ele faz tudo quanto há. Uma vez tirou-me o meu retrato com tinta de escrever; mas o maganão fez-me o nariz

arrebitado, e assim mesmo o demo do mono parecia-se comigo, tirante o nariz. Peça-lhe a imagem da santa, que ele, se estiver de maré, faz-lha.

Aconchegando as honestas mantilhas dos rostos, a mãe e a filha encaminharam-se à Rua do Vale de Donas. Teresa, ao aproximar-se da casa de Guilherme, sentiu-se muito alvoroçada e como que arrependida do intento. Ainda balbuciou a ideia de retroceder; porém, como visse a mãe disposta à condescendência, não insistiu. Entrou na rua, e quando viu o nº 2 disse com a voz trémula:

— É aqui.

— Parece que estás atrigada! — observou a mãe.

— Atrigada, não, a minha mãe... Isto acho que é cansaço.

Entrou a Sra. Feliciana ao patim; e, com o desembaraço próprio da esposa de Joaquim Pereira, a bater à porta de um humilde oficial de ourives, deu três palmadas na almofada da porta como se as desse num portão de quinta.

— Quem é? — perguntou Guilherme.

— Gente de paz — respondeu Feliciana.

— Não o parece — murmurou ele. — Levante o trinco, e entre quem é.

Ela deu meia volta à argola e entrou adiante da filha. O artista, neste momento, estava em pé, em frente de um cavalete, com as costas voltadas para a porta. Quando ouviu dizer «com licença», voltou-se vagarosamente, como se com repugnância suspendesse o lavor do pincel. Ao mesmo tempo que ele via Teresa de Jesus, encarava Feliciana a pintura e exclamava:

— Ai!, o retrato da minha filha! Ó Teresa, olha o teu retrato!

Teresa pusera os olhos na tela; e o pintor, com a paleta no dedo polegar e os olhos embelezados no original, parecia estar-se mudamente enlevado ainda na imagem que tinha na alma. Naquela surpresa havia as delícias de um sonho. A Sra. Feliciana, única pessoa do grupo que parecia bem acordada e com algum espírito, perguntou a Guilherme quatro coisas de pancada: 1ª como tirara o retrato da sua

filha sem a ver? 2ª quem lho encomendara? 3ª se o fizera para o vender? 4ª quanto queria por ele?

Guilherme Nogueira, como estas perguntas o avocassem a vida chata e real, recobrou ânimo; e, depondo a paleta, chegou duas cadeiras às senhoras e rogou que o desculpassem de as receber inesperadamente com a sua véstia de trabalho.

— Está muito bem — disse a Sra. Feliciana — , cada qual na sua casa está como pode ou como quer. Pois o retrato — prosseguiu ela, a deixar cair a mantilha para a cintura — , o retrato é a minha Teresa; falta-lhe só falar: não é assim, menina?

— Sim... ele... — murmurou Teresa.

— Ainda não está concluído — disse Guilherme.

— Pois eu quero comprá-lo, custe o que custar — insistiu a mãe.

— Não lhe custará nada, a minha senhora — disse o artista — , se me dá o prazer de lho oferecer.

— Nada, isso não quero: é o seu modo de vida.

— Não é o meu modo de vida: eu não sou pintor.

— Mas então para que pintou a minha filha?!

— Retratei-a... porque... Os pintores costumam, quando pintam as imagens dos altares, reproduzir as feições mais belas que viram e não esqueceram.

Ele balbuciava. e Teresa, abaixando os olhos, torcia a pontinha do lenço.

— Ah!, então vossemecê sempre pinta santas? — acudiu com bastante lógica a Sra. Feliciana.

— Não, a minha senhora, não as tenho pintado.

— Ah!, não? É que a minha filha vinha encomendar-lhe uma Santa Teresa de Jesus.

— Estou às suas ordens, a minha senhora — disse ele a Teresa. — Não me será difícil copiar alguma imagem que a senhora me indique.

— Muito agradecida. Eu não queria dar incómodo ao Sr. Guilherme.

— Com efeito! — repisava a mãe, bracejando. — Fazer assim o retrato da minha filha, tal e qual!, olhos, nariz, a

cova da barba, os cabelos ruivos! Credo! Acho que vossemecê só viu a minha Teresa uma vez...

— Duas, a minha senhora; uma na sacristia da Senhora da Oliveira e outra no adro.

— Faz amanhã oito dias — confirmou a menina.

— Bem diz o meu homem que vossemecê tem grande cabeça! — tomou a mãe. — Pois enfim, eu quero este retrato para o dependurar no meu quarto. O meu Joaquim, no vendo, é capaz de lhe dar por ele uma moeda de oiro!, isso é!

Teresa fez um gesto de insofrido pejo. Guilherme compreendeu-a; e, no íntimo da alma, adorou-a e compadeceu-se dela.

— Já lhe disse, a minha senhora — repetiu ele, sorrindo benevolamente — , que muito cedo terei o prazer de lhe remeter o retrato da sua filha, visto que a senhora me faz o favor de o aceitar.

— Pois então ficamos tratados — concluiu a esposa do curtidor; e continuou: — Ainda lhe não disse tudo a que vim. Trago aqui uma pouca de prata velha, a ver se

vossemecê me faz dela um par de castiçais bonitos para o meu oratório.

— Eu não trabalho nesta espécie; mas encarrego-me de os mandar fabricar, e espero que hão de ficar ao gosto da senhora.

— Eu não pesei a prata — observou ela magnanimamente.

— Nem seria preciso... Tenho confiança nos oficiais do meu pai, que é um ourives pobre, a minha senhora; bastará dizer-lhe que o meu pai trabalha há quarenta anos e é um ourives pobre.

— Pobre é o Demo, Deus me perdoe! — emendou ela. — Quem tem a graça de Deus não é pobre. Ninguém é pobre senão de juízo. Ai!, que são horas, Teresa, vamos para casa, que o teu pai, assim que dá meio-dia, quer ver o jantar na mesa.

E, circunvagando a vista pelas paredes do quarto, exclamou:

— O que aqui vai de painéis! Deixa-me ver isto, que é tão bonito!

Enquanto ela se abeirava dos quadros e fazia as suas reflexões mais ou menos tolas, Teresa, que não a seguira, olhava a fito para Guilherme, que a contemplava com a penetrante fixidez não sei se da arte se do coração. O que sei é que ele,. de repente, pegou do pincel e retocou no retrato as sombras que orlavam as pálpebras, alternando olhares avarentos entre o original e a cópia. Teresa de Jesus, neste lance, como não pudesse voltar o rosto, coloriu-se de um vivíssimo escarlate, como se os olhos do seu retratista lhe levassem a face o ardor dos primeiros beijos.

A mãe, a voltar a cabeça para convidar a filha a ir ver uma coisa, reparou naquele colóquio mudo e achou a filha tão vermelha que, se o pintor não estivesse desviado e ocupado no retoque da pintura, pensaria que ele segredara à pequena alguma daquelas expressões inflamatórias que o seu Joaquim lhe dizia aos dezasseis anos.

O objeto que a Sra. Feliciana queria mostrar à filha era, dizia ela:

— Um Menino Jesus a trabalhar de carpinteiro com dois anjinhos aos pés, um a rir-se e outro a chorar.

Guilherme Nogueira sorriu-se, mas não explicou o quadro. As esposas dos curtidores de Guimarães, em 1822, eram todas, honra lhes seja, como a velha da Função, de Nicolau Tolentino, a qual

Pondo contra a luz a mão,

E crendo que nesta rua

Está São Sebastião,

De Vénus à estátua nua

Faz mesura e oração.

O quadro era uma rara e preciosa gravura de Bartolozzi, cópia de um quadro de Correggio, com a legenda: Cupid making his bow. É o deus de Citera fabricando o arco e tem sobre o estrado dos seus pés dois amorinhos alados, um que ri e afaga o outro, que chora. Soberba alegoria! Cupido prepara com um sorriso cinicamente divino o instrumento do riso e das lágrimas!

Observou Teresa à mãe que o Menino Jesus não se pinta com asas.

— Então quem é ele! — perguntou a Sra. Feliciana.

Teresa bem sabia quem ele era. A sua mestra ensinara-lhe a bordar cupidos com a cara quadrada, com as pernas gordas e asas de borboleta. A sua criada da cozinha também possuía dois lenços brancos com um cupido a retrós preto no centro e quatro fechados corações nas pontas; e bem sabia a inocente menina que estas prendas alegóricas eram os penhores da ternura de um anspeçada. (*)

[(*)Anspeçada é um posto militar da classe das praças, existente nas forças armadas de diversos países do mundo]

Sabia-o, e não respondeu; porém, como Feliciana quisesse por força morder naquele pomo vedado das belas-artes e estivesse para chamar o ourives a decidir a contenda, a filha puxou-lhe pela coca da mantilha e disse-lhe baixinho:

— Não pergunte.

A mãe encarou-a com a sobrancelha franzida de suspeitas e não disse mais nada a tal respeito.

— Vamos, que é tarde, vamos! — disse muito afreimada. — Adeus, Sr. Guilherme, adeusinho até à vista. Não se esqueça dos castiçais, nem do retrato.

Ora, ao despedirem-se, deu-se um caso de uma inocência pastoril digna das donzelinhas de Gessner. Teresa de Jesus, a deixar ir a mãe adiante, tirou uma florinha de entre um ramalhete que estava numa jarra do Japão, sobre a mesa contígua à porta; e, ao mesmo tempo, completou o êxtase de Guilherme com um sorriso lindo e travesso como o do Cupido de Correggio.

Um novelista, bem grávido de moralidades, não perderia esta oportunidade de dizer que naquela flor ia oculta a víbora; e, se soubesse latim, exclamaria latoet anguis. Eu, por mim, sei de tanta coisa pior, que factos desta singeleza dão-me vontade de os escrever como cenas adicionais ao ascético livro das Mulheres da Bíblia.

Este caso da flor, naquele tempo, e em Guimarães, seria considerado «um deboche» se se soubesse na Praça do Toural, onde o português se falava como hoje se escreve no Chiado. A menina arguida de semelhante devassidão seria rapada e recolhida para um asilo de convertidas que

naquele tempo eram os mosteiros. Pois bem! A magnitude do crime dá-nos a medida daquele amor! E eu, à luz de 1877, não conheço nada mais infantil, mais mavioso, mais idílico. E agradecer um retrato e uma paixão levando uma florinha em troca de um coração que deixa. Lindo, lindo! Quem não tiver alma para compreender isto, não leia novelas da natureza destas. Entenda-se com o meu ilustrado amigo o Sr. Ferreira Lapa e peça-lhe que lhe prelecione acerca dos melhores adubos, para que o seu engenho se não vá deste mundo sem alguma cultura.

Joaquim Pereira foi para a mesa, mas a comida só lhe passava da garganta empurrada pelo vinho, assim que a mulher lhe contou com entusiasmo maternal que o ourives fizera o retrato de Teresa.

— Quem diabo lhe encomendou isso? — perguntava ele. — Eu quero saber que lhe importa a ele a minha filha! Se cá o vejo em casa com o retrato, dou-lhe com ele nas ventas. Não quero retratos; não dou um pataco por ele. Pedaço de asno! O troca-tintas, pelos modos, não tem que fazer. Por isso o pai anda sempre com a sela na barriga! Não me tornas a pôr o pé na rua sem eu ir contigo! —

vociferou voltado contra a filha, a limpar com a toalha o queixo inundado do vinho do pichel. — Se eu te não levasse à Senhora da Oliveira, já o pelintrão não te via...

— E que tem que visse? — interrompeu a Teresa com os olhos afogueados e um de sobranceria petulante. — Olhe lá que me não comesse algum bocado!

— Não me lavres fora do rego, Teresa! — redarguiu o pai. — Essa cabeça já não governa. Andas a chocar alguma asneira. Cuidado comigo!

— Ora vá, ora vá! — atalhou a esposa. — Também tens um génio que é preciso paciência de santas para te aturar. Que mal te faz a tua filha? O homem lá disse que o costume dos pintores é fazerem isso.

— Isso quê? — ululou Joaquim.

— Ele como disse? — perguntou a Sra. Feliciana à filha.

— Eu sei cá ... — respondeu a menina com desabrimento.

— Que disse ele? — instou o pai. — Quero saber o que ele disse, senão vai aqui tudo com mil diabos! — e

esbofeteava a mesa, a fazer dançar os pratos e o pichel.

— Disse que os pintores, acho que foi isto, quando viam raparigas, bonitas

— O quê?! — cortou ele, a esbugalhar os olhos. — Quando viam raparigas bonitas — Pintavam-nas para fazerem as santas — explicou a pobre Sra. Feliciana, enquanto a filha enxugava os olhos alagados em lágrimas.

— Pois que vá pintar santas a casa do Diabo, esse tratante! — bradou o curtidor. – a minha filha não quero que ela ande pintada em painéis! — E voltando-se para a esposa com um sorriso denegrido pelos dentes e pela raiva, rouquejou: — És uma besta! Não percebes nada! Ainda não adivinhaste que esse borra-botas te quer namorar a filha!

— Anjo bento! Ó língua danada!, cala-te, que estás a meter no Inferno a tua alma! Olha o pobre do homem, que está sempre lá metido com a sua vida; até por sinal me disse o sacristão que ele não queria saber de mulheres

— E para que foste perguntar isso ao sacristão? Que te importa a ti se

— Foi a conversarmos a respeito de ele não querer casar com a Emília do Pascoal.

— Fias-te em boas! Ele, que não tem onde caia morto, não quis casar com uma rapariga que há de ter os seus dez ou doze mil cruzados pra riba, que não pra baixo! Sempre és muito tapada, Feliciana!

— É o que me contou o sacristão ... Sabes que mais, Joaquim? – retorquiu energicamente a ofendida esposa.

— Trata das bombas, que é ofício leve, e deixa-nos em paz e sossego. Se a tua filha se meter no convento, depois queixa-te... Olha, eu aturar não te aturo. Pego em mim, e vou para onde ele for.

— Então achas direito — volveu ele mais aplacado pela arrogância da ameaça — , achas direito que o ourives te namore a filha?

— E ele a dar-lhe e a burra a fugir, e ela importa-se tanto com ele como com o tenente da cinta fina que tu dizias que a namorava; e mais fizeste à conta disso um escarcéu, em términos de querer mandar bater no homem. Olha, trata lá dos curtumes, e não te metas nestas coisas.

Eu cá estou. Não chores, Teresa. Come um bocadinho de marmelada, filha. Estás em jejum natural. Anda, come, menina.

— Não posso — soluçou ela, mais dolorida pelos afagos. — O que eu quero é ir para o convento, quanto antes.

— Vês o que tu fazes? — dizia a mãe voltada para o marido. — Vês? Aí tens! Não tenho senão esta filha ... e este maldito homem quer-me dar cabo dela! — E pegou a chorar com grande berreiro.

Nisto ouviu-se um gemer soluçante a distância. Era a cozinheira, que também levantara um choro cheio de notas consternadas, a formar tudo uma desarmonia lúgubre, que espavoriu Joaquim Pereira. Devia ser desabrida a sua dor, como a cólera dos blasfemos, quando se ergueu de salto, e desceu para o armazém, vociferando:

— Mas raios os partam!

***

A criada, que chorava, era da criação da menina, andava sensibilizada pelo amor do anspeçada e tinha as condolências próprias do coração adoentado pelos desfalecimentos da ternura. Muitas vezes, confidenciando os seus zelos magoados à ama, lhe dizia que não amasse nunca, porque o amor, se dava horas boas, dava outras levadinhas da breca. E então contava-lhe os mistérios da paixão, os infernos do ciúme e as ingratidões dos homens. Exemplificando estes casos funestos, dizia-lhe que apanhara com a boca na botija o seu anspeçada, conversando, na Rua da Carrapatosa, com a criada grave das fidalgas do Cano. E colhia duas lágrimas no avental, ao qual se assoava juntamente.

Depois que o patrão desceu para o armazém praguejando, a Caetana entrou na casa de jantar para unir o seu choro aos da família. A menina contou-lhe o caso do retrato, a mãe ajudava a filha, e a rapariga, sentada de cócoras entre as duas, ora abria a boca e abanava a cabeça, ora se benzia e punha as mãos em atitudes aflitas.

— E o retrato, a minha mãe? — perguntava Teresa. — A gente não o pode ter, porque o pai é capaz de o rasgar.

— Pois é, é… — obtemperou a Sra. Feliciana. — Bem me custa, filha; mas não o quero cá. É preciso mandar-lhe dizer que o não mande.

— Vou eu lá — disse Caetana.

— Pois quem há de lá ir senão tu? — disse a ama velha

— Amanhã, quando fores às compras, vai lá da minha parte, e diz-lhe que não mande o retrato da menina, porque houve bulha cá em casa à conta disso.

— Não digas assim — contrariou a Teresa. — O melhor será dizer-lhe que depois saberá a razão … Parece mal falar-lhe na bulha que cá houve. O Guilherme há de supor que o pai é um bruto.

— Ele é o seu pai — disse Caetana — , mas, á menina, que o leve o Manfarrico! Ele disse coisas que parecia que estava tocado da pinga!

— Então que é isso? — acudiu a Sra. Feliciana, abespinhada — , você falta ao respeito ao seu patrão? Eu não quero cá esses atrevimentos. Olha que te ponho na rua!

— A senhora queira perdoar! Eu disse isto porque tenho pena da menina e mais da senhora.

— Pois sim; mas não se diz que o seu amo está tocado da pinga, ouviu? Ora vai-me fazer chá da Índia, que não me sinto boa. Vocês dão conta de mim! Veio agora também o cão-tinhoso do ourives dar-me que sofrer!... O Diabo arma-as!

***

Joaquim Pereira, a voltar à noite, desforrou-se na ceia e recolheu-se ao tálamo com a esposa. Aí, amarrando na cabeça um lenço de paninho de Alcobaça, cruzou as pernas como um abencerragem no flácido colchão e tirou do peito, à mistura com os arrotos do alho do bacalhau, as seguintes expressões:

— Mulher, é preciso casar esta rapariga com o tio Manuel do Porto.

— Tomara eu, homem. Isso era uma pechincha, se ela quisesse — dizia a Sra. Feliciana espulgando uma meia.

— Sabes o que eu fiz esta tarde? Fui pedir ao confessor da pequena que a obrigasse a casar com o tio. E vai o tal fradinho da mão furada que me há de responder? Que não se metia nesses arranjos; que ninguém devia aconselhar uma menina nova a casar com um velho, porque era desgraça e tal etecetera. Vês que joia é o frade? E tu a mandares-lhe jeropiga e pastéis todos os meses! Se a rapariga lhe disser que quer casar com um menino bem maroto, isso então muda de figura... A religião foi-se, mulher! Já não há temor de Deus. Não quero que a Teresa se confesse mais ao franciscano, Ouviste?

— O fradinho bom é, homem! — contradisse a esposa inseticida. — A falar pelo direito, a nossa filha, que é uma lindeza, casada com o teu irmão, não sei o que me parece! Ora faz de conta que ela pegava a doudejar com homens lá no Porto?

— O quê?, a doudejar? — acudiu Joaquim, a fazer uma corveta na cama. — Doudejar com homens, ela! o meu irmão arrebentava-a com dois pontapés na barriga. Tu

então estás a ler! Não sabes que fígados ele tem. Da primeira mulher deu ele cabo com uma tranca, por causa de um caixeiro. Moeu-a, e ela ... esticou.

— Tu nunca me contaste isso! — disse a Sra. Feliciana com pavor.

— Pois sabe-o agora.

— Olha se eu dava a minha filha a esse Herodes! Credo!, que vá casar com o Diabo que o leve, Deus me perdoe!

— Adeus, a minha vida, que elas armam-se! — retrucou o marido, iracundo. — Se me vens ralar prá cama, vai-te deitar com a filha, e deixa-me.

E coçava as pernas com frenesi, como se o sangue alvoroçado lhe fizesse brotoeja.

— Lá por isso não te aflijas, que eu safo-me já — disse ela de repelão; e, a levantar do sobrado a troixa do vestido e do saiote, saiu com grande velocidade e um rijo bater de chinelas nos calcanhares.

Quando entrou no quarto da filha, ainda lá estava Caetana.

— Não o posso aturar — disse a esposa expulsa, a atirar a troixa para cima de uma arca. — Venho dormir contigo ... Estiveste a escrever? — perguntou ela, vendo um tinteiro de chifre desenroscado sobre a mesa com uma pena de pato ao lado.

— Foi a Caetana que me pediu se lhe escrevia uma carta à mãe para a vir buscar no Natal.

Feliciana contou à filha o caso hediondo do assassínio da mulher do tio com a tranca por causa do caixeiro. Deste modo fazia a Teresa a revelação de um adultério e fermentava-lhe no espírito virginal a compreensão da culpa e do castigo. A imagem truculenta do tio Manuel do Porto apareceu-lhe em sonhos, e o meigo sorriso de Guilherme alvoreceu-lhe o despertar com as alegrias de uma revoada de andorinhas que chilreavam no beiral do telhado.

***

Ao outro dia, quando o artista abria a porta da sua oficina, já Caetana o esperava no pátio. Disse ela que era criada da

Sra. Teresinha de Jesus.

— Ah!, vem buscar o retrato? — perguntou ele, receoso de que lhe não dessem tempo a tirar cópia.

— Nada, não venho — e entregou-lhe uma carta. — E a menina que manda isto.

O ourives rasgou o papel à volta do quadrado de obreia vermelha que media polegada e meia e leu isto, que não vai textualmente ortografado:

O meu retrato deixe-o lá ficar para se não esquecer de mim. Desejo muito ter o seu para o ver a todas as horas, e morrer com ele ao pé do meu coração. Domingo espero vê-lo à missa dos carmelitas. Eu vou para o altar de S. Francisco. Desta que só por morte deixará de o amar. — T.

Não é o estilo das meninas que extasia as almas sinceras. Um coração em flor compraz-se nos delitos gramaticais da mulher adorada. Os homens que se encantam com retóricas, e preferem uma engenhosa metáfora para uma ingénua tolice, são os que têm verdete no coração em resultado das oxidações, das ferrugens que lá se formaram pelas lágrimas das primeiras paixões. Guilherme recebia,

pela primeira vez, um bilhete de amores, e deletreava aqueles caracteres com a reverenciosa adoração de Moisés quando lia as Tábuas da Lei. Queria responder logo; mas sentia-se obtuso: porque as surpresas das felicidades desta espécie entupem. Caetana, encostada à ombreira da porta, meio dentro, meio fora do gabinete, impunha-se o dever de estar só por metade na companhia de um rapaz: era um preito a si mesma e à fé jurada ao anspeçada. Guilherme mandou-a entrar e sentar-se. Ela respondeu que estava bem e que não podia demorar-se porque tinha de levar o pão para o almoço dos amos.

— Se quer responder à carta, responda — disse ela — , que eu vou às compras e volto logo por aqui.

Foi; e, entretanto, Guilherme escreveu coisas que eu não vi nem já agora seria capaz de conjeturar. Devia de ser aquela carta a alvorada de uma aurora de Junho: flores, aromas, gorjeios, murmúrios, brisas. As brisas são posteriores, agora me lembro: começaram a bafejar os poetas portugueses quando Garrett as trouxe de França em 1832. Antes disso eram termo de náutica. Os românticos é que exploraram todos os elementos para serviço e culto das

damas. Hoje, portanto, é talvez impossível concertar com frases de 1822 uma carta de amor como a poderia escrever o sentimental Guilherme à filha de Joaquim Pereira.

Como quer que fosse, estabeleceu-se a correspondência de três em três dias; e, ao cabo de três semanas, Teresa de Jesus escrevia-lhe muito aflita contando-lhe que o pai teimava na casar com o tio Manuel.

Guilherme confidenciara ao cónego, o seu parente e amigo único, a história do seu coração, desde que começou a retratar de memória a peregrina rapariga. O padre Norberto de Araújo assistira à miraculosa aparição de Teresa na tela e dizia que o amor fazia coisas sublimes e coisas infames. Nas sublimes arrolava aquele retrato e nas infames metia os casos eróticos dos seus colegas. Conhecia as canas de Teresa e confiava nos intuitos honestos do seu sobrinho. Não queria o ourives que se lhe falasse na riqueza da noiva; porém, o beneficiado era de parecer que o dote lhe não prejudicava as outras qualidades excelentes. Tinha dito que, amadurecidos os frutos do amor, isto é, convencidos os namorados da solidez da sua mútua simpatia, iria ele mesmo pedi-la a Joaquim Pereira. À vista

da última carta de Teresa, o cónego, apressurado pelo sobrinho, procurou o curtidor na fábrica, chamou-o de parte ao escritório e fez-lhe um preâmbulo comprido e fundo de mais para a capacidade do ouvinte. Afinal, ao entrar na matéria, o curtidor, que o percebeu, interrompeu-o com bruta cólera:

— Ora, Sr. Cónego, sabe que mais? Bolas! Adeus, o meu amigo, estamos conversado.

— E virava-lhe as costas.

— Que resposta é essa, Sr. Joaquim?! — disse o prebendado. — Isso são maneiras? Vossemecê pensa que está a falar com algum lagalhé? (*) Olhe que eu sou o cónego Araújo. Comigo não se brinca.

[(*) Zé ninguém]

— Nem comigo! — retrucou o curtidor com um sobrecenho democrático precursor dos grandes ares que hoje em dia entumecem os curtidores de Guimarães. — O que quer então a vossa Senhoria.? Vem cá com essa asneira, e queria que eu o tratasse com toda a política, hem? Pois o senhor pensava que eu estava aqui a trabalhar

há quarenta anos para ganhar dinheiro para o tal ourives? — E, metendo as mãos nos sovacos, prosseguiu alteando o peito e sacudindo a cabeça. — Ouça lá o senhor! Um pai tem uma filha, que há de ter um bom dote para o marido que o pai lhe escolher; mas um banazola de um oficial de ourives quer-lhe a filha e o dinheiro; e vai o pai pega na filha e no seu trabalho de quarenta anos e dá-lhe tudo. «Pegue Lá, o seu pedaço d'asno, aí tem a minha filha e o meu dinheiro! Gaste-o à vontade!» Que me diz o senhor a isto? E direito?

A indignação sufocava-o, e abafá-lo-ia, se não resfolegasse por frases que não são justamente a eloquência dos pais das comédias mas que são a nua e estreme verdade do direito dos pais rústicos e dos pais instruídos.

O padre Norberto gaguejou expressões que o industrial não ouviu, porque, a gritar e coçando a cabeça às mãos ambas, andava e desandava com frenética inquietação na quadra do escritório.

De repente, parou, dardejou ao cónego um olhar minacíssimo e exclamou:

— Se vejo rondar-me cá pela porta esse patife, vou ali fora com um estadulho e ponho-lhe as costelas num molho.

— Você não é capaz de lhe bater, Sor Joaquim! — replicou o cónego casquinando um froixo de riso zombeteiro. — A cadeia não se fez para os cães.

— Não sou? Pois diga-lhe que venha cá! — bramiu o progenitor de Teresa. – Sabe que mais? Rua!

— Cá vou — concluiu o padre. — Conversaremos.

O cónego ia afrontado, enxugando as camarinhas do suor que lhe aljofravam a púrpura das faces. Entrou no quarto de Guilherme ofegando e disse com espaçados intervalos de dispneia:

— A besta fez lá o diabo. Não te dá a filha e diz que te bate, se lá passares. Parecia um energúmeno; não fazes ideia. Berrava como um boi, e fazia uns trejeitos horríveis. É a mais baixa espécie de canalha que eu tenho visto. Eu ia preparado para a resistência: esperava questionar, e movê-lo afinal; mas não me deu ocasião a raciocinar.

Destemperou logo de modo que eu, se não tivesse esta coroa e estas vestes, respondia-lhe com dois bofetões

quando ele me mandou pôr na rua.

— O que eu lhe fiz sofrer, o meu tio! — disse Guilherme com afligido gesto. — E que fará ele agora à filha!

— É no que eu vinha pensado; mas chegaram as coisas a termos que não há que esperar nada de panos quentes. Aqui agora é meter a cabeça e ir para diante, ou desistir do casamento. Queres casar ou desistes?

— Se o meu tio tem de sofrer mais dissabores, desistirei, embora a paixão me mate.

— Os dissabores que eu havia de passar, passei-os. Fui muito ofendido na minha pessoa e na minha dignidade. Eu ia pedir-lhe a filha para ti, que és um rapaz honrado; e ele repeliu-me como se eu lhe fosse propor uma infâmia. Se o selvagem me respondesse que não, em termos hábeis, eu respeitaria o seu direito, e dir-te-ia que o respeitasses também; mas desde o momento em que ele nos insultou a ambos, jurei que havias de casar com Teresa, se ela sustentasse a palavra. Portanto, é decidir.

— Meu tio já decidiu. Ainda que ele nada lhe dê, eu trabalharei em dobro para nos sustentarmos.

— Onde tu não chegares, chego eu; mas vocês têm de fugir, porque a rapariga é menor, e as leis são rigorosas com os raptores. Tu tens um parente em Zarza, na Espanha; é o meu irmão Pedro, que lá casou e vive abastadamente. Vocês vão daqui recebidos; isso por força; a minha consciência há de ficar sossegada pelo que respeita à legitimidade da vossa união; escrúpulos em matéria de sacramento eu os abjuro. Confio num vigário que os case clandestinamente. Depois, passam a raia e seguem para a Estremadura espanhola. Tu lá com os meios que eu te der e com a habilidade que tens podes abrir loja de ourives e viver confortavelmente pelo teu ofício, até que o teu sogro se reconcilie. Ou isto, ou nada.

— Pois seja assim! — disse Guilherme Nogueira sem aquela veemência dos corações alucinados.

Olhou em volta de si com um rosto mortificado. Parecia estar já a sentir saudades do seu laboratório, dos utensílios que o serviam nas suas serenas horas de trabalho. Olhou para os quadros, e deteve-se a contemplar o retrato de Teresa. Carecia de animar-se e convencer-se de que a formosa menina merecia que ele se privasse dos sossegos

desambiciosos do artista e se abalançasse às perturbações e ao desterro. Não era escassez de amor aquele antagonismo que lhe punha a alma em dolorosa perplexidade. Era o hábito da solidão, era a fantasia, a formidável, a pior rival das mais adoradas mulheres.

O cónego parece que não tinha a experiência pessoal daquelas lutas interiores.

Estranhou-lhe a frieza e perguntou-lhe se estava triste com a ideia de fugir.

— Triste... sim. Custa-me a deixar o meu pai, que não tornarei a ver. Quase que passei a minha vida neste quarto... Tudo isto me faz... pena...

— Então, Guilherme, deixa-te estar — atalhou o cónego — , pensei que amavas apaixonadamente Teresa, por isso me prestei a coadjuvar-te. faz de conta que nada feito. Se podes ser feliz sem ela...

— Feliz!... Nem com ela nem sem ela, o meu tio.

— Essa é boa! Vão lá entender este esquisito homem!

Ainda esta manhã me falavas em morrer por ela... Que contradições, que incoerências!

— Olhe, o meu tio, eu não me desdigo... Posso morrer por ela... mas não desejo a vida que ela me pode dar sacrificando-lhe o meu pai e a minha reportada pobreza nesta oficina.

— Bem — disse o cónego, menos maravilhado do amor filial do rapaz que espantado da sua versatilidade. — Não falemos mais nisto. O casamento convinha-te, se a noiva viesse, a beneplácito do pai, da igreja para aqui, com o seu dote...

— Não me diga isso! — interrompeu Guilherme. — Eu teria menos dificuldade em desamparar o meu pai e desterrar-me se ela fosse tão pobre como eu. Ninguém foge com as mulheres pobres... Toda a gente dirá que eu arrebatei uma rapariga como quem rouba uma esperançosa herança...

Neste momento batiam com precipitação à porta e chamavam Guilherme. Era a criada de Teresa de Jesus. A esbaforida Caetana titubeou quando viu o cónego.

— Pode falar — disse Guilherme.

— A menina não pôde escrever-lhe e manda-lhe dizer que o pai deu ordem para estar pronta depois de amanhã, que vai para o Porto. Acho que a vai meter num recolhimento ou vai casá-la com o monstro do velho. A Sra. Feliciana está a chorar e o patrão anda a barregar e a fazer espantos pela casa que é mesmo um horror da morte! A menina já disse que se mata, se o pai a levar. Ai!, que inferno lá vai em casa! Caramba!

Guilherme olhou para o padre. O cónego encolheu os ombros, estendeu os beiços, abriu os olhos e disse:

— Eu não digo nada... Lavo as mãos. — E fez o trejeito de Pilatos.

Guilherme, que não queria tratar o novo assunto diante de Caetana, disse-lhe que viesse de tarde contar o que se houvesse passado, e então levaria uma carta à menina.

— Escreva-lhe ao menos duas palavras para a sossegar, Sr. Guilherme... — pediu a criada.

O artista sentou-se à banca, pegou da pena e, com a mão trémula e fria, escreveu:

Teresa: conta com o meu amor e com a minha vida. Se por a minha causa fores desgraçada, morrerei.

E mostrou o bilhete ao cónego, que lhe observou:

— Vê lá o que fazes, Guilherme!... E se ela te entrar por aquela porta dentro?

— Isso quer ela! — afirmou Caetana. — Já me disse que foge, passado amanhã, assim que for noite. O senhor conte com isso, senão ela é capaz de tomar rosalgar.

Guilherme apertou a cara nas mãos, curvou a cabeça e murmurou:

— Que fatalidade! — Depois levantou-se de golpe e disse com resolução à criada: — Entregue-lhe a carta e venha dizer-me as tenções da sua ama, logo que puder.

A criada sofraldou a saia e desatou às carreiras com grande alegria; mas, como encontrasse o anspeçada, pôs a mão na cintura, assentou o pé de esconso a mostrar a chinela amarela, pôs-se a trincar a ponta do lenço azul e abriu colóquio de amores e ciúmes por causa da criada grave das fidalgas do Cano. E, a querer confundir o ingrato amante com um exemplo de amor de raiz, contou-lhe que a sua ama

ia fugir para a companhia do ourives e que ele era tão amigo dela que até por sinal lhe escrevera a dizer-lhe que se pisgasse. E mostrou a carta fechada.

— Olha o milagre! — disse o anspeçada. — Tomara eu que raparigas assim quisessem fugir comigo! O ourives então apanhou a franga, hem? Que grande maroto! Pechinchou, sim, senhor. O velho há de dar urros quando souber que a pequena se pirou.

***

Entretanto, dizia o cónego a Guilherme:

— Se ela fugir, não pode entrar nesta casa sem ser tua esposa. Todas as paixões de origem nobre se coonestam por atos religiosos. Grite embora o mundo; mas purifique-se a paixão. Deus está na consciência. Eu figuro nesta cena; e portanto quero sair dela segundo o meu carácter sacerdotal. Primeiro vou prevenir a minha irmã de que Teresa de Jesus irá para a sua casa. Depois vou escrever ao vigário de Ronfe para que vos dê lá as bênçãos. Quer-se-me

cá meter na ideia que o Joaquim Pereira, em saber que vocês estão legitimamente casados, não te persegue judicialmente, e afinal ficas em Guimarães, com a tua família, e mais hoje, mais amanhã, fazes as pazes com o sogro, e estás aí rico e feliz, trabalhas quando quiseres como divertimento, e alguma peça que queiras vender hão de pagar-ta pelo que tu pedires. Ganha alento, rapaz! Parece que não tens o sangue dos vinte anos! Olha como ela está a olhar para nós tão meiga e apaixonada! — E apontava com a bengala para o retrato.

***

O cónego saiu e Guilherme subiu ao quarto do seu pai, que estava doente.

— Há tanto tempo que me não vieste ver, Guilherme! — disse o velho. — Esteve contigo o cónego?... Parece que choras?. Que tens, filho?... Aquele retrato... aquele retrato!... Todos amam, toda a gente tem a sua época de loucura; mas... amor que faz tristeza.., melhor fora que o

não encontrasses, o meu filho... Ao princípio vi-te mais alegre, passeavas, trabalhavas com satisfação... Depois, assim que começaste a escrever-lhe, caíste num abatimento impróprio dos teus anos; e, afinal, agouro-te grandes desgostos. O pai decerto não ta dá, e eu tenho a certeza de que um o meu filho é incapaz de casar com uma menina contra vontade do seu pai...

Guilherme, com as lágrimas no rosto, pegou da mão do velho, beijou-lha inclinando-se-lhe sobre o peito e disse, soluçando:

— Vou-lhe confessar tudo, o meu pai...

Referiu todos os sucessos ocorridos naquele dia, desde a ida do cónego a casa do Joaquim Pereira até ao bilhete que ele enviara a Teresa de Jesus. O pai ouviu-o e murmurou com a voz serena, mas com o coração traspassado:

— Não te amaldiçoo; para tua desgraça, será bastante o ódio do mundo. Devias ter-me dito a mim o que disseste ao padre Norberto. Aconselhou-te mal, porque a sua mocidade foi má e não pagou o mal que fez. Devias consultar aqueles que caíram nos barrancos dos caminhos infamados.

Consultasses teu pai, que até aos vinte e cinco anos dissipou a saúde e os bens; daí em diante fez penitência no trabalho e na pobreza; aos quarenta mereci que Deus me desse tua mãe; e quando ela me deixou contigo nos braços, pedi-lhe que te deixasse a ti o seu bom coração. Não chores agora, que não remedeias nada. Pede a Deus coragem para quando te vires em grandes trabalhos.

Descansou um pouco e prosseguiu:

— Não te ficaria mal escrever a essa imprudente menina a pedir-lhe que não fuja da sua casa. Se és capaz de o fazer, és homem de bem. Se ela por isso te aborrecer, acharás indemnização na tua consciência. Podes fazer isto?

— Posso, o meu pai — disse Guilherme afoitamente.

— Pois então, abençoado sejas! E se, para a esquecer, precisas distrair-te, na gaveta pequena daquele contador estão vinte moedas, vai até à corte, tens lá muito que ver em artes, e volta quando te chegarem saudades do teu buril e do sossego da tua vida passada.

Guilherme desceu ao seu quarto heroicamente. Ia cheio da coragem de Eneias; mas faltou-lhe Mentor que o atirasse

de chofre às vagas. Assim que abriu a porta, o retrato de Teresa pôs-lhe uns olhos tão suplicantes que ele sentiu-se vexado da sua pusilânime ingratidão. Sozinho, em frente dela, parecia-lhe amá-la em dobro; volvia àquele amor, sem esperança e por isso mais intenso, dos dias em que a retratara.

Escrever-lhe a carta, como o pai lhe pedira, figurava-se-lhe agora uma vilania. O homem era desgraçado porque era fraco. Nem tinha uma razão rígida nem sentimentos poderosos. as suas grandes faculdades eram abstrações e fantasias. Agora entre sacrificar o coração ao pai ou o amor filial a Teresa, nem tinha severas virtudes de filho nem fortes energias de amante. Marasmara-lhe a alma a sua própria atividade, estranha às correntes naturais da vida exequível. Havia de ser muito infeliz quando o peso da realidade o não deixasse exceder o nível dos contentamentos pautados pela razão.

***

O anspeçada, sabendo da missão de Caetana, posto que ela lhe recomendasse segredo, logo que se afastaram, foi ao Rossio do Mestre-Escola, entrou na loja do barbeiro Anselmo e contou que a filha do Joaquim dos Coiros fugira com um ourives mágico da Rua das Donas. (Chamavam dos Coiros a Joaquim Pereira em razão da sua indústria.) Dali passou à Rua de Alcobaça e disse para um sapateiro que os vira fugir às quatro horas da manhã, cada um no seu cavalo.

Duas horas depois, por toda a vila e extramuros de Guimarães grassava a notícia de ter fugido Teresinha, a rica e linda herdeira da Rua dos Fornos, com o Guilherme Nogueira. Uns diziam que para Lisboa, outros para a Galiza; mas já havia quem os tivesse encontrado em Santo António das Taipas, caminho de Braga.

Joaquim Pereira tinha bastantes inimigos que o lastimassem, e a Sra. Feliciana também tinha as suas relações. Três senhoras da Rua das Pretas, proprietárias rurais e fabricantes de colchas, de alcunha as Palaias, assim que souberam o caso funesto, vestiram-se de sarja e foram visitar a infeliz mãe. Da Rua Sapateira também saiu

no mesmo propósito, com aspeito mortuário, o Sr. Francisco Pote com a sua mulher e filha.

Dos grupos que se apinhavam nas Praças do Toural e da Oliveira destacavam pessoas das relações de Joaquim Pereira a ir dar-lhe os pêsames, e pelo caminho iam vociferando contra o corregedor e juiz de fora, que não mandavam quadrilheiros à cata do raptor. Esta gente escandalizada chegou quase simultaneamente à porta do curtidor, e entrava no pátio em silêncio, a dizer entre si à surdina expressões condoídas pela sorte daqueles desgraçados pais.

Bateram à porta de mansinho. Uma das Palaias asseverava que ouvia gemer. A esposa de Pote parecia-lhe que ouvia cantar a rapariga.

Caetana abriu a porta. Viu aquele povoléu no pátio e foi dizer à ama que eram as Palaias e mais o poder do mundo. Feliciana assustou-se e mandou entrar para um salão decorado com boa mobília de jacarandá e rimas de coiros prontos para embarque.

Entraram as famílias a passo surdo e fúnebre na sala. Joaquim não estava em casa. Apareceu Feliciana com assombrado rosto. as suas amigas da Rua das Pretas acercaram-se dela com as caras compungidas, abraçaram-na uma por cada vez, em silêncio, e depois disseram todas de pancada:

— Tenha paciência, Sra. Felicianinha...

— Desgraçado de quem nas tem! — disse o Sr. Francisco Pote, pai de família, que era sogro de um segundo-sargento que lhe arrebatara uma filha. — Desgraçado de quem nas tem, Sra. Feliciana! — repetiu ele, amaciando o pelo arrepiado do chapéu alto com o cotovelo.

— Quem diria!, uma menina tão rezadeira! — acrescentou uma das Palaias. – Quem diria!...

— Quem diria o quê? — perguntou a dona da casa. — Se eu os percebo, sebo!

As três irmãs olharam-se com recíproco espanto e Francisco Pote olhou de esguelha para a esposa, que estava mais desviada, segredando à filha mais velha:

— Olha que bons trastes de pau-santo têm estes brutos debaixo dos coiros!

Feliciana, como ninguém respondesse à sua pergunta, voltou-se para todos para um tempo e interrogou:

— Que diabo de história é esta, Deus me perdoe? Tanta gente! Parece que morreu aqui alguém!

— A mim disseram-me... — tartamudeou Francisco Pote.

— E a nós também ... — acrescentaram as Palaias.

— Que lhe disseram? Desembuchem! — atacou a mãe de Teresa.

— Que a sua filha tinha fugido — responderam duas vozes.

— Que a minha filha tinha fugido? Oh!, que almas danadas tem Guimarães! – E voltando-se para dentro, bradou: — Ó Teresa!, ó Teresa!, vem cá dentro mostrar-te a esta gente!

— Melhor foi assim! Quanto me alegro! Dê cá um abraço, a minha Sra. Feliciana! — acudiu o Pote por entre um estrídulo vozear de alegres exclamações.

Ao mesmo tempo, entrava Teresa com jovialíssimo rosto e subia as escadas Joaquim Pereira, esbaforido.

Quando se aproximou à porta e viu tanta gente, o curtidor bradou:

— Cá está a mesma pouca-vergonha, não querem ver vocês?! Venho a fugir da fábrica. São os meus inimigos que espalharam esta patifaria. Um magote de pessoas a dizer-me que a minha filha fugiu esta madrugada! Os meirinhos a perguntarem-me se eu quero que eles a vão prender a Braga! E a minha filha aqui! Ó senhores!, eu dou cinco moedas de ouro a quem me disser quem foi que espalhou esta peta! Dou dez, dou dez moedas de ouro!, quero levar à forca o ladrão ou a ladra que pôs a boca na minha filha!

E, voltando-se para Teresa, prosseguiu:

— Rapariga!, não queiras estar nesta terra de brejeiros! Depois de amanhã vamos para o Porto, está decidido; mas amanhã hás de passar o dia no Largo do Toural; quero que toda a gente te veja na janela da tua tia Rosa!

— Não se apoquente, o meu pai! — atalhou Teresa. — Deixe-os falar! Que me importa a mim o que diz a canalha?

— Nem todos são canalha, a minha Sra. Teresinha! — observou Francisco Pote, ofendido pelo gesto de desdém com que ela relançou a vista ao grupo das visitas. – Eu vim cá e mais a minha família cumprir um dever de política.

— Ora adeus! — contraveio o curtidor. — Não entendo essas políticas.

— Se vossemecê não entende — retrucou o Pote — , isso é outro caso. Ninguém nasce ensinado. A política manda isto; ora agora...

— Ora agora o quê? — replicou Joaquim Pereira. — Olhe, Sr. Francisco Pote, eu de políticas entendo que o melhor é cada qual meter-se com a sua vida. Vá com esta.

— Boa asneira fiz eu em cá vir, é o que se segue.

— Fez, e não vá sem resposta — concluiu o curtidor — ; olhe se se lembra que eu, quando a sua filha fugiu com o segundo-sargento, não fui a sua casa. Importa-me lá que as filhas dos outros fujam, nem que as leve o Diabo?!

SEGUNDA PARTE

Depois que as visitas saíram despedidas com a mais original ingratidão que tenho divulgado em letra redonda, Joaquim Pereira dirigiu à filha palavras extraordinariamente meigas. A menina pintava-se-lhe uma criatura exemplar, logo que, podendo ter fugido como se espalhara, não fugiu; antes pelo contrário, se mostrava satisfeita com a ida para o Recolhimento portuense da nossa Senhora, que depois se chamou de S. Lázaro, e naquele tempo era um proscénio obscuro de farsas e tragédias que eu bosquejei na Filha e Neta do Arcediago quando fazia a história dos cabidos do meu pais. Animou-se a falar-lhe ainda no tio Manuel, sem atender aos cotovelões disfarçados que a esposa lhe atirava; e a menina, com a mais capciosa indiferença, não se denunciava alegre nem triste pela pertinácia do pai.

Assim que pôde esconder-se para escrever, Teresa de Jesus deu trela ao coração, a traçar com firme pulso o plano da fuga, a hora, a ocasião, os pormenores, tão confiada na felicidade que dava ao amado como disposta a remover pela energia ou pela dissimulação todos os tropeços.

Formara-se de improviso aquela condição viril e temerária. as suas crenças religiosas, feitas no confessionário, eram superficiais, sem bases sólidas de raciocínio, tecidas das formidáveis bagatelas que um raio de luz inteligente, ou um sentimento forte da personalidade, desfazem sem deixar sequer como resíduo as santíssimas coisas que Jesus Cristo ensinou para dirimir as péssimas que os rabis ensinaram. A Teresa bastou-lhe o amor humano para que, de improviso, se lhe esfriasse o calor artificial em que a flor do divino amor se abrira não espontânea e bela, mas forçada e fenecida ao lume dos castigos materiais. O seu confessor era bom, era misticamente instruído como o maior número dos melhores frades da ordem seráfica; mas não sabia recomendar de outra maneira o amor de Deus. Encarecera-lhe a bem-aventurança dos que renunciam aos bens do mundo e se absorvem na contemplação de delícias incorpóreas. Influía num organismo de dezoito anos ideias que as almas abraçam agradavelmente quando a matéria cansada já não se revolta, se a imolam ao espírito. Aconteceu, porém, que os dezoito anos de Teresa de Jesus exuberavam sangue rico de glóbulos rubros, uma estrutura nervosa bem tecida e vitalizada nas rijas fibras que herdara

da mãe sanguínea e do pai possante — um casal de minhotos duros, com o pulso de aço e estômago de diamante. Nos elementos da educação religiosa que lhe incutiram, a submissão aos pais era a mínima parte do catecismo; porque o principal dever que lhe insinuaram tinha sido a submissão de Kempis, o exalçamento da alma às aspirações do Céu. Ora quando os primeiros estremecimentos de uma força involuntária lhe impulsaram os olhos embelezados no rosto de Guilherme, as iriadas nuvens que lhe envolviam o sol místico da vida eterna rarefizeram-se; e ela, em vez de achar um Deus, encontrou um homem.

E, como entre Deus e os seus pais a mal explicada religião lhe não intermetera deveres, Teresa, afeita a amar a Deus estreme de submissão aos pais, entendeu que não carecia do beneplácito deles para amar um homem. Isto não seria um raciocínio de primeira força; mas era muito pior, porque vinha a ser a primeira força de um raciocínio — trocadilho que, por ser desprezado, faz que muitos pais troquem os pés pelas mãos.

***

A carta de Teresa de Jesus chegou no momento em que o ourives punha a sua ternura de filho numa das conchas da balança e na outra o seu amor de namorado; porém, na segunda concha, quando ambas se equilibravam ouro fio, caiu um excedente de peso: eram as lágrimas. Esta fragilidade, devo pois de haver prometido ao pai haver-se honradamente, atormentava-o; e, além disso, vexava-o a vergonha da sua fraqueza feminil perante a mulher forte que varonilmente lhe dava exemplo das paixões decisivas. Uns brios, que então movem a vaidade, são mais violentos que o amor. Todo homem tem parte dos cavaleiros das antigas novelas; se não expõe a vida no passo defeso em honra da sua senhora com a lança no riste, sacrifica-lhe a honra, o sossego e a felicidade. Se ainda há estimulo a heroísmos perigosos, é a mulher Estive quase a escrever: é o dinheiro; mas eu, quando penso em assuntos amorosos, tiro vinte anos à minha vida como quem tira vinte bagos sorvados de um cacho de uvas; depois, transfiguro-me,

refaço a sociedade como a deixei, e imagino que ela parou comigo.

No meu tempo amava-se muito. É por essa quadra de flores que a minha imaginação se esvoaça como a abelha à volta das corolas de um ramal de rosas. Sou do período dos aéreos perfumes; este agora é o dos sons metálicos. As almas então eram leves, voláteis, e vestiam-se com os raios prateados da Lua; hoje, ouço dizer que os corações estão pesados e retraídos dentro dos seus espinhos de ambição, cobertos de pomos de ouro como os ouriços-cacheiros no estrado das macieiras.

Minhas senhoras, as vossas Excelências não imaginam como as suas mães foram amadas! Nós éramos românticos. Não tínhamos mais dinheiro que estes bancos rotos de hoje em dia; mas tínhamos papéis que valiam mais que os deles: eram sonetos. Estes sonetos é possível que não fossem muito boas ações; mas não enganavam tantas famílias como as bancárias. Um rapaz com seis pintos, uma lira de pinho de Flandres e alguns suspiros fazia conquistas de lágrimas: e quando ele passava, envolto no capote e no mistério, alta noite, a olhar para os terceiros andares, fazia

desmaios de amor. Sei de casos lacrimáveis, que hoje fazem sorrir a geração nova, que nasceu com a alma oxidada como um pataco de D. João VI.

Entre 1846 e 1856, o amor no Porto era um contágio sagrado. Foi uma década que fez época. Os matrimónios, contraídos então, ainda hoje se distinguem na ternura com que a esposa obesa inclina a cabeça suavemente desfalecida na espádua derreada do esposo. Quando virdes, na tristeza dos cinquenta anos de um homem, algum relance de olhos em que lampeje revérberos a mocidade do coração, compadecei-vos dele. Esse homem é um bouquet murcho que, há pouco mais de um quarto de século, vaporava fragrâncias nos altares de várias pseudónimas. Ei-lo aí passa pelas veredas mais sombrias de uma sociedade que não conhece, nostálgico e trôpego como o velho urso de Henri Heine. Costumes, coisas, pessoas, tudo lhe foi arrebatado pela corrente turva da vida moderna: é um inundado sem recursos, sem bazar, sem nada.

Não me podem esquecer o choro que se destilava por ingratidões, ciúmes e bagatelas que levavam, há trinta anos, um rapaz ao suicídio ou à embriaguez. Larra, Poe,

Musset e Espronceda eram os fanais satânicos dos nossos naufrágios. A gente não os lia, porque não tínhamos vagar; mas, se éramos infelizes, parece que os bebíamos.

Fazíamos holocausto das próprias entranhas às perjuras. Dava-se uma tal abnegação do eu que se escalavravam os fígados com absinto, exibiam-se as olheiras acobreadas e tossia-se diante da mulher amada com a dispneia dos derradeiros tuberculosos. E às vezes a tosse era simplesmente o pigarro dos maus charutos do Governo — de vintém.

Desgrenhávamos os caracóis das nossas madeixas, escantoávamos a cara no barbeiro e exibíamos fraudulentamente as grandes testas de Byron e de Vítor Hugo, que também só conhecíamos pelas testas litografadas. Sobretudo, o que a gente fazia quando andava infeliz no amor era chorar reciprocamente no seio dos seus amigos. Eu não me envergonho de ter derramado grandes pérolas de sentimento e de ter embebido nos meus lábios outras não menores de uns sujeitos que hoje passam por mim com uma gordura tão vermelha que parece que o amor se lhes converteu lá dentro em paio do Alentejo. Ainda

assim, cabem aqui umas patéticas expressões de G. Sand no prefácio da Lelia: «Ne rougissons pas d'avoir pleuré avec ces grands hommes. La postérité, riche d'une foi nouvelle, les comptera parmi ses premiers martyrs.»

***

Das cinzas quase apagadas daquela sociedade é que eu tiro umas faúlhas que escassamente me iluminam as coisas do amor. Por isso antepus a todos os incentivos de heroicos infortuno a mulher e concebi o artista de Guimarães apertado entre o estremecido seio do pai e o coração impetuoso de Teresa.

Neste conflito interveio o cónego Norberto de Araújo, que ajudou o instinto do mal a refrear a rebelião dos bons propósitos no ânimo do seu sobrinho. Insistiu na hipótese de que Joaquim Pereira perdoaria à filha logo que a sua paixão se honestasse pelo sacramento; e, por isso, dali a poucos meses ou talvez dias, Guilherme voltaria para Guimarães com a sua esposa, rico e feliz.

Joaquim Pereira, no outro dia, acompanhou a filha ao Toural, a casa da tia Rosa, e recomendou-lhe, pela primeira vez na sua vida, que se deixasse estar bastante tempo na janela para cegar os seus inimigos que espalharam o boato da fuga. A menina, quando o pai saiu, agachou-se em cima de um capacho, meteu a cabeça no regaço e soluçou alguns minutos, até que a tia Rosa lhe disse que ia mandar chamar o seu cunhado Joaquim, se ela não explicava o motivo de tamanha choradeira. Teresa enxugou os olhos, lavou a cara esbraseada e foi para a janela.

Aquelas lágrimas eram as mais sentidas que pode chorar uma filha. Saíra de casa com tenção de lá não voltar. Abraçara-se na mãe com ansiosa ternura, dizendo-lhe repetidos adeuses com ofegantes suspiros. A mãe, a pensar que Teresa chorava por ter de ir para o Porto e talvez para os braços homicidas do tio Manuel, dizia-lhe meigamente:

— Não te atrigues, rapariga, que isso a respeito de casares com o teu tio ainda há de ser o que disserem dois doutores. Eu cá fico para me entender com o teu pai; e, se Deus quiser, não vais para o Porto; mas hás de prometer-me de mandar o pintor à tabua.

Teresa expedira um ai agudo — ais daquele tempo que ainda a tradição conserva no teatro de Guimarães — , beijou ambas as faces da mãe e saiu depressa para não ser instada a mandar o pintor à tabua. As lágrimas, como vimos, rebentaram outra vez quando viu desaparecer o pai, e uma voz interior lhe dizia — para sempre.

Depois, o ar fresco do Toural, o sol, que tem belezas desconhecidas a quem não ama, as fragrâncias da frondejante Guimarães em Junho, que fazem lembrar as alcovas perfumadas das noivas e coam doce letargia pelos nervos como as finas essências das açucenas e das violetas, enfim, o amor — não digamos mais nada — , o amor melhorou consideravelmente o espírito da menina.

Ao cair da noite, Teresa saiu da janela e disse à tia Rosa que ia ao quintal colher um ramo de flores para as suas santas. A velha tia estava a concluir o seu rosário: acenou-lhe que fosse, e deixou cair pelo cordão ensebado uma conta enorme de jacarandá puída e amarelada de simonte. A sobrinha enrolou a mantilha de sarja, que deixara em lugar conveniente, e desceu ao quintal. Depois espreitou pela fechadura da porta que dava para a Rua dos

Pasteleiros e viu dois vultos parados na envasadura da porta de uma casa caraira. Um vulto era de mais no programa que ela traçara. Manteve-se irresoluta se abriria a porta; mas, neste comenos, ouvira e conhecera o andar do pai a subir as escadas. O medo do pai, a confiança que pusera na pontualidade de Guilherme e sobretudo a perspetiva pavorosa do tio Manuel apressaram-lhe a determinação de abrir a porta e esperar que os dois vultos se aproximassem e dessem a conhecer.

Guilherme e uma mulher de mantilha aproximaram-se de Teresa. Ele ia trémulo como uma donzela que se estreia em encontros noturnos na escura Rua dos Pasteleiros, que, em 1822, era apenas iluminada por duas lamparinas que bruxuleavam piedosamente em dois nichos de alminhas santas: chamavam-lhes santas; mas, à cautela, os poucos transeuntes pediam por elas ao Senhor, na hipótese de que estivessem ardendo. Santas ou condenadas, não teriam aquelas almas senão motivos de admirarem a honestidade do artista quando viram Teresa a caminhar ao lado da Sra. D. Inácia Norberta, irmã do cónego — uma senhora com cinquenta primaveras tão sem mácula como os lírios

brancos e tão respeitada das más-línguas que até as vizinhas lhe chamavam tola pelo excesso da sua antipatia com pessoas do sexo oposto e fedorenta pela rabugice com que roía na reputação das senhoras amigas de amar sujeitos para fins honestos. Um pouco mais atrás ia Guilherme, com uns ares de vendido e um rosto pasmado que eu me esquivo de adjetivar, porque, se ainda mal que pertenço para uma geração corrompida, conservo-me aquém da protérvia de injuriar com chalaças a cândida alma daquele rapaz.

A Sra. D. Inácia morava na Rua da Arrochela. Havia espaço para os dois noivos exprimirem com frases cortadas de suspiros a sua recíproca felicidade. Não trocaram duas palavras; pareciam dois casados ao cabo de seis meses; tocavam-se pelos extremos, como diz o provérbio; mas não tocaram um no outro, como ordena a moral.

Quando chegaram a casa, encontraram um terceiro personagem no pátio: era o cónego Norberto. A irmã entrou esbofada e disse «que o suor lhe pingava pelas costas abaixo». Transpirava-lhe o corpo e a virtude; porque todo o seu afã era evitar, a apertar o passo, que o mancebo não

abusasse, antecipando ao matrimónio algumas finezas que lhe pesassem a ela na consciência.

— A Cascais, uma vez e nunca mais... — disse ela ao irmão. — Meteu-me em boa, mano cónego!

— Então que foi? Viu-as alguém? — perguntou o padre.

— Ninguém conhecido — disse o artista.

— Subam, que eu vou montar a cavalo imediatamente, e prevenir o abade de Ronfe — disse o cónego.

— Subam!, quem? — perguntou Norberta. — O Guilherme não sobe. Não pode subir enquanto não for legítimo esposo desta menina. Amigos, amigos, negócios à parte. Rabos de palha não os quero.

Estavam às escuras no pátio como se a cena se passasse dentro de um tonel.

Teresa de Jesus, aderente pelo ombro à espádua roliça de D. Inácia, abria os olhos quanto podia a fim de achar na treva o vulto de Guilherme, enquanto ele não estremava a sua escuridão interior da de fora. Se via alguma imagem, era a do pai, a pesar-lhe na alma como um remorso. Aquele

esquisito sofria as tribulações do tardio arrependimento. A luz do amor era-lhe como a Lâmpada do mineiro que se apagou no momento em que o veio de ouro lhe apareceu. Os homens assim são raros; e, quando os cenóbios acolhiam os foragidos do mundo, os que lá iam eram daquela têmpera. No seio da sociedade, além de desgraçados, fariam uma triste figura; ao passo que, no mosteiro, abstraídos de si, na contemplação teológica das coisas imortais, cumpriam um sério destino; e, quer morressem santos, quer não, acabavam felizes.

Quanto a subir Guilherme Nogueira, isso é que D. Inácia não consentiu, apesar da réplica, do cónego.

— Sabe o mano que mais? — alvitrou ela. — O Guilherme vai para Ronfe com vossemecê e espera lá por Teresinha; enquanto o mano nos vem buscar, o noivo deve confessar-se. Assim que chegarmos, Teresinha confessa-se também, e está tudo terminado como deve ser e sem escrúpulos de parte a parte. O que se puder fazer com toda a limpeza de consciência, faça-se, não é assim, menina? — perguntou ela à filha de Joaquim Pereira.

Teresa respondeu com a audácia de voto deliberativo:

— O melhor é irmos todos já.

— Era isso mesmo o que estava determinado — interveio o cónego — , mas esta senhora a minha mana teve um ataque de escrúpulos parvos à última hora. Decidam depressa, que a gente não há de estar aqui no pátio às escuras com ar de tolos. O plano era irmos todos a pé; mas...

— Então vamos todos... — disse perentoriamente Teresa de Jesus.

***

Pela energia das decisões, Teresa justificava-se filha, por índole e por sangue, de Joaquim Pereira.

O curtidor, assim que voltou do quintal convencido de que a filha fugira pela porta que estava aberta, expediu quatro berros que espavoriram a cunhada; e quando ela lhe dizia que estava responsando ao milagroso padre Santo António a sobrinha, o cunhado respondeu-lhe que fosse para o

Diabo, e desceu as íngremes escadas às escuras e sem escorregar, como se a fúria lhe tivesse dado de noite a pupila luminosa dos gatos.

Enfiou direito a casa do meirinho-geral, que o levou ao juiz de fora. Acusou clamorosamente o raptor Guilherme Nogueira e pediu justiça, com os braços estirados para o Céu e os dedos nodosos enovelados em dois murros que pareciam os do Ajax sacrílego, ou, melhor comparados, os de Crises, quando pedia a Apolo a sua filha Criseida, roubada por Agamémnon.

O juiz de fora, se não podia dispor da peste como o Apolo da Ilíada, pôs à disposição do curtidor os quadrilheiros da comarca e mandou prender o raptor e a raptada. O próprio Joaquim Pereira, desenvolvendo uma atividade banhada de suor copioso, pôs-se à frente dos aguazis, e às dez da noite foi à Rua do Vale de Donas, e alternadamente com mãos e pés, estrondosas como catapultas, tais pancadas deu na porta do ourives que a vizinhança acudiu às janelas com candeias, a pensar que era fogo.

O pai de Guilherme, prostrado pela enfermidade, mandara abrir a porta por um aprendiz e sentara-se no catre,

arquejando em aflitivas conjeturas do facto que logo adivinhou.

Joaquim galgou, escada acima, a chamar pela filha, e a perguntar ao aprendiz onde ela estava.

O rapaz encarava aterrado o curtidor e perguntava:

— Ela, quem?!

— Onde está o ladrão? — exclamava Joaquim, afuzilando sobre o aprendiz os olhos fosforescentes.

— Que ladrão?! — tomava o rapaz, sentindo vontade de largar a candeia e desatar a fugir.

O pai de Guilherme, quando ouviu proferir a palavra ladrão, fez um esforço miraculoso como o dais entrevados que escutam o estalejar do travejamento incendiado, resvalou do leito, lançou mão do seu capote e, cambaleando, dirigiu-se à saleta onde o curtidor interrogava o rapaz.

— Quem é ladrão nesta casa? — perguntou Luís Nogueira com a voz tremente.

O meirinho-geral, que conhecia o ourives honrado e pobre, respondeu:

— Sr. Luís, isto não é com vossemecê — disse o meirinho. — O caso é que procuramos a filha aqui do Sr. Joaquim.

— E mais o ladrão! — acrescentou o curtidor. — Hei de pô-lo pela barra fora!

— Ladrão, não, Sr. Pereira! — acudiu o ourives, convulso, amparando-se no ombro do rapaz. — o meu filho não é ladrão!

— O patife rouba-me a filha e não é ladrão! — observou o curtidor cruzando os braços e a lançar em redor os olhos espantados como quem consultava os circunstantes. — Que me dizem vocês a isto?

— Sr. Pereira — disse o chefe dos quadrilheiros — , eu conheço as coisas e faço justiça direita. Um homem pode furtar uma pequena, e mais não ser ladrão, nem má pessoa.

Aqui, Joaquim Pereira soltou uma interjeição que não se pode tirar do tinteiro, por ser portuguesa de mais e ter passado a obsoleta depois de haver sido o cognome ilustre

de uma família heráldica. As boas palavras correm os seus fados, como dos bons livros dizia Marcial.

O caso foi que o meirinho, avincando o sobrolho, redarguiu:

— Fale bem, que ninguém lhe fala mal, Sor Joaquim! Bem sei que é a paixão que o faz falar; mas vossemecê não remedeia nada com isso. Vamos ao caso: Sr. Luís, o seu filho e mais aqui a filha deste homem estão cá em casa?

— Não, senhor — respondeu o ourives.

— Onde estão eles então? — perguntou o curtidor.

— Não sei.

— Você mente! Você sabe!

— Não minto, Sr. Pereira; nem mesmo sei que o meu filho lhe tirasse de casa a sua filha. Às oito horas da noite esteve ele à beira do meu leito. Nada me disse, nem eu sou pai a quem ele contasse o mau propósito de fugir com uma mulher. Sei que ele tinha o rosto coberto de lágrimas; mas isso não me admirou, porque o meu filho é desgraçado desde que lhe perturbaram o sossego da sua vida honesta e ocupada no trabalho de gravador. Nada mais lhe posso

dizer. A casa aí está franca; procurem; mas peço que me deixem deitar, porque me não posso ter em pé.

— Sr. Joaquim Pereira — disse o meirinho, sacudindo o curtidor amigavelmente pelos ombros — , sabe vossemecê que mais? Deixe-os casar e está acabada a pendência. Assim como assim, o pior da história já não tem remédio... sim, o senhor bem me entende. Com a rapariga do Pote aconteceu o mesmo, olhe se se lembra. O sargento foi preso e mais ela; o pai queria que o rapaz fosse arcabuzado — prosseguiu o farsola do meirinho, a rir — ; mas eu, quando os prendi, achei-os ambos debaixo da cama, numa estalagem de Braga, e logo disse ao Pote: Homem, você faça de conta que eu não encontrei a sua filha a rezar as contas com a tropa; e a maneira de tapar as bocas do mundo é deixá-la casar com o segundo-sargento, senão ela amanhã foge-lhe com um cabo de esquadra.»

— Você então não sabe com quem fala! — retorquiu Joaquim Pereira. — Se eu lhe botar as unhas, ele há de ir para as pedras negras e ela para o Recolhimento da Tamanca. Ora agora, se eles casarem, raios me partam se virem um pataco — você sabe o que é um pataco? — , nem

um!, entende o senhor? Arre, ladrões!, eu cá vou para o corregedor. Hei de persegui-lo nas profundas do Inferno!

E, como desse alguns passos para sair, o meirinho, a temer ser arguido de frouxo na diligência, disse-lhe que estava às suas ordens para dar busca onde ele mandasse.

— Vamos a casa do cónego Araújo — bradou Joaquim Pereira. — É lá que eles estão.

— Homem... — atalhou o meirinho — , veja lá no que se mete. Isto de cónegos... sempre são cónegos. O Sr. Joaquim espeta-se.

— Bolas, o meu amigo! Esse tempo já lá vai! Nem que ele fosse o arcebispo me metia medo! Agora reina a Constituição do Porto. Todos somos uns, percebe o senhor? Se ele não abrir a porta. vou à fábrica buscar três oficiais e meto-lha dentro a machado. Vem daí ou não vem?

— Às suas ordens, Sr. Joaquim; mas não faça asneiras; olhe que sem ser dia claro não se pode atacar a casa do cidadão. Isto aqui não é Fafe, onde a justiça diz: «Nós e el-rei.» Cá o pobre Luís Nogueira não se queixa; mas o cónego Araújo é dos jacobinos, está bem com esta gente da

Constituição, e não é bom de assoar. Dê tempo ao tempo. Se vossemecê quer, vou eu lá como particular, e vejo o que ele me diz.

Neste momento, um sapateiro da vizinhança, que se fornecia de cabedal na fábrica de Joaquim dos Coiros, chamou-o de parte ao pátio para lhe dizer que encontrara na estrada do Porto quatro pessoas, duas mulheres e dois homens a pé, e que um deles era o cónego Araújo, e o outro, que levava uma lanterna, era o Guilherme ourives.

O curtidor comunicou a denúncia ao meirinho, a esperar que a quadrilha se abalasse imediatamente na peugada dos fugitivos; porém, o funcionário entrou a discorrer conjeturalmente a respeito da outra mulher do rancho, e lembrou a hipótese de ser ela a D. Inácia, uma das senhoras mais sérias da vila.

— Se o era — acrescentou ele — , a sua filha, Sr. Joaquim, se fosse com a própria mãe, não ia mais bem acompanhada; pode vossemecê dormir descansado, que a Inácia é uma senhora muito direitinha; e tão pura tivesse eu a minha alma como está a sua Teresa.

Mas vamos agarrá-los! — atalhou o curtidor, a tirar pelo braço do meirinho. – Se formos já, ainda os pilhamos à ponte da Lagoncinha. O senhor não se mexe?

— Eu não me mexo, porque nos vamos estafar sem proveito. Pois vossemecê não entendeu ainda que o cónego e a irmã acompanharam os noivos para assistirem como padrinhos do casamento?, não percebe que eles vão casar-se para uma dessas igrejas que aí estão perto da estrada e que o juiz os manda embora logo que eles apresentem certidão de casados?

— E onde eles foram casar sei eu... — interveio um dos aguazis. — O reitor de Ronfe é como a unha e a carne com o cónego Araújo, quando vem a Guimarães é o seu hóspede, e foi ele quem o colou na reitoria.

Joaquim Pereira, ouvido isto, desligou-se dos quadrilheiros e foi revelar ao juiz de fora o que ouvira. Este magistrado, além de ser reto, devia cinquenta moedas ao curtidor e pensava em casar o enteado, aquele tenente de milícias da cintura de vespa, com Teresa de Jesus. Mandou o juiz chamar um meirinho e ordenou-lhe que imediatamente fosse a Ronfe e avisasse o reitor que, se ele praticasse a

irregularidade de casar uma filha menor contra a vontade dos seus pais, ele mesmo juiz o perseguiria na Relação eclesiástica de Braga até o fazer exautorar das ordens e condenar a degredo.

Joaquim Pereira era de opinião que se enviassem os seus operários com o meirinho para agarrarem o ourives; mas o juiz convenceu-o da volta da filha para a casa paterna, por conselho do mesmo reitor.

— Isso é o que eu quero — concordou o pai, sem interpor suposições desairosas ao descrédito da filha. Tal qual como o pai de Criseida: o que ele queria era a filha em casa, fosse como fosse. Muitos casos de Guimarães conservam ainda um sabor homérico como as ruas.

***

Quando o meirinho bateu ao portão da residência de Ronfe, Teresa de Jesus, deitada com D. Inácia, que ressonava os silvos estridentes de uma sã consciência de uma ceia indigesta, acordou a companheira de leito e disse-lhe

alvoroçada que ouvira bater rijamente ao portão e que lá dentro andava gente a pé. A mana do cónego sentou-se, cobriu as polposas espáduas com o saiote, encanudou com a mão um tubo na orelha.

Teresa vestiu-se rapidamente, e abriu a porta do quarto, para escutar no corredor.

— Que ouve? — perguntou D. Inácia.

— Palavras que não entendo; mas quem fala não é pessoa a minha conhecida. Vou escutar ao fundo do corredor.

— Não consinto, menina; venha para aqui — impugnou D. Inácia, sacrificando a curiosidade ao zelo preventivo de encontros casuais e funestos em corredores.

— Então que tem que eu vá? — recalcitrou a menina. — A senhora tem coisas!

— Já lhe disse; tenha paciência, espere; o que for soará.

Depois cresceu o rumor dos passos por alguns minutos, fechou-se o portão com estrondo e recaiu tudo em silêncio.

— Não era nada — conjeturou D. Inácia — , é que vieram chamar o reitor para assistir a algum enfermo em perigo. Deite-se, e vamos dormir, que eu estou a pingar com sono.

Na sala, depois que o meirinho saíra, juntaram-se os dois padres e Guilherme. O reitor repetiu o recado que o juiz de fora lhe enviara e perguntou ao cónego o que queria que fizesse.

O cónego refletiu breves instantes e respondeu:

— Celebras o matrimónio do meu sobrinho tão clandestinamente que nem o livro dos casamentos o saiba. Aqui a questão é ressalvar as nossas consciências e incutir no espírito dos contraentes a dignidade de esposos. Quando amanhã a justiça os vier procurar, responderás que saíram de noite, como dois amantes; não sabes para onde, nem queres saber se seria mais decoroso abençoar-lhes a sua paixão. Atiras com isso à consciência do juiz de fora. Quanto a ti, Guilherme, vai com a tua mulher para Espanha.

Lá tens teu tio Pedro, e não tardará que voltes para Guimarães.

Guilherme não contraveio nem aplaudiu a deliberação do tio.

Passados momentos, disse:

— Vá pedir ao meu pai que me perdoe, e ampare-o, enquanto eu não o puder levar para mim.

— Vais triste, Guilherme? — perguntou o cónego, abraçando-o.

— Vou triste; mas cumpro um dever: porque depois de um passo mau o retrocesso leva a desonras maiores. Conheço que esta situação é uma violência na minha índole. Se eu pudesse voltar ao que era há três meses, teria dó de um homem na minha situação de hoje; mas, se recuasse agora, seria irremediavelmente desgraçado, porque me sentiria infame diante de mim mesmo.

— Hás de ser feliz... — disse o cónego.

— E sê-lo-á ela? — perguntou Guilherme.

— Isto é um homem extraordinário! — explicou o cónego ao reitor, espantado. — Não vás tu pensar que este rapaz não está apaixonado por Teresa. Sabes o que é? É o aleijão do talento, é a anomalia destes infelizes imaginários, que são uns mentecaptos sublimes no meio de nós, que vemos o mundo como ele é. Este rapaz chorou na minha presença por amor dessa formosa criatura que o adora...

— Bonita é ela a valer! — interrompeu o reitor.

— Chorou como tu nem eu sabíamos chorar quando pagávamos o tributo do coração que nos — mandaram estrangular debaixo da batina. E depois, quando ela, a formosa e rica herdeira, se lhe deu com a alma doida de alegria, renunciando pai, mãe, esposos que se lhe ofereciam fidalgos e ricos, este homem começa a sentir que a felicidade o abafa e quase que repele com uma ingratidão original a mulher que o adora!

— Não me compreendeu, o meu tio — disse Guilherme. — É que eu tinha um afeto imenso ao meu trabalho, à minha obscuridade ... para uma coisa impalpável.

— Percebeste-o, reitor? — perguntou o cónego.

— Eu não; se o senhor tem afeto imenso ao trabalho, trabalhe, que ninguém lho impede. Se quer viver obscuro, meta-se em casa, e não há melhor vida; ora agora, lá esse afeto para uma coisa impalpável, isso, o meu amigo, não entendo, palavra de honra.

— É a poesia — explicou o cónego.

— Ah!, o senhor faz versos? Não lhe sabia da prenda; mas eu conheci bons poetas que apalpavam tudo e todas, a torto e a direito. Olha o Bocage, ó cónego!, e o João Evangelista, e o Mormo de Vila Real, e o Paulino Cabral! Para estes o que havia mais impalpável contra a sua vontade eram as peças de duas caras.

***

Joaquim Pereira recolheu a casa depois da meia-noite. A Sra. Feliciana tinha acendido quatro velas de arrátel a Santo António e passara todas as horas em oração alternada com objurgatórias à criada Caetana, a quem prometia tirar a pele se viesse a descobrir que ela fora

recoveira de recados da filha ao ourives. Caetana jurava pela salvação da sua alma que não levara recado nenhum, nem era mulher dessa casta; mas tencionava fugir de madrugada, receando que o curtidor lhe fizesse à pele ameaçada o que fazia à das vacas.

Quando o amo entrou, Caetana foi escutar,, e ouviu-o referir à mulher as coisas acontecidas, gabando-se da sua finura e do seu desembaraço. Disse-lhe que a filha estava em Ronfe com o ladrão do ourives e mais o cónego e a bêbeda da mana Inácia.

— Olha a desavergonhada! — exclamou Feliciana. — Como não serve para panela, serve para testo.

Acrescentou Joaquim Pereira que o meirinho trouxera de Ronfe uma carta ao juiz de fora, em que lhe dizia que não os casava; mas que não prometia podê-los separar.

A isto atalhou a Sra. Feliciana, aflita:

— Então eles aí vão à má vida por esse mundo fora!

— Não tenhas medo — respondeu o marido. — Já venho da fábrica; daqui a duas horas sai o meirinho com catorze dos meus rapazes para Ronfe; e, quando romper a manhã,

está ,a casa cercada, e o troca-tintas há de entrar em Guimarães no meio das espingardas.

— E a minha filha também? — acudiu ela, consternada.

— Essa já combinei com o juiz metê-la em casa da tia Rosa alguns dias, e depois veremos. O juiz falou-me que tencionava pedir-ma para o enteado... conhece-lo, aquele estoira-vergas?

— O tenente?!

— Isso. É bem asno o juiz! Entre o ourives e o tenente, que venha o Diabo e escolha. O que eu quero é meter o Guilherme na cadeia; e não há de ser ele só, se Deus quiser. A Caetana também lá vai malhar cos ossos, porque o João do Richoso, que é um sapateiro vizinho do Luís Nogueira, vai, sendo preciso, jurar que ainda ontem de manhã a viu entrar para lá. Aminha vontade era esganá-la já; mas o juiz aconselhou-me que o melhor era prendê-la, porque nos é precisa para o processo.

Caetana sentiu várias sensações durante este diálogo. A mais notável eram os rugidos intestinais, acompanhados de espasmo nas goelas, quando se sentiu esganada por

hipótese. Entretanto, como adquirira certa bravura no trato com o exército, e nomeadamente com o anspeçada, cobrou ânimo e fez duas figas com os dois dedos polegares, dirigindo-as aos patrões. Feito isto, foi ao seu quarto, enfardelou o mais precioso da sua caixa de pinho, desceu ao pátio e, com a subtileza usualmente empregada na abertura de um postigo confidente dos seus amores noturnos, escoou-se por ali e endireitou para Ronfe.

O reitor e os dois hóspedes estavam ainda conversando, dispostos a não adormecerem, quando Caetana aldravou no portão.

— Nova embaixada! — disse o reitor. — Querem vocês ver que temos a justiça em peso à porta e que a mensagem do juiz foi uma perfídia para ter a certeza de apanhar os fugitivos?

E, dizendo, abriu uma janela e perguntou quem era.

— Diga à Sra. Teresinha que está aqui a Caetana — respondeu a criada.

Abriram-lhe a porta e ouviram-lhe repetir o programa do curtidor. Chamaram D. Inácia e Teresa, para as informarem

das ocorrências que elas ignoravam. Deram-se pressa em preparativos de saída. O casarem-se foi ato mais fácil que o arranjo de uma carruagem para um dos fugitivos, porque o reitor só tinha uma égua e contava com a de um vizinho, que sucedeu estar desferrada. Esta circunstância não é muito épica num conflito de certa grandeza romântica; ainda assim, entendo que não devo omiti-la, porque por um triz que a falta de uma ferradura esteve a ser a salvação ou a catástrofe daqueles personagens. Afinal, o reitor achou um cavalo, mas não pôde arranjar uma égua para Caetana, que à fina força quis seguir a sua ama, ou prometia afogar-se no rio Ave, se a não levassem.

O itinerário dos fugitivos foi assim traçado pelo cónego: deu ao sobrinho uma carta para um o seu amigo também cónego e mestre-escola da Colegiada de Guimarães, que residia no Porto, de apelido Guerra, sujeito desempoado de escrúpulos e serviçal.

Nós, os velhos, todos conhecemos aquele mestre-escola, aqui há vinte e cinco anos, com os braços e as pernas escalavradas por insultos apopléticos, mas com o espírito remoçado de sonetos eróticos de Bocage, que recitava com

ênfase e às vezes com uma unção digna dos salmos penitenciais, que ele não conhecia.

Chegados e hospedados em casa do mestre-escola de Guimarães, esperariam ali o cónego, que iria provê-los de dinheiro, de passaportes obtidos no Porto e de um guia fiel que os conduzisse à Estremadura espanhola.

***

Eram quatro horas da manhã quando o meirinho com quatro ajudantes e os catorze operários de Joaquim Pereira chegaram a Ronfe e cercaram a casa da residência.

O cónego Norberto de Araújo dormia o primeiro sono; a mana Inácia tomava uma tigela de leite de vaca com sopas e canela; o reitor rezava matinas e laudes no seu quarto, com a serenidade dos mártires que liam as epístolas de S. Paulo quando os quadrilheiros de Diocleciano infestavam os áditos das catacumbas. Acabada a reza, ergueu-se, abriu a janela, saudou a turba, que esperava que o Sol nascesse para invadir a casa, e perguntou o que queriam.

— Cumprir um mandado do Sr. Juiz de Fora da comarca.

O reitor mandou abrir as portas e disse:

— Procurem; mas não acordem o meu hóspede, o Sr. Cónego Norberto, que está naquela alcova. Entrem lá devagarinho; apalpem-no, se quiserem, mas com suavidade, que não o despertem. Hão de encontrar no jardim a Sra. D. Inácia Norberta: não a confundam com a menina que fugiu. É uma senhora que passeia os seus leites, e não tem nada por onde a justiça de Guimarães lhe pegue, que eu saiba. Feita a sua diligência, Sr. Meirinho, queira asseverar ao Sr. Juiz de Fora que o reitor de Ronfe, assim que recebeu as suas ordens, pôs no meio da rua Guilherme e Teresa. dizendo-lhes que não podia legitimar o seu amor em virtude da recomendação da sua Senhoria; e, como não podia prender tais aves cada uma na sua gaiola, mandei-os que se pusessem lá fora e que vivessem desaforadamente à sua vontade, o que eles fizeram com a mais exemplar obediência, de braço dado, a cantar o hino de 1820 e a dar vivas à liberdade. Diga-lhe isto.

O meirinho fez um simulacro de busca, não ousou apalpar o leito do cónego e foi-se embora à frente dos operários de

Joaquim Pereira, os quais, durante o regresso, iam revelando o malogrado propósito de anavalharem o ourives; mas reservavam a realização do intento para melhor oportunidade.

***

No entanto, Guilherme e Teresa lá iam caminho do Porto por entre os milharais de Requião, sob as copas de carvalheiras e parras, que faziam da estrada um suavíssimo e chilreado caramanchel. Era um arraiar de manhã de Junho.

Caetana ia a pé, ao lado do criado do reitor, um mocetão de clavina de dois canos, de faixa escarlate, que dizia à cachopa umas graças alpestres que tinham a cor local e pareciam tender a imitarem as brincadeiras amorosas de uns gaios que bicavam os seus carinhos nos galhos dos picheiros. Ele, às vezes, beliscava-lhe o braço e ela dava-lhe um safanão, engolindo umas lágrimas que iam lá dentro a

pouco e pouco apagando as cinzas do amor ao seu quase extinto anspeçada.

As índoles mais excêntricas amoldam-se à eterna lei do belo, dadas certas condições. Guilherme, ao lado de Teresa, sentiu o coração em toda a plenitude de um ideal que o enamorava quando, na soledade do seu quarto, copiava da alma as peregrinas feições daquela mulher. O ingrato sentimento que o levava para o passado com saudade da sua melancolia, cheia de fantasias agridoces, desfez-se como o toucado de brumas que o Sol daquele dia esvaeceu nos visos do Monte Córdova.

Se o cenário convidava o coração a desejos ardentes de amor vago, que faria a presença real da esposa linda que até no descair das pálpebras sonolentas parecia elanguescer-se em quebrantos de meiguice?

Parece, porém, que nem ele nem ela sabiam as frases rudimentares, aqueles doces colóquios que têm o que quer que seja de um crestar raios de mel novo do colmeal, e com esse mel emelam os noivos a Lua que os ouve, e não os perceberia, se não fosse casta; e o leitor, se o não é, também me não percebe a mim.

Conversavam em coisas da vida comum, se falavam; e se trocavam entre si ditos extraordinários é quando iam silenciosos. O amor é isto. Os períodos redondos com adjetivos angulosos são coisas caldeadas na cabeça, é um pouco de fósforo do cérebro que reluz na alma apagada como a atrito de um lume-pronto na parede de um quarto escuro.

— És feliz, Teresa? — perguntava Guilherme.

— Muito — respondia ela, a acenar com a cabeça loura e apertando-lhe a mão quando a estrada, a espaços, permitia este desafogo. — E tu? — perguntava ela.

— Muito feliz respondia ele, curvando-se para lhe beijar a mão.

E o criado do reitor, que ia atrás e via isto, levava a paródia até ao abuso, a querer beijar o cachaço penugento de Caetana.

E com estas e outras intermitências de poesia e prosa chegaram ao Porto.

Guilherme, que ali passara alguns anos da mocidade a estudar as artes, conhecia a residência do amigo do seu tio.

O mestre-escola da Colegiada de Guimarães, assim que viu os hóspedes, escusou-se de ler a carta. O cónego Araújo já o tinha precavido para a eventualidade da fuga. O prebendado ministrou-lhes uma ceia delicada e mandou-os deitar delicadamente.

No outro dia chegou o cónego, apressurando a saída dos esposos, porque da comarca de Guimarães no mesmo dia vinham deprecadas para o Porto. O padre Guerra já tinha agenciado passaporte.

A jornada para a Estremadura espanhola, naquele tempo, era um agradável passeio de doze dias de liteira. Dois esposos, face a face, naquela redoiça pintalgada, se tivessem bom estômago que resistisse ao balanço e ao enjoo, iam felizes. A criada também ia alegre: porque o arneiro, logo ali na altura de Grijó, falou-lhe de casamento e furtou laranjas de um pomar para refrigério da rapariga, que dizia estar em brasa.

Guilherme, como qualquer noivo destes os nossos tempos de via férrea, de vez em quando, abria um Guia de Viajantes e dizia à esposa os nomes das povoações e as léguas que os distanciavam do almejado repouso. Já então

os Portugueses possuíam um Guia de Viajantes nas cortes e nas cidades principais da Europa. Não se persuadam que o autor fosse algum literato do Café Nicola com subsídio, algum touriste fidalgo, algum diplomata, ou militar que visitasse a Europa triunfantemente com Napoleão. Não, senhores: o autor era um frade agostinho descalço e chamava-se Frei Anastácio de Santa Clara. Os frades eram para tudo. Este andou bastante mundo e experimentou, diz ele, um sem-número de incomodidades que atacam aqueles que destituídos de condutor empreendem semelhantes viagens. Hoje em dia, apesar dos numerosos Guias, não há livrar-se a gente das incomodidades que nos atacam nas estalagens do Minho.

A última estalagem em que pernoitaram os nossos noivos foi em Zibreira, na raia de Espanha. Ao outro dia, percorrida légua e meia, chegaram ao seu destino, a Zarza, ou Sarsa de Alcântara, como escreve Frei Anastácio.

***

Pedro de Araújo, irmão do cónego, fugira de Guimarães em 1810, por causa de um homicídio, estabelecera-se em Zarza, e daqui negociava para Portugal em vários artigos. Estava rico, velho e solteiro. Recebeu os sobrinhos com alegre rosto e agradeceu aos Céus aquela inopinada família que lhe ia adoçar os azedumes da velhice valetudinária.

Guilherme Nogueira, logo que pôde arranjar uma câmara bem iluminada e em condições convidativas ao lavor do buril e do pincel, começou a retratar a esposa, e depois o tio. Em seguida reatou as inspirações interrompidas da sua arte predileta; gravava reminiscências da sua terra; era-lhe um delicioso suspirar saudades, esculpir as ruínas, dar relevo às lendas da gótica Guimarães e lampejar de escamas prateadas as superfícies do Ave e do Vizela por entre alcantis de verdura, sobranceada de penhascais.

Teresa de Jesus cansava-se de o ver trabalhar, porque nem o entendia nem o admirava.

Em geral, e por condescendência, achava tudo bonito; mas pedia-lhe que fosse passear com ela e não estivesse sempre a malucar naquelas coisas.

— A malucar! — murmurava o artista com secreta amargura; e, às vezes, passava-lhe pelo espírito a desconfiança de que a esposa era uma organização rude, com a formosura casual que não passa de um jeito feliz da matéria, alheia de todo às qualidades do espírito. Isto dissaboreava-o e abria-lhe no coração brecha por onde a saudade se ia em busca da sua isenção e pobreza independente de artista obscuro.

Depois, uma carícia de Teresa dava-lhe ao coração alegres reações e, por um pouco, o sentimento real de renovados prazeres subjugava as destemperadas aspirações ao tal ideal impalpável, que o reitor de Ronfe não percebia, nem eu.

Em cartas frequentes, relatava o cónego Araújo o que ouvia contar de Joaquim Pereira. Dizia-se que o curtidor, perdida a esperança de capturar o raptor da filha, adoecera a criar postema no fígado, de que esteve a passar-se; e que, por essa ocasião, fizera testamento, declarando que devia ao seu irmão Manuel quarenta mil cruzados, a fim de deserdar a filha. A Sra. Feliciana, pela sua parte, cedera com dificuldade a tão vingativo desamor e tencionava, se o

marido falecesse, declarar que o seu cunhado não era credor de um vintém. Felizmente, Joaquim Pereira restabeleceu-se; mas persistia no propósito de deserdar Teresa, a acabar com o fabrico dos curtumes e repartindo em vida os seus haveres como bem lhe parecesse; porém, como a Sra. Feliciana houvesse sido dotada com dez mil cruzados, e os quisesse ressalvar para a sua filha, os dois cônjuges travaram-se tão rijamente em descomposturas que chegaram ,a bater um no outro, pela quarta ou quinta vez. Por fim, a mãe de Teresa fugiu para a companhia da sua irmã Rosa e o marido foi para o Porto viver com o irmão Manuel. Primeiro choravam ambos abraçados; depois, Joaquim começou a meter-se muito pelo mau vinho da Companhia, para se distrair, e cessou de chorar, como coisa indigna de um homem.

Dir-se-ia que ele achara à mão um exemplar dos Diálogos, de Frei Amador

Arrais, onde se lê isto:

As lágrimas hão de ser poucas em homens, ainda que haja causa de muito sentimento, pois com a continuação delas nos vai faltando a vista e o juízo.

Quanto a juízo, o ex curtidor não ganhou nada com a troca do líquido da garrafa pelo líquido das glândulas lacrimais. Embriagava-se todas as noites, e pegou este feio vício ao irmão, que não tinha motivo justificado para se emborrachar por concomitância. Rompiam ambos então em diatribes contra o sexo feminino. Manuel exibia a vigésima edição da perfídia da esposa; e, a pintar ao vivo a cena, mostrava e floreava no ar a tranca com que a contundira. Algumas vezes terminavam ambos por chorar; mas deste lance já o sentimentalismo sério não tinha a responsabilidade. Eis a desgraçada vida daquele pai que trabalhara vinte anos para deixar uma filha opulenta.

Feliciana conseguira segurar o seu dote em propriedades urbanas e passava a vida com resignada compostura, a beber apenas o necessário para se conservar num en bom point. Por linhas travessas, soube o paradeiro da filha, e escrevia-lhe com a bondade misericordiosa das mães; mas, ainda assim, não a incitava a vir para Guimarães, porque receava que o marido matasse o genro.

Estes casos decorreram no lapso de um ano, ao fim do qual Pedro de Araújo, quando a vida mais cara lhe era no seio da

família, expirou, legando avultada quantia ao seu sobrinho Guilherme.

A opinião de Teresa, quando viu o cofre das onças herdadas, era que mudassem para a cidade de Alcântara, onde havia tertúlias, teatros e sumptuosas festas de igreja.

Queria divertir-se entre o sagrado e o profano. A vila de Zarza figurava-se-lhe mais sem sabor que o próprio burgo de Muma Dona, e os hábitos caseiros do marido até lhe tolhiam o prazer de sair ao campo, arejar, às brisas tépidas da tarde, a beleza que se esmaecia em reclusão contrafeita. Guilherme não condescendeu. Achava-se bem ali, justamente porque a terra avultava umas feições de Guimarães. Às cinco horas das tardes de Inverno baixava a morte sobre o povoado e por acaso aparecia, de vez em quando, uma lanterna móvel, como se um defunto se levantasse do seu jazigo a passear com uma lamparina na mão. Tal qual como no berço da monarquia, onde o progresso, ainda agora, também está no berço de touquinha e cueiros, á sugar nos peitos secos da Câmara Municipal.

Não me atrevo a decidir que estes esposos se amassem até ao delírio. Teresa aborrecia-se ao lado do marido, abria a boca, fazia uma cruz; mas não evitava, com este símbolo cristão, que o demónio do tédio lhe entrasse no espírito. Não conheciam ninguém com intimidade. Guilherme esquivava-se a visitas que o obrigassem a erguer mão das suas ocupações. Esta soledade melhorou algum tanto com a ida de Luís Nogueira para a companhia do filho. O velho entretinha a sua nora com a bisca de acuso e ia passear com ela nos domingos. Como desejava trabalhar, pediu ao filho que o deixasse abrir uma ourivesaria. Guilherme deu-lhe abundantes recursos para um vasto estabelecimento e ocupou-se em modelar e lavrar baixe-la, com que muito prosperou a fama do ourives português. No entanto, o sonhador, o poeta, raro descia do olimpo da arte a contemplar os primores naturais da esposa. O ciúme nunca lhe roçou com a sua asa negra os cândidos voadouros do génio. Esvoaçava-se por muito alto; e, se pousava cá em baixo, no regaço de Teresa, a cabeça febril, era como o condor que se abate ao sopé dos Alpes somente quando uma necessidade orgânica o força a descer em cata da presa.

***

Por 1825 morreu Luís Nogueira.

Guilherme estremecia o seu pai. A morte fora repentina quando os dois se estavam recordando da sua terra natal, com a nostalgia dos exilados. Tinha dito Luís Nogueira:

— Deus me deixe lá ir morrer; mas só lá irei se tu puderes ir comigo para me cerrar os olhos.

E, minutos depois, queixou-se de uma opressão que o ansiava; depois disse que se sentia melhor, e assim expirou suavemente, ensinando ao filho que não custa a morrer.

Esta surpresa, sem precedente doença que afizesse o filho à ideia de o perder, ulcerou na alma de Guilherme uma saudade insanável. Nunca mais teve um sorriso que não fosse forçado e de comprazimento com o génio jovial de Teresa, cuja sensibilidade com o morto sogro não era mais dolorosa que a sua saudade dos pais.

A loja de ourivesaria continuou aberta, porque Teresa assim o quis para se entreter. Desde que ela apareceu no balcão, a freguesia cresceu. Vinham fidalgos de Alcântara comprar argentaria à portuguesa loira. Guilherme, quando a esposa lho contava com um desdém jactancioso, respondia-lhe com um sorriso triste e dizia-lhe:

— Melhor seria que não descesses à loja. A curiosidade dessa gente não te faz mal, mas também te não honra.

Havia questões mansas a respeito disto. Ela dizia que a respeitavam até ao ponto de lhe não dirigirem a menor fineza; ele pedia-lhe que traspassasse a loja, porque eram bastantemente remediados; ela replicava que havia de voltar rica para Guimarães; ele pedia-lhe que não fosse ambiciosa como a gente ordinária.

Algum tempo, o visionário teve a sua manifestação de marido vulgar: sentiu ciúmes, e espreitou. Nada viu; mas uma gota de peçonha, o ciúme, caiu-lhe na alma, e lavrou de modo que lhe envenenou o sangue. Tomou-se de uma tristeza silenciosa, como a dos anémicos no derradeiro estádio do abatimento, quando se concentram sombriamente e parecem estar-se vendo morrer. A

presença da mulher, toucada a primor, com as madeixas entrançadas, alegre, formosa, a rir e a imitar o salero, a falar as frases guturais das espanholas, entristecia-o.

Uma vez disse-lhe ela que tinha adquirido uma amiga, e pediu-lhe para a receber em casa. Guilherme encolheu os ombros e respondeu:

— Se é digna da tua amizade... Quem é? Eu não conheço ninguém...

— É a filha de D. Rojo de Valderas, do alcaide.

— Ouvi falar mal desse homem.

— São calúnias. A Inês é um anjo, tu verás.

— Mas disseram-me que nenhuma senhora acompanha com a filha do alcaide — objetou Guilherme.

— Bem sei; não queres que eu tenha uma amiga que me entretenha; não queres que eu vá para o balcão, porque os cavalheiros me fazem a fineza de vir comprar à nossa casa. Ensina-me então a gravar e a pintar, porque preciso gastar o tempo.

— Tua mãe, Teresinha, não gravava, nem pintava, nem estava ao mostrador, e passava o tempo. Uma mulher de casa tem sempre que fazer.

Eis aqui outra manifestação muito humana do nosso artista, arroubado em visualidades etéreas. Queria que a sua mulher cuidasse do amanho do bragal, da despensa, da economia da capoeira, etc. Não se parecia com o estouvanado Leonardo da Vinci; mas, se pensasse em ter galinhas no choco, poderia parecer-se com Shakespeare.

Teresa achava-o então inferior à sua poética estatura; parecia-lhe trivial e maricas; porém, nunca venialmente sequer o comparou com outro homem.

O que se dizia do alcaide autorizava a repugnância do ourives.

Rojo de Valdera, o pai de Inês, fora nomeado alcaide de Zarza por Fernando VII, aclamado rei absoluto, em 1823, por numerosos caudilhos, que, primeiramente salteadores de encruzilhada, fizeram depois a evolução política sem ofender a lógica dos acontecimentos. Rojo de Valderas capitaneara desde 1820 até 1823 uma quadrilha de

bandoleiros na Castela Velha. Granjeara, com audazes entrepresas, grosso cabedal. E, quando lhe cumpria garantir-se a segurança do adquirido encostando-se ao esteio da política, acercou-se de Madrid, a tempo que Fernando VII aí regressava também. Ainda assim, Valderas ia temeroso de que o repelissem; porém, quando viu à volta do rei caracteres da sua têmpera, recobrou alentos e ergueu a sua voz patriota com a coragem dos grandes romanos invocados na hora do perigo. Os facinorosos que floreavam a espada em volta do trono acolheram-no bizarramente e deram-lhe a alcaidaria de Zarza, terra muito afastada do teatro das suas notórias proezas. Empregou o seu dinheiro em propriedades rústicas, para fazer de vez paragem e gozar-se sossegadamente de uma velhice honrada. Queria ser tolerante para ganhar amigos que o protegessem se as instituições liberais voltassem; humilhava-se a ponto de avisar secretamente os revolucionários indigitados para a forca; aliviava quanto podia a opressão dos encarcerados, e tudo isto fazia, tão ao invés da sua índole, para assegurar o futuro património da sua filha, que lhe era um castigo providencial. Aquele sentidíssimo amor de pai custava-lhe muita baixeza, muitas

amarguras, profundos sobressaltos e um contínuo espedaçar-se a si mesmo nas febres mais rijas e doridas da sua péssima compleição.

Não obstante, a voz pública dizia baixinho quem tinha sido o seu alcaide. Em Badajoz havia homens que o tinham visto, cara a cara, à frente dos salteadores de Castela Velha. As pessoas honestas esquivavam-se à sua intimidade e nenhuma senhora trocava uma vista afetuosa com a filha do salteador.

Teresa de Jesus compadecera-se do isolamento de Inês. Parecia-lhe injusto o desprezo votado à filha inocente dos delitos políticos do pai. Não engraçava com ele, e uma vez disse ao marido:

— O alcaide faz-me horror; mas ainda assim não creio que ele tenha sido o malvado que dizem, porque tem à filha um amor imenso; e, se ele tivesse matado gente, como dizem, é natural que alguém o matasse também.

— Nem todos os assassinos são castigados — observou Guilherme. — Alguns são nomeados alcaides pelo rei.

— A mim que se me dava disso, se ele matasse o meu marido ou outra pessoa que eu amasse...

— Que fazias tu, Teresa?

— Matava-o — respondeu ela serenamente e quase risonha.

— Eu não sabia que tinha casado com uma Judite — murmurou Guilherme; ela, porém, que não conhecia o desastre de Holofernes, quis saber a história e pediu encarecidamente ao esposo que lhe pintasse uma Judite. Fazia estranheza aquela mulher de cabeça ideal como um anjo de Murillo a começar o seu curso de história ilustrada pelo estudo da heroína de Israel!

Desde 1826 até Março de 1828, Inês de Valderas frequentou a casa de Guilherme com assiduidade. O ourives não se arrependera de condescender. Procedia honestamente a filha do alcaide; e, nas suas intimidades com Teresa, deplorava que a paixão política e, principalmente, o amor ao trono e ao altar arrastassem o seu pobre pai a excessos que lhe ensanguentavam a reputação.

***

O leitor está cansado de ler em livros nacionais e estrangeiros aquele funesto caso dos estudantes de Coimbra que, em 18 de Março de 1828, no sítio do Cartaxinho, mataram dois lentes e feriram outros personagens do cabido que iam a Lisboa felicitar D. Miguel. Sabe que um dos três ou quatro estudantes que puderam evadir-se à forca se chamava António Maria das Neves Carneiro, aluno do 2º ano de Matemática. Se leu os Apontamentos para a História Contemporânea, por Joaquim Martins de Carvalho, pôde ir ao encalço do fugitivo ate ao Paul e segui-lo até. ao Fundão, onde o médico António das Neves, pai do homicida, exercia a sua profissão. Não simpatiza decerto com os vinte e cinco anos daquele conjurado da sociedade dos «divodignos», porque lhe vê um punhal despontado nos ossos de dois velhos e uma quantia grande de dinheiro que se presume roubada dos baús dos lentes.

Este mancebo era um estudante dos melhormente conceituados per inteligência e dos mais avançados do Partido Liberal. Em 1824, à volta dos vinte e um anos, é da roda de Manuel, e José da Silva Passos, de José Maria Grande, e dos mais notáveis propulsores da revolução. Já então foi riscado da Universidade e readmitido pela amnistia de 5 de Junho do mesmo ano. A sociedade dos «divodignos» era numerosa e presidida por Francisco Cesário Rodrigues Moacho, falecido na Bélgica em 1866, com o estigma que lhe fechou a porta da pátria e lhe denegriu a do túmulo, ao cabo de trinta e oito anos de voluntário desterro. Os treze estudantes ajuramentados na morte dos lentes eram os sorteados. Um dos mais velhos era António Maria das Neves; o mais novo era o filho do capitão-mor de Sintra e contava dezoito anos.

Como quer que fosse, quando nove dos treze académicos eram enforcados, às quatro horas da tarde, no Cais do Tojo, em 20 de Junho, António Maria das Neves Carneiro digeria sossegadamente o seu jantar em Zarza, na sala do alcaide D. Rojo de Valderas, em companhia do seu pai, que o acompanhara para a Estremadura espanhola.

Era António Maria um esbelto homem, alto, de compleição delicada, algum tanto louro, rosto alvo, comprido e proeminente, olhos negros, serenos e brandos. Tinha o gesto soberano e a linguagem concisa e rápida do homem que se crê ou finge crer o herói de uma façanha que a tirania frustrou; mas que aí fica cimentada ao meio da sociedade como o alicerce do edifício do futuro.

Como foi que este apóstolo da liberdade de 93 achou um talher à mesa do alcaide de Fernando VII? Seria a simpatia do sangue? Os dois lobos cervais lambiam-se mutuamente as manchas do sangue espadanado no dorso? Não. Quando os dois Neves.

Carneiros, pai e filho, entraram em Zarza, o alcaide jazia enfermo e desesperava da cura. O médico apresentou-se como tal à filha de D. Rojo, foi recebido com jubilosas lágrimas, viu o doente e... salvou-o. Desde este dia, o estudante homicida não escondeu o seu crime; coloriu-o, porém, com os matizes da cor rubra do sangue que a história faz gotejar na balança que pesa a favor dos destinos da humanidade. D. Rojo deplorava-o, abraçando-o.

A cura do alcaide criou a reputação do médico. A clínica sobejava-lhe à decência da vida. O filho pensava em recomeçar a sua carreira na Universidade de Salamanca, Entretanto, as esperanças no movimento militar de 16 de Maio de 1828 retiveram-no ali, a légua e meia da raia, para, no caso do triunfo, se apresentar entre os adaís da regeneração de Portugal.

Interromperam-se então as miúdas visitas de Inês a Teresa de Jesus. Não sobrava o tempo à espanhola. António Maria era como da família. O alcaide não comia sem o seu médico salvador ao lado; e a filha correspondia ao fastio do pai, se o filho do médico não estava à mesa.

Um dia, Inês não concorreu ao jantar. O pai correu sobressaltado à alcova da filha e levou consigo o médico. Acharam-na com os olhos espasmódicos, rangendo os dentes e recurvando os dedos: era um ataque histérico. Uma hora antes, António Maria tinha-lhe dito que a mulher mais formosa de Zarza era a portuguesa casada com o ourives, e acrescentou:

— Em Portugal não há três mulheres tão lindas como ela.

Recobrou-se do ataque a ciosa menina, a odiar Teresa de Jesus. Tinha vergonha deste despeito infame; porém, vendo-se no espelho, achava-se menos formosa que a portuguesa; e então o ódio reacendia-se atiçado pelo amor.

A mulher de Guilherme espantava-se da ausência de Inês: não sabia que o filho do médico lhe roubara o coração da amiga; todavia, amarguras de outra espécie a distraíam dessa suportável falta.

***

O artista, desde que o pai falecera e simultaneamente as inquietações do ciúme o preocuparam, entrou de adoecer de febre lenta. Desde criança revelam sintomas de vida curta; os pais tiravam esse horóscopo da melancolia desnatural do menino; os médicos pressagiaram-lhe a brevidade da vida pela configuração do tronco e pobreza de sangue.

O lavor assíduo do buril e da paleta contribuíram a deteriorar-lhe os órgãos da respiração e a deprimir-lhe os

pulmões pela curvatura sobre os instrumentos da gravura.

Em 1828, quando o médico António Maria das Neves adquiriu renome, Guilherme Nogueira foi obrigado pela esposa a consultá-lo.

— Se tenho de morrer — disse ele — da moléstia que matou a minha mãe, escusado é iludir-me com as ilusões da medicina e as drogas da farmácia; porém, se te queres iludir, a minha amiga, consulte-se o doutor milagroso.

O médico examinou o enfermo e aconselhou-lhe o clima da Madeira. Guilherme sorriu-se e disse à esposa:

— A única madeira aproveitável nos enfermos da minha espécie são as quatro tábuas com que se faz o caixão.

Teresa lançou-se a chorar nos braços dele, porque tinha lido nos olhos do médico a sentença de morte. Foi a primeira vez que o marido lhe viu lágrimas.

— Ainda bem — disse ele, sorrindo — que é esta a primeira vez que te vejo chorar! Três vezes senti lágrimas no meu rosto: as da minha mãe, quando se despediu de mim; as do meu pai, quando há seis anos adivinhou que eu me despedia dele; e agora as tuas que... Mas não chores,

Teresa! Olha que a vida não vale a pena... Eu, se te visse morrer adiante de mim, saía do mundo mais contente com a certeza do teu destino... Que fazes, se eu morrer?

— Por Cristo! — exclamou ela — , não me digas que morres... Se me faltas, suicido-me!

— Não te suicidarás, não, Teresa. Irás para tua mãe; teu pai, que é um desgraçado que se atolou em vícios, há de regenerar-se quando puseres as tuas mãos puras sobre as suas cãs desonradas. Agruparás em redor de ti a tua antiga família, e eu serei no meio de vós uma saudade para ti e um delinquente perdoável para teus pais. Se fizeres isto depois da minha morte, agouro-te dias serenos; mas, se uma visão infernal que às vezes me fulgura na escuridão das minhas noites não é um delírio da febre, ai!, a minha querida Teresa, não terás seio tamanho como o cálix de amargura que te está a esperar...

— Que imaginação a tua, meu Deus! — clamou ela, pondo as mãos. — Como te veio isso ao espírito, Guilherme?

— Poderei eu dizer-to? A febre, a febre que devora o corpo e deixa a alma livremente avizinhar-se do mundo dos espíritos. Não faças caso das visões do teu pobre Guilherme. Sê virtuosa; não precisas de outro escudo contra o cálix amargo das minhas quimeras.

***

A consumpção era lenta e, a intervalos, vitoriosamente combatida pelo médico, que se interessava pelo amorável artista e pelas suplicantes lágrimas de Teresa. Passava o doutor longas horas no atelier de Guilherme, a conversar de coisas de Portugal.

Apresentou-lhe o filho académico, como um dos treze mártires devotados à redenção de Portugal. O artista encarou o aspeito sadio do estudante e não se convenceu do martírio daquele sujeito; e, como tivesse diante de si a sentença proferida pela Relação de Lisboa contra os nove rapazes enforcados, disse a António Maria das Neves:

— Estes os seus amigos supliciados não morreram como mártires, porque todos se desculpam com a influência da vossa Senhoria. Parece que nenhum deles quis morrer com a glória pessoal da façanha. Não eram assim os Cévolas e os Catões dos antigos tempos. Eu já não verei a árvore da liberdade cobrir piedosa os ossos de tais mártires em Portugal; mas se ela um dia ali medrar, as vossas Senhorias verão que os liberais hão de repelir de si os que sobreviveram à desgraça da tentativa dos seus companheiros.

E, como o académico franziu a testa à audácia do artista, Guilherme prosseguiu:

— Vossa Senhoria acha duro e indelicado talvez que um pobre ourives se intrometa com jeitos de profeta numa questão que tão de perto lhe toca; mas eu, a querer recompensar na vossa Senhoria a caridade com que o seu pai me tem tratado, vou dar-lhe um conselho. Afaste-se de tão perto das carairas de Portugal; não se fie na proteção do alcaide de Zarza: porque no dia em que D. Miguel exija de Fernando VII a entrega de um estudante condenado à morte como os seus sete companheiros, o alcaide de

Fernando VII trocará o filho do seu médico pela sua alcaidaria.

— É injusto, Sr. Guilherme — atalhou o médico.

— Injustíssimo — acrescentou o estudante.

Devo dizer-lhe tudo — prosseguiu o doutor — para lhe desvanecer o preconceito em que está acerca de D. Rojo de Valderas. O meu filho vai ser brevemente esposo de D. Inês. Foi o próprio alcaide que me fez a proposta. Já vê que ninguém quereria para genro um mancebo exposto a ser entregue ao carrasco pelo seu próprio sogro. O meu filho tenciona casar, passados alguns meses, e não o faz já porque se suspeitam movimentos graves em Portugal, e a sua presença há de ser ali precisa. Logo, porém, que case, irão os noivos para Salamanca, onde o meu filho vai formar-se em Medicina: é esta a condição que lhe põe o sogro, por querer por força ter um médico permanente ao seu lado. Mudou de opinião?

— Se a vossa Senhoria quer, mudarei de opinião; mas nem assim considero o seu filho salvo em Espanha. Melhor seria casarem-se já e passarem-se para a França ou para a

Bélgica. Quando o alcaide fosse um honrado sogro, não teria tanto valor em Castela como tinha em Portugal o pai do enforcado Domingos Joaquim dos Reis, que era afilhado da infanta D. Isabel Maria. Parece-me que as vossas Senhorias se comprazem em ouvir referver a lava da cratera que têm debaixo dos pés!

***

— Este homem é um visionário! — disse o doutor ao filho. — Estas doenças têm daquelas crises; e muitos dos antigos profetas suponho eu que eram uns enfermos em que o fluido nervoso preponderava sobre os outros fluidos.

— O que de me parece é tolo e pretensioso — modificou António Maria das Neves com o tom desdenhoso de académico, a conversar no da ponte de Coimbra.

No Inverno de 1829, Guilherme Nogueira piorou e sentiu ardentes desejos de ir morrer a Guimarães. Dizia-lhe o tio cónego que fosse, porque Joaquim Pereira havia falecido no

Porto, de uma congestão cerebral, em resultado da embriaguez de genebra.

A viúva escreveu também a Teresa, rogando-lhe que fossem para a sua companhia, que ela os receberia como filhes, e que não se importassem com riquezas, porque ela tinha que parte para és três, apesar das extravagâncias dó mande, Deus lhe perdoe — acrescentou ela, não sabemos se pré-forma, se por caridade cristã.

Preparava alegremente a bagagem Teresa de Jesus; quando o médico lhe disse que o marido não chegaria vivo a Guimarães.

— A senhora — acrescentou ele — vai ver-se em grandes angústias com a agonia do seu esposo, numa péssima estalagem; se, pior ainda, não tiver de receber um cadáver nos braços no descampado de uma estrada. Iluda o seu marido por mais alguns dias, que eu apenas lhe vaticino três de vida.

Guilherme não desistia de partir, e ela sentia-se sem forças para o contrariar.

O carinho com que ele encaixotava os seus desenhos, os seus modelos e as suas gravuras! Quando empapelava, extenuado e trémulo, a gravura de Rartolozzi – Cupid making his bow — , disse ele a Teresa, mostrando-lha:

— Lembras-te, filha, quando a tua pobre mãe teimava que este cupido era um Menino Jesus a trabalhar de carpinteiro, com dois anjos aos pés?

Teresa chorava.

— Choras? E eu pensei que te faria sorrir com esta recordação! Que dia aquele!, que dia, e que momento quanto tu colheste a florinha da minha jarra! Se bem reparo em ti, és linda como então. Nem nos meus olhos, nem na minha alma, perdeste a menor das tuas belezas, depois de sete anos! Que singularidade! Parece-me que te adoro hoje mais do que nunca! E o coração que te foge e por isso te ama com mais sofreguidão... Será?

— Tu não hás de morrer, Guilherme, pois não? — exclamava ela, pondo as mãos.

— Outra singularidade! — disse ele. — Parece que hoje me amas mais do que nunca!

— Oh!, filho!...

— Isso é natural, Teresa! Assim como eu me sinto a amar-te mais, é bem de crer que tu, quando me vês, e penes que daqui a pouco nem uma sombra, sequer...

Guilherme sentou-se,. tomou o rosto entre as mãos e soluçou largo espaço, arquejando e tossindo violentamente. Ela ajoelhou-se, aconchegada dos joelhos dele, cingiu-o pelo peito e exclamou, traspassada de angústia:

— Não chores assim, Guilherme!

Ele fitou-a com a vista desvairada, Pegou-lhe da cabaça entre as mãos, baixou a sua para lhe beijar os lábios; ajuda lhos roçou na cara e murmurou:

— Estou mal... Vê se me encostas... Chama o médico...

Era o terceiro dia prognosticado pelo Dr. António Maria.

Ela transportou-o para um canapé. Veio o médico e deu-lhe uma poção reanimadora. em frente deste canapé estava o primeiro ;trato que ele fizera de Teresa.

Fitava-o com a fixidez de olhar que sente nevoar-se-lhe a luz e murmurava com vozes entrecortadas:

— Olha, Teresa, nasceu-me o coração quanto fazia aquele retrato, e sempre pensei que havia de morrer a vê-lo...

Deste momento em diante o seu estado era quase suave. A respiração era alta, mas sem agonias.

[...]

Morreu no dia predito e à hora vaticinada pelo doutor do Fundão.

Era um grande médico aquele! Estava tão relacionado com a morte que sabia, de antemão e pontualmente, quando ela chegava!

TERCEIRA PARTE

O desamparo de Teresa seria mais aflitivo se o médico não providenciasse com zelo paternal na situação da viúva em terra estrangeira. Inês visitou-a, quando o cadáver de Guilherme estava sobre terra; e sentiu desoprimir-se-lhe a alma logo que Teresa lhe disse que tencionava ir para a companhia da sua mãe. A filha do alcaide pressentia que a presença daquela mulher fascinadora seria sempre uma ameaça à sua felicidade: pois que António Maria das Neves, a propósito da doença do ourives, tinha sempre uma alusão que fazer à gentileza da sua patrícia. Desde que a viúva, com um enfastiado trejeito, lhe deu a certeza de se retirar para Portugal, Inês arrependeu-se da ter tratado tão desamoravelmente; e, a querer explicar com fúteis pretextos a longa separação e quebra aparente da antiga amizade, a portuguesa interrompeu-a com uma sobranceria ainda mais ofensiva que estas palavras:

— A senhora quis justificar as damas de Zarza que a não querem conhecer.

Nesta impetuosa rudeza havia ideias do defunto Joaquim Pereira retemperadas com melhor linguagem, porque o idioma castelhano, em que Teresa fulminou a apaixonada do académico, é muito sonoro e adequado à ironia e ao sarcasmo.

A espanhola não replicou à afronta desfechada na presença do médico. Não lhe faltaria eloquência; mas temia que o pai do prometido esposo, averiguando a causa do menospreço havido com Inês, remontasse as suas pesquisas até às encruzilhadas em que Rojo de Valderas, à frente dos seus vandoleros, cumprimentava de trabuco e navaja os viandantes.

O primeiro impedimento à saída de Teresa de Jesus foi a enfermidade. O doutor achou-a febril e proibiu-lhe sair do leito. Ela mostrou-se alegre, porque desejava morrer; dizia-o a estender os braços com arrebatamento para o retrato de Guilherme, Depois, a febre remitiu; ficou pálida, fraca, e sentava-se a chorar, a cada instante, porque via o esposo em tudo que lhe sugeria uma recordação. Passada esta crise, outro motivo lhe estorvou a saída: era a ourivesaria, cujo valor merecia atenção. Concorreram a propor-lhe a

compra alguns ourives de Alcântara; mas a transação era morosa. Quis a viúva delegar poderes no doutor que tão paternalmente lhe zelava a saúde e os interesses; mas António das Neves desculpou-se com a sua ignorância de tais negócios.

Neste intervalo, o apalavrado esposo de Inês acompanhou uma vez o pai para o ajudar ao arrolamento dos artigos vendáveis. Teresa vira este homem um dia e dissera ao marido: «É pena se o prendem! Que rapaz tão bem feito!» Franca e sincera! Ora, como Guilherme não era zambro nem carcunda, a franqueza da esposa não lhe motivara ciúmes. O que faz arder o peito de um marido que tem as plantas alcantiladas de joanetes é gabar-lhe a mulher os pés pequenos de outro sujeito.

A visita inesperada do estudante perturbou-a. Parecia-lhe que o fitá-lo com a simples atenção da civilidade seria manchar o seu luto cerrado. Estava inquieta: acusava-se de ingratidão ao esposo, porque a presença daquele rapaz lhe não era repugnante; pelo contrário, como a sua tristeza era tamanha, a intervenção de uma pessoa agradável naquela soledade, até certo ponto, ser-lhe-ia salutar como distração.

Caetana, a estúpida Caetana, era a sua companhia única. Tinha engordado muito a criada, e perdera o sestro de amar a força armada. Embirrava com galegos, dizia ela, desdenhando dos espanhóis de Zarza, e manteve-se sempre honesta e patriota. Pensava ainda no último anspeçada e calculava encontrá-lo já furriel, quando voltasse para Guimarães, e amá-lo outra vez.

Por isso, Caetana apressava-se a enfardelar as coisas para a viagem, e mostrava nestes arranjos untas alegrias brutais que irritavam a ama, principalmente se a palerma lhe dizia que a senhora ainda tomava a casar, porque estava cada vez mais fera. Esta espécie de fereza no Minho é sinónimo de formosura. A viúva exasperava-se; alcunhava-a de epítetos beneméritos da sua bestialidade e mandava-a para a cozinha.

Portanto, algumas pessoas que a distraíssem, não seriam de mais na sua solitária viuvez.

Era justo. A maioria dás viúvas têm as suas parentas e amigas a rodearem-nas nas horas lúgubres em que soa o dobre por um marido mais ou menos amado; essas mesmas, posto que tenham um regaço de amigas onde chorem e os

braços de outra onde desmaiem, dizem-se inconsoláveis, e os jornais repetem isto ultrajando um adjetivo, triste como a morte, que só devia escrever-se nas lápides sepulcrais, quando as mulheres se suicidam como a viúva do ilustre professor Rego, ou morrem ao cabo da agonia de vinte dias como a viúva do grande poeta Guilherme Braga.

Ora, cumpre saber que Teresa de Jesus achou-se sozinha com Caetana, que gritou até adormecer com a cabeça entre os joelhos. Depois veio o médico, movido pela compaixão do abandono em que ficara a sua patrícia, sobejando-lhe aliás bens de fortuna para atrair a si o concurso das pessoas que sabem os três lugares-comuns da situação. Depois veio também o estudante, com o seu rosto condolente, e umas palavras bem penteadas, como diz o padre Manuel Bernardes, cheias de resignação com a fatalidade da morte, e de censuras à cruel Providência, que arrancava um esposo amado, na flor dos anos, aos braços de um anjo que ele decerto adorava. Estas e outras frases procedentes de Coimbra, onde António Maria das Neves Carneiro conhecera os grandes lapidários da palavra, Castilho e Garrett, soavam docemente e docemente lhe tiravam do

coração umas lágrimas com que ela se sentia melhorar como os pletóricos com a sangria. Chorar é sempre bom nestes casos; e quando as lágrimas são provocadas por uns trenos sentimentais que afagam e acariciam a dor da viúva, é contar que a referida viúva agradece a justiça que lhe fazem, e acha-se bem na presença da pessoa que lhe sabe vibrar as finas cordas do sentimento.

E António das Neves sabia, porque, além de inteligente, estava apaixonado.

Aquilo é que era uma organização excecional de homem! os seus amigos, companheiros das lides escolares, sócios das alegres cavalgatas, cúmplices na hedionda carnificina do Cartaxinho, passavam das masmorras da Universidade para a enxovia do Limoeiro e daí para o patíbulo. E ele, no entanto, namorava publicamente a filha do alcaide, amava secretamente a esposa do ourives; talvez tivesse coração, vagar e pachorra para se andar de amores com uma terceira criatura, e ainda lhe sobrava tempo e espírito para pensar nas liberdades pátrias e no galardão que lhe cabia se Portugal se emancipasse.

É natural que a sua mãe lhe fizesse saber que a tropa e os esbirros assaltaram a casa no Fundão; é de supor que ele visse a sentença dos seus cúmplices que o responsabilizavam como um dos três mais carniceiros esfaqueadores dos lentes; devia de julgar-se enforcado apenas o agarrassem; devia temer que o Governo espanhol absolutista o internasse e pusesse nas mãos da justiça devia, sobretudo, temer a Providência. Pois nada! Namorava, tocava flauta e esmerava-se no alinho dos seus cabelos loiros e na elegância dos seus coletes amarelos e fardetas à caçador, trajo o seu predileto, de que usava no dia da execranda emboscada. E tinha vinte e quatro anos, era um talento, no dizer dos seus contemporâneos, um rapaz de uma gravidade exemplar em Coimbra — me dizia, há cinco anos, um dos seus companheiros de casa!

***

Os concorrentes à compra da ourivesaria, sabendo que a viúva não tinha protetores entendidos no negócio e

desejava retirar-se depressa, mancomunaram-se para lha comprarem ao desbarato. O médico, examinando a escrituração de Luís Nogueira e do filho, conheceu a velhacaria dos ourives espanhóis e aconselhou a viúva a não sacrificar alguns mil cruzados sem absoluta necessidade.

— Se vai para Portugal — disse ele — porque a sua mãe a chama, diga a Sra. D. Teresa a sua mãe que venha para Zarza, e continue a sustentar e negócio, até poder liquidá-lo com vantagem. Enquanto eu estiver exilado, conte a senhora com a minha assistência e considere-me o seu pai, assim como eu a tenho tratado como filha; e, se eu algum dia voltar à Pátria com o meu infeliz António, então lhe pedirei que vá connosco e adote como as suas irmãs as minhas filhas.

Estas palavras do velho impressionaram Teresa tão agradavelmente que a moveram a não vender o estabelecimento. O académico achava-se presente a esta súbita deliberação, que ele agradeceu com um sorriso .e quebranto de olhos mais expressivo que a melhor carta do

Secretário dos Amantes. Ela percebeu a metafísica daqueles trejeitos e corou.

Depois, estando deitada, a sonhar no mistério do sorriso e do olhar amoroso, deu de rosto com. Os olhos do retrato do defunto cravados nela e escondeu a face no lençol.

Teve medo, pejo e remorso.

No dia seguinte mudou de quarto; de mobília e de coisas que pudessem assustá-la.

Escreveu à mãe, pedindo-lhe que fosse para a sua companhia. A Sra. Feliciana respondeu que estava muito pesada, que tinha abafações e que lhe inchavam os tornozelos nas luas novas; e por isso não podia fazer viagem lá para cascos de rolhas, no fim do mundo. Dizia-lhe que se fosse ela para Guimarães, que lhe não faltava que comer e beber; enfim, acabava por acusá-la de filha ingrata, que não tinha amor à mãe nem à sua terra.

Caetana, quando soube que a sua ama positivamente ficava com os Galegos, pediu que lhe fizesse contas. Teresa entregou-lhe as suas soldadas e fez-lhe presente de uns brincos ou cabaças de filigrana de ouro como lembrança

dos serviços que lhe devia. À vista das cabaças, Caetana sensibilizou-se e chorou tão compungida como se Pie batessem; por fim, abraçou-se na ama, soluçando que nunca a deixaria enquanto o mundo fosse mundo. Naquele tempo ainda havia criadas dignas.

Continuou, pois, Teresa de Jesus a negociar; passados alguns dias, apareceu no balcão; os fregueses voltaram em barda e os mais gafados de donjuanismo diziam-lhe amabilidades. Uma vez, António Maria, o académico, estava na loja e ouvira uma dessas finezas derretida por um fidalgote da terra. Fitou-o com os olhos fulgurantes de coriscos e empalideceu silencioso. O cavalheiro saiu, e o académico, com propósito mau ou casualmente, ia sair também, quando Teresa lhe perguntou se estava incomodado.

Ele parou, contemplou-a, os coriscos dos olhos apagaram-se nas lágrimas, demudou-se-lhe todo o rosto na maviosa ternura da súplica.

— Não responde, Sr. António Maria? — tomou ela.

Respondi — disse ele. — Não vê que eu choro?

Ela abaixou os olhos. Estavam feitas as recíprocas declarações com um; pureza rara de gestos e palavras. A língua portuguesa é a melhor das três mil e sessenta e quatro línguas e dos dialetos conhecidos — se Frederico Adelung contou bem — para exprimir honestamente coisas que nem sempre ocultam a pureza das onze mil virgens. Neste sentido, o nosso idioma pode comparar-se ao hebraico que se chamava santo, porque era limpo de palavras frescas e exprimia santamente as frescuras de Salomão e Ezequiel.

***

O caso é que Teresa de Jesus nunca mais desceu à loja; e caso ainda mais assombroso é que o estudante escassas vezes ia a casa do alcaide, e, nessas raras visitas, revelava o sacrifício que fazia ao pai, cuja dependência de D. Rojo de Valderas o trazia desassossegado de receios.

Teresa amava-o ardentemente. Aquele rapaz era, com efeito, o que devem ter sido o artista de Guimarães para

que as duas almas se identificassem. António Maria era arrojado nas aspirações e invejava a morte de uns heróis revolucionários, cuja história contava à viúva entusiasta. Dramatizava coisas insignificantes com atitudes trágicas.

Declamava com o timbre metálico de pulmões que se ensaiavam para o fôlego comprido das pugnas parlamentares. Sabia o gesto e a palavra atroadora de Desmoulins e Mirabeau. Era iam homem antípoda do defunto Guilherme. Não tinha sonhos, arroubos, nem enlevos pelo azul dos céus além. O seu amor manifestava-se em convulsões assustadoras, e às vezes ajoelhava-se aos pés de Teresa com a humildade de uma criança, e não ousava beijar-lhe a barra do vestido. Se lhe apertava, porém, a mão, os seus dedos fincavam-se como garra do açor e o sangue latejava-lhe nas falanges.

Dizia que tinha vontade de afogá-la nas suas lágrimas e morrer. Chamava-lhe a sua redentora, porque já não pensava em estrangular os tiranos da Pátria, desde que todo o seu futuro estava no amor ou no desprezo da única dominadora do seu orgulho. Se Teresa um &a lhe desse o seu destino, queria ir com ela para a América inglesa, para

o coração do mundo onde pulsa a liberdade humana. Se lá a não encontrassem, iriam procurá-la no deserto; à sombra de uma palmeira fariam uma cabana, e no seio de um areal cavariam a sepultura de ambos. Este homem tinha lido as melhores asneiras de 1829: a Adriana de Brianville e Amélia ou os Efeitos da Sensibilidade; e conhecia Atalá, traduzido em 1820, e as Aventuras do Último Abencerragem, em 1828. Possuía literatura bastante para levar a peçonha dos romances ao serralho de Mahmoud II.

***

Entretanto, o alcaide assistia, com o coração atravessado de receios, ao definhamento de Inês. Ela não lhe confessava a ingratidão do académico, porque sabia que o infeliz seria castigado severamente. Conhecia a índole do pai; tinha-lhe ouvido dizer: «António Maria, se aqui estivesse outro alcaide, já o carrasco o tinha cavaleado.»

D. Rojo de Valderas estava, não obstante, muito bem informado. Sabia que o académico visitava todos os dias a

viúva; e lá jantava algumas vezes com o médico; uma criada a sua sabia, por lho dizer Caetana, que Teresa andava alegre e aliviara um pouco o luto ao fim de dois meses, desafogando o vestido e cobrindo ou descobrindo os ombros com escumilhas pretas. Acrescentava Caetana:

A minha ama está ali está casada com o homem. Já não o fala tio outro defunto que Deus tem. A cada canto havia um painel com a cara dele, Deus lhe fale na alma; e ela meteu-os todos num gavetão. Anda toda arrebitada, não faz ideia! O espelho não ganha pó. Ai! — suspirava e dizia a apontar para o céu — , se o defunto visse o que cá vai!... Pobre de quem morre!

O alcaide sabia isto e recomendava à criada que o não contasse à menina; Inês escusava que lho dissessem: o seu amor, acendrado no fogo da paixão e do ciúme, adivinhava tudo.

Por fim, disse ao pai que a levasse algum tempo para Madrid, porque precisava de se distrair. O alcaide abraçou alegremente o desejo: ele queria tirá-la de Zarza sem lhe declarar o motivo; mas, num ímpeto de rancor, reparando no abatimento de Inês, exclamou:

— Serás vingada!

— Peço-lhe que não me vingue — pediu ela. — Se o pai quer que eu viva, não me faça ter pena de ninguém. Eu antes quero sentir ódio que compaixão.

Ele rugiu um rugido interior como uni urso amordaçado e não respondeu.

O médico achou um dia fechada a porta da casa do alcaide. Disseram-lhe que D. Rojo de Valderas fora acompanhar a menina a Madrid. O velho estremeceu e disse ao filho:

— Estamos perdidos, António! O alcaide desembaraçou-se da filha que lhe atava as mãos, porque te amava. Fujamos de Espanha se queres viver.

— Eu não fujo! — disse António Maria. — Se para viver é preciso deixar Teresa, antes quero a morte.

O pobre pai arrepelou-se, bramiu e amaldiçoou a hora do seu nascimento.

Algumas pessoas da sua amizade aconselharam-no que se mudasse para outra província, ou passasse à França, porque o Valderas, para vingar a filha, que o regeneram,

tomar-se-ia feroz como tinha sido. Toda a gente limpa de Zarza sabia que o estudante era um dos assassinos dos lentes. Os liberais compreendiam o crime na indulgente área dos delitos políticos e os absolutistas, por amor do médico, pai extremoso daquele infeliz, se o não acolhiam, também não o delatavam. Em Espanha as mãos tingidas de sangue de homem ou de touro nunca horrorizaram ninguém. Ali o sangue humano e o chocolate são dois artigos nacionais O matar é um idiotismo na moral espanhola, assim como na gramática de cada língua há umas aberrações que se chamam também idiotismos. Portanto, António Maria, com o patrocínio do alcaide, poderia talvez, excluído Deus da comédia humana, viver sossegadamente em Espanha, se a consciência o não inquietava.

Teresa de Jesus recebera uma carta anónima em espanhol ao outro dia da retirada de Inês. Uma pessoa que mal a conhecia — dizia a carta — lhe vaticinava a morte do marido às mãos do verdugo, se ela casasse com ele. E acrescentava: «Se a vossa Mercê o ama, como ele era amado por outra, faça em benefício dele o que a outra fez;

fuja de Zarza para Portugal; não o sacrifique ao seu amor, porque esse desgraçado, se tiver um inimigo poderoso em Espanha, passará dos seus braços para os do carrasco.»

Denunciara-se o coração de Inês, se a não denunciasse a letra mal disfarçada.

Teresa tragou um grande cálice, teve previsões horrendas, experimentou a dor que atormenta sem desafogo. Premeditou fugir para o salvar. Fugiria talvez, se o amor lhe não figurasse diante a artificiosa Inês, armando-lhe uma insídia encapotada em generosidade; mas quer fosse traição, quer fosse uma renúncia nobre a favor da vida ameaçada do homem que ambas amavam, não se lhe despintava do espirito a prisão e o suplicio de António Maria.

Ao mesmo tempo, quando ela se atirava sobre a cama, em ansiado choro, entrava o médico, pálido, alvoroçado, a dizer que considerava o seu filho perdido se não fugisse imediatamente para França. Contou as suas apreensões, viu a carta anónima que as confirmava e implorou a Teresa que afastasse de si o infeliz rapaz, que estava sentenciado à forca.

— Pois sim — disse ela, enxugando as lágrimas — , iremos todos para França.

— Sim? — exclamou o velho. — Vai connosco, D. Teresa?

— Estou viúva há três meses; esperava que passasse um ano para casar com o seu filho; assim lho prometi; casarei já. e iremos.

***

Inês vivera muito na intimidade da mulher do ourives; sabia as miudezas da sua história amorosa; conhecia de nome a viúva do curtidor e o cónego Araújo. Antes de se afastar de António Maria e de avisar Teresa, escrevera em pseudónimo ao cónego relatando-lhe que a viúva do seu sobrinho, apenas o marido expirara, sem dignidade nem pudor, provocara o galanteio de um português residente em Zarza; depois esclarecia-o a respeito da qualidade do expatriado, falava-lhe na forca, na infâmia da amante ou da viúva de um enforcado, e concluía pedindo ao tio de Guilherme Nogueira que afastasse a viúva do seu sobrinho

de Zarza, porque era ela a responsável do suplício do homem que fascinara com a sua desonrada beleza. A pobre Sra. Feliciana também recebeu carta menos floreada e sentimental, mas bastante cruel para lhe agravar a gota e tolher-lhe de todo as articulações dos joelhos. Mandou chamar o cónego e mostrou-lhe a carta, pedindo-lhe a gritos que mandasse os guardas à custa dela prender a filha. Esta boa matrona tinha confiança na justiça de Guimarães até além das carairas.

O cónego Norberto de Araújo em 1829 estava realista esturrado. Convertera-se às cortes de Lamego, porque os constitucionais lhe não deram uma conezia de Braga; e estava agora a esperar que o conde de Basto lha desse, em galardão de ele ter assinado em Guimarães o auto da aclamação de D. Miguel, rei absoluto. Se o desastre da matança dos membros da deputação se desse em 1822, o cónego Araújo talvez dissesse que a árvore da liberdade medrava com o sangue; mas o crime dos estudantes em 1828 classificou-o acima de todas as barbaridades, e achou que a pena da forca não correspondia ao delito, porque as leis antigas tinham o esquartejar a repelões de cavalos e o

extirpar o coração pelas costas. Tudo isto por causa de uma murça, de uns três mil cruzados e de umas meias escarlates na Sé bracarense.

Horrorizou-o, pois, a perspetiva da viúva do seu sobrinho casada com um dos facinorosos que ajudara a fazer vinte e duas feridas, como reza a sentença, na nádega esquerda do seu amigo o deão de Coimbra, António de Brito; e deplorava que os doze mil cruzados do seu irmão Pedro, cujo herdeiro fora Guilherme, passassem às mãos de um assassino, de um sanguinário foragido da forca.

Na febre da sua indignação, meteu-se numa liteira do Gaitas e foi para a Estremadura espanhola, disposto a trazer a viúva e a fazer agarrar, se pudesse, o criminoso.

Quando Teresa ouviu parar a tropeada de uma carruagem à porta e viu o cónego a desapertar os colchetes de um capote de seis cabeções para sair do cavalo, recuou aterrada e disse a António Maria, que estava na sala:

— Esconde-te naquela alcova, que aí está o tio cónego!

Este lance ocorreu no dia imediato àquele em que Teresa resolvera casar para seguir o marido a França.

Caetana descera ao pátio quando o arneiro aldrabou na porta. O cónego perguntou-lhe pela ama. Ora, a criada, que não tinha sido advertida por falta de tempo, respondeu:

— A Sra. D. Teresinha está na sala com o Sr. Estudante português.

O padre esbugalhou os olhos como se quisesse inundar Caetana de fluido magnético. Meteu-lhe medo; porque ao mesmo tempo assoprou dois bafos de estalo que pareciam o estoirar de duas castanhas no borralho.

— Ui! — murmurou ela, a fazer pé atrás. — a vossa Senhoria a modo que não vem bom! Some-te!

O cónego voltou-se para o arneiro de Idanha-a-Nova e perguntou-lhe se havia estalagem em Zarza.

Neste momento, Teresa aproximou-se do patamar da escada e disse:

— O meu tio cónego pergunta por estalagem estando na sua casa?

— Pergunto — respondeu ele, a acenar três vezes a cabeça armada do chapéu triangular. — Pergunto onde

poderei repousar decentemente uma noite; e a Sra. Teresa de Jesus Pereira, quando achar que a sua casa não cheira a sangue de salteadores, terá o cuidado de me mandar chamar, que eu preciso ouvi-la.

— Que quer isso dizer? — acudiu ela, a descer ao pátio — , sangue de salteadores! Explique-se, Sr. Cónego.

— É verdade, explique-se — repetiu a voz de António Maria, o dramático, que vinha a descer placidamente as escadas.

O padre tinha cinquenta e oito anos: andava bem alimentado; as suas mãos eram grandes, escarlates, e sobre o domo de cada dedo tinha um espinhaço de cabelos rijos como as cerdas de um javali. Tinha sido um pródigo de pancadaria, quando se ordenava.

Batera-se com os Franceses em Carvalho deste e disse missa por alma de alguns que matara quando duvidou da legitimidade da sua missão de sacerdote do mansíssimo Jesus e de ajudante de ordens do bispo do Porto, que mandava mar os parlamentários de Soult e os jacobinos portugueses. Depois, ao declinar da vida, uma vez por

outra, saía do seu sério e esbofeteava os seus colegas da colegiada, umas vezes por causa de contas, outras por política; batia alternadamente, em 1820 nos realistas, em 1829 nos liberais. Como quer que fosse, viu o estudante a descer as escadas com uns ares trágicos e não lhe ganhou sombra de medo.

— Que é o que querem que eu lhes explique? — perguntou o cónego. — Ao senhor — disse ele dirigindo-se a António Maria — tenho a dizer-lhe que esta mulher foi casada com o meu sobrinho, um rapaz honrado que por amor dela se expatriou, que morreu há menos de quatro meses e não pede ainda estar desfeito debaixo da pedra. Vim aqui chamado pela notícia da desonra desta viúva, que chegou até Guimarães, e foi assentar-se ao pé do leito de uma velha enferma, que é mãe desta mulher. As explicações que tenho a dar ao senhor estudante estão dadas. Ora agora, à Sra. Teresa, viúva de Guilherme Nogueira, venho dizer-lhe, da parte da sua mãe, que aquele senhor, que me interrogou há pouco tão altivamente como as pessoas honestas interrogam os caluniadores, é um dos tão ferozes quanto covardes assassinos e salteadores que

maniataram dois lentes, dois padres e duas crianças para matarem uns e anavalharem os outros (*).

[(*) Uma das crianças de então ainda hoje vive e reside em Lisboa: é o Sr. Manuel Falcão Cotta e Meneses, uns dos sobrinhos que acompanharam o seu tio, o cónego Pedro Falcão, que sobreviveu a dois ferimentos no peito, a dezassete buracos de chumbo na cara, e algumas punhaladas na espádua direita.]

António Maria das Neves não se arremessou contra o cónego, como o leitor fantasista esperava, supondo essa arremetida o mais dramático desfecho. Seria também o mais inverosímil, se eu subscrevesse a isso por amor da arte. É de saber que os infames têm os seus momentos de convicção, de consciência e de queda sob o peso esmagador de si próprios. Ainda mesmo os celerados, que deram prova de valentia, e se avançaram contra um grupo de homens, estacam frios de tenor se as sombras da noite lhes avultam um fantasma. O fantasma do homicida do Cartaxinho, aqui, era o cónego.

Não direi que o sócio dos «divodignos» temesse materialmente o velho; mas também não afirmo que não; o certo é que António Maria manteve-se estupefacto e

maniatado a encarar aquele homem como um réu confesso fita o juiz que lhe lavrou a sentença de morte.

Quem não sucumbiu foi a filha de Joaquim Pereira — A mulher, quando ama, tem heroísmos e abnegações de que o homem — o ser mais egoísta do reino animal – é incapaz. Acabava o cónego de expetorar a objurgatória, quando Teresa de Jesus, com um sorriso eriçado de crispações coléricas, cruzou os braços com um jeito herdado da mãe e disse:

— Faltou-lhe acrescentar, Sr. Cónego, que este senhor, além de tudo isso que o senhor disse, é.... Ou vai ser, o meu marido.

— Sim?! — acudiu o padre. — Que novidade me da!... Quem devia de ser mulher dele senão a Sra. Teresa?! Cá vou dar essa boa nova a sua mãe. O seu pai teve a felicidade de morrer embriagado, antes deste caso. Salvou-se a tempo. — E voltando-se para o arneiro: — Conduza-me à estalagem: preciso comer; que isto não vai a matar.

O arneiro levou o cavalo à rédea; o cónego ia a limpar as camarinhas de suor e a olhar de esconso sobre o ombro

direito. Parece que não tinha a maior confiança na lealdade cavalheiresca do sujeito que ajudara a fazer os vinte e dois buracos na nádega esquerda do seu amigo deão da Sé de Coimbra.

***

Por aqueles dias chegou D. Rojo de Valderas a Zarza, de volta de Madrid.

O médico procurou-o e foi recebido com o agrado habitual. Ainda assim, não pôde nem quis dissimular a sua aflição. Foi direito ao assunto e começou pela eloquente sinceridade das lágrimas. Depois perguntou ao alcaide se ele e o seu infeliz filho podiam contar com a sua proteção em Espanha.

O alcaide sacudiu as mãos como quem quer esquivar-se à prática de umas coisas desprezíveis e disse:

— Ora adeus, D. António Maria!, não falemos disso. O melhor é não falarmos no seu filho, enquanto a saudade da

minha filha me estiver roendo as entranhas. — E mudou de cara; fez-se roxo, esfregou as mãos, que davam o sonido do atrito de dois guantes; e acrescentou: — Doutor, eu cá não sei nem posso chorar. Aminha desgraça é não poder chorar. Nunca chorei. Acho que todas as minhas lágrimas estão empoçadas à espera que a minha Inês feche os olhos...

— Sua filha não tem doença que nos assuste, D. Rojo! — atalhou o doutor. — Amargamente sinto que o senhor me retirasse a confiança que eu lhe mereci como médico. Se me tivessem dito que D. Inês ia procurar saúde a Madrid...

— Não foi procurar a saúde — interrompeu o alcaide. — a minha filha foi-se divertir... Fale-me de outras coisas agradáveis... Então o seu filho casa ou já casou?

A transição súbita e serena desta pergunta penetrou dolorosamente no peito do velho. Antes ele quisera que o alcaide lhe injuriasse o filho, rebaixando-o à ignomínia por toda a escaleira do insulto, desde a imputação de salteador até assassino.

— Casou já? — insistiu o Vandolero de Castillla-la-Vieja.

— Não, senhor, o meu filho não casou — gaguejou o médico, desanimado e desarmado pelo ar sarcástico do alcaide.

— A. viúva do ourives é rica, hem? — disse D. Rojo.

— Não é rica, senhor... é a fatalidade... tem os filtros infernais que enlouqueceram o meu filho...

— Caramba! — exclamou o castelhano a rir. — Pensava eu que isso de filtros eram bruxarias em que um doutor médico não podia crer! Com que então, ainda se crê em magia lá por Portugal?! Escapou a tal Teresa à Santa Inquisição por não vir com os seus feitiços aqui há dez anos! Tenho pena do seu pobre e inocente filho, doutor! Pois pensava eu que ele se apaixonara pelo espólio da viúva e pelo palmo de cana que os cavalheiros por aí dizem que é apetitosa!...

— Sr. D. Rojo! — exclamou o médico com veemente angústia — , as suas ironias matam-me! Por Deus lhe peço que acuse o meu filho, que razão lhe sobra para o fazer; eu não o defenderei; mas de mãos postas lhe peço que lhe perdoe; pela vida da sua filha lho rogo!

António das Neves ia ajoelhar-se, quando o alcaide, num ímpeto de fúria, passou paro o interior da casa. Momentos depois, um aguazil da alcaidaria entrava na sala e intimava ao médico que o Sr. D. Rojo de Valderas o despedia da sua casa.

O atribulado velho socorreu-se de alguns cavalheiros mais distintos da terra come intercessores. Ninguém se quis baixar a pedir-lhe. Todos aconselhavam ao português a fuga. No entanto, um fidalgo, irmão do arcediago de Xerez de los Caballeros, residente em Badajoz, ofereceu-lhe o patrocínio daquele potentado eclesiástico, na certeza de que as justiças daquela cidade não prenderiam o expatriado, em respeito ao seu irmão. Ainda assim,, este protetor qualificava de temível o alcaide e opinava que o estudante andaria melhor avisado se fosse a Madrid pedir perdão a Inês e casar com ela. Também o médico abundava neste parecer; mas o filho argumentava deste feitio:

— Ponha-me o pai, à direita, a tal Inês com um bem dote e a liberdade; e, à esquerda, Teresa, pobre, e ao lado dela o patíbulo, que eu vou para a esquerda. Não se aterre com tão pouco — acorçoava o estudante, cheio de sinceras

esperanças. – Nós vamos para França, e de França voltaremos brevemente com D. Pedro. São favas contadas. Que me importa a mim o alcaide, o salteador, o bandoleiro! O pai queria ser o avô dos netos de um capitão de ladrões? Pergunte aos mancebos de Zarza se algum quereria ser marido da rica herdeira de Rojo de Valderas! Ninguém! O homem aproveitava no expatriado, no liberal perseguido, um marido para a filha, à falta de homens! Quem!, eu? Chamam-me outros destinos. Ou hei de ser um dos primeiros homens no Portugal livre, ou desterrar-me-ei voluntariamente e pata sempre dessa cafraria. Caso com Teresa porque preciso de um coração de mulher que suavize as asperezas da minha alma de espartano. Se o amor me não roubar a mim mesmo, serei capaz de ir a Portugal cravar o ferro no peito do tirano e pegar o fogo ao alcouce do Ramalhão, e pôr luminárias à liberdade incendiando os mosteiros e a vestir os frades de alcatrão, como Nero fez num dia de justiça. Preciso do amor desta mulher como os sublimes doidos que têm no cérebro a salvação de um povo carecem de capacetes de neve para lhes esfriarem a ebulição generosa do sangue. A morte deixou de ser afrontosa desde que Danton e Robespierre

atiraram com as cabeças ao prato da balança em que se pesava o futuro dos povos. Chamem-lhe forca ou guilhotina, que me faz a mim o nome?

Eu hei de ter o meu dia de martírio ou de glória. Hei de fazer desenterrar os ossos dos meus companheiros e fazê-los adorar nas aras da Pátria; hei de reparti-los como relíquias dos santos da segunda redenção da humanidade e perguntarei aos bonzos se os eremitas da Tebaida fizeram tanto como eles e como Marat e como Saint-Just pela restauração da alma humana! Que me importa a mim o abjeto alcaide deste abjeto burgo de Zarza? Se ele se atravessar no meu caminho, meto-lhe o meu punhal na garganta e poupo a história espanhola à infâmia de numerar este Cartouche no número dos seus alcaides. Nada de sustos. Iremos para Badajoz enquanto Teresa não traspassa este embaraçoso negócio; depois lá se marcará o nosso itinerário, se o pai quiser seguir-nos; e, se tem saudades da família, vá para Portugal, que ninguém o perseguirá, e deixe-me a só com o meu destino. Eu preciso da luta para ser grande como os anacoretas precisam das tentações para serem santos! a minha vida é uma molécula

de um novo caos em que vai entrar a humanidade, para depois se reconstituir. Os homens da geração presente não são de si mesmos, são da geração vindoura. Os que hoje morrerem ressurgirão na vida nova das sociedades. A forca de 1828 e 29 é a apoteose de 1838 e 39. Dentro de dez anos, António Maria das Neves Carneiro será ministro ou terá o seu nome inscrito ente os mártires do Cais do, Tojo e da Praça Nova.

E assim por diante, com grandes gestos, e não menor assombro do pobre velho, que, através da lente do amor paternal, media o filho pela estatura de Catão.

***

Teresa de Jesus Pereira e António Maria das Neves Carneiro casaram, em Badajoz, em Dezembro de 1829. O arcediago de Xerez de los Caballeros, bom católico e entranhado partidário de Fernando VII, escrupulizava em proteger um escapadiço da forca; todavia, condoera-se do pai e acedera aos rogos do irmão.

Os noivos alteraram o plano da saída imediata para França, primeiro porque se interpuseram delongas na venda da ourivesaria, depreciada pelas solicitações da vendedora, depois pela dificuldade em obter passaporte para França com as legalidades miudamente exigidas. O Governo espanhol espionava os que se moviam na direção do, foco revolucionário. Estava em ebulição o movimento de Julho de 1830.

Entretanto, Inês de Valderas voltava de Madrid, aconselhada a procurar saúde nos ares de Zarza, e em Janeiro de 1830 expirava nos braços do pai, no momento em que se esforçava por destruir um pequeno maço de cartas que lhe caíram das mãos moribundas.

A vingança do alcaide começou quando ele se ergueu de rezar a última prece sobre a campa da filha. Inês não acabara tão santa e resignadamente quanto se faria mister para que esta página parecesse um pedaço de folha arrancada ao flós-santório do padre Ribadenera. Ela amaldiçoara António Maria quando soube que Teresa lhe chamava esposo e galeava nas suas tranças loiras soltas sobre a espádua do marido na Plaza de San Juan. Disse

que, se fosse homem, iria apunhalá-los ambos. O pai ouviu-a e murmurou:

— Deixa esse cuidado ao verdugo, quanto a ele; quanto a ela, há de viver para o ver na forca.

Inês teve então um frouxo de riso feroz. Nunca se parecera com o pai senão quando se nu assim.

O alcaide conhecia o pulso do braço poderoso que defendia o filho do médico. A bandeira protetora de António Maria era a ciência do facultativo. O arcediago salvara-se do terceiro insulto apoplético pelos desvelos do médico português. Redobrou, pois, de zelo pela segurança dos emigrados.

D. Rojo, a conversar com o irmão do arcediago em Zarza, não denunciava intento malévolo; pelo contrário, inculcava piamente que a sua Inês era a santa do Céu que mais patrocinava o seu ingrato matador.

O fidalgo, a escrever ao irmão, referia-lhe o que passava com o alcaide — a quem chamava parvo — e era de opinião que o homem, alquebrado pela perda da filha e pelos achaques da velhice, não premeditava vingar-se, e até

pensava em vender os bens e retirar-se para um mosteiro, como quem já nada tem que ver com o mundo, e tinha muitos pecados que estrangular nos rins com o cilício.

O arcediago e o médico desconfiavam das conjeturas do logrado apreciador do alcaide; mas António Maria, ensandecido daquela demência que acomete os destinados por Deus à perdição, consoante dizem os Livros Santos, era um leviano que se pavoneava soltamente com a esposa e parecia fazer gala do patrocínio e da impunidade.

Como lhe fosse necessário receber dinheiro em Alcântara, foi com a esposa, uma gentil amazona, cujos cabelos soltos impregnavam as brisas do seu perfume.

O arcediago, quando o médico lhe disse que o filho e a nora iam a caminho de Alcântara, afligiu-se e exclamou:

— Eu hoje soube que entre o Governo português e o nosso há inteligências a respeito do seu filho. Vá depressa, siga-os, e faça-os sair de Alcântara antes que o alcaide de Zarza saiba que eles estão lá. O seu filho não tem juízo e a sua nora entendeu que uma mulher bonita é um arnês que defende o marido. São ambos doidos. Vá chamá-los e que se

escondam até nova ordem na minha quinta, e não me apareçam em Badajoz.

***

O médico entrou de noite em Alcântara e soube que o filho e a nora tinham ido para os arrabaldes assistir para uma festa do 1º de Maio, convidados por um joalheiro, principal comprador da ourivesaria. De madrugada, quando ia a sair da estalagem, foi preso por dois aguazis, que o levaram à presença do alcaide. Após uma breve interrogação, conduziram-no à cadeia para ulteriores averiguações. Um dos esbirros, que o conhecera em Zarza, rio trânsito para o cárcere, disse-lhe que o alcaide D. Rojo de Valderas estava em Alcântara havia quatro dias e ofereceu-se para lhe levar algum recado, se o preso precisava da proteção dele.

O médico perguntou-lhe se ele teria dúvida em receber duas onças pelo favor de procurar o seu filho, na aldeia que nomeou, e dizei-lhe que o seu pai estava preso.

— É inútil — disse o quadrilheiro — porque o seu filho deve já vir no caminho do cárcere.

— Perdidos! — exclamou o velho, amparando-se no ombro do esbirro.

— Pelo que vejo — disse o outro — , o seu crime é coisa de maior! Em Espanha não é costume prenderem-se os emigrados políticos de Portugal...

O Dr. António Maria recobrou alento e caminhou para iludir a curiosidade dos transeuntes. O povo farejara espetáculo nas lágrimas daquele velho e queria saber a história. O carcereiro deu-lhe um quarto espaçoso, expôs-lhe os costumes da casa, indicou-lhe a melhor estalagem para se fornecer de víveres e retirou-se porque o chamavam para receber um preso: era António Maria das Neves.

Como não havia recomendação especial, o carcereiro alojou-o no quarto do pai.

Teresa de Jesus acompanhava o marido; mas ia livre. O velho abraçou-se no filho, em clamorosos gritos. O estudante abraçava o pai; mas não desfitava os olhos da mulher.

Ela encostara o rosto para um travessão de ferro da grade e soluçava.

— Teresa! Teresa! — exclamou António Maria — , eu começo desde já a pedir-te perdão, porque te desgracei.

Ela correu para ele, beijou-o, lavou-lhe o rosto de lágrimas e murmurou:

— Não percas a esperança... Eu vou já para Badajoz... O arcediago há de valer-nos... Eu hei de salvar-te, António!...

— Melhor fora que na tua volta me encontrasses morto... Se eu me suicidar,

Teresa, não consintas que me chamem covarde... Mato-me para que sobre ti não caia a infâmia da morte que me vão dar...

— Pelas cinco chagas de Cristo! — acudiu ela. — Não te mates, que eu tenho esperanças de te arrancar daqui!

E abraçava-o com frenética paixão.

— Tu tens aqui um punhal... — disse ela, sentindo a rijeza do punho de bronze contra o seio. — z — Dás-me este punhal, António? Receio que te mates... Dá-mo!...

— Leva-o — disse ele com indiferença. — Será tudo quanto te fique de mim... esse punhal...

Teresa olhou para o ferro e disse com serena majestade:

— Se mo deixares... Olha que fica nas mãos de um homem.

— O alcaide, afinal, venceu disse o estudante. — O infame espiava-me os passos... Leva-me ao patíbulo...

Teresa foi rapidamente à porta do quarto, como receosa de que a ouvissem; voltou para entre o marido e o sogro, ia exprimir uma ideia que lhe rutilava nos olhos brilhantíssimos, e susteve-se, murmurando:

— É cedo...

É cedo o quê? — perguntou António Maria.

— Nada... Não me perguntes nada... Deixa-me por enquanto conservar uma pouca de serenidade, senão a esperança foge-me, e eu,, que sou necessária à tua vida, posso morrer primeiro.

Eis aqui o diamante bruto de Guimarães lapidado por António Maria. O primeiro marido iluminara-lhe o espírito

com a suave luz das estrelas; o segundo enchera-lho dos clarões intensos do relâmpago. Ela aí está a olhar para o punhal das três esquinas, com os mesmos olhos com que nove anos antes olhara para a flor colhida na jarra de Guilherme Nogueira. Latão, os seus olhos tinham a meiguice de uma pastora da Arcádia de Poussin; agora chamejavam como os da Carlota Corday.

***

Foi a Badajoz e pediu ao arcediago que lhe salvasse o marido e o sogro. Lançou-se-lhe aos pés, abraçou-lhe os joelhos, beijou-lhe as mãos. O ancião foi a Madrid.

Conseguiu reter a ordem que mandava conduzir à caraira os presos, até ver se revogava a deliberação do Governo. Saíram grandes protetores contra as instâncias do alcaide de Zarza. O mais que o arcediago, ainda assim, obteve, foi uma detenção que poderia dar azo para uma esperança — à mudança dinástica em Portugal ou Espanha.

Esperava-se a revolução de França. Mas D. Rojo de Valderas estava em Madrid, aguilhoando o representante de Portugal.

— Não posso vencer a influência de um antigo caudilho de salteadores! — disse o arcediago a Teresa de Jesus. — O alcaide de Zarza é implacável. Trabalha como se D. Miguel delegasse nele os direitos que a lei lhe dá à cabeça do seu marido.

Teresa não consultou o marido. Foi a Madrid. Informou-se da residência do alcaide. Entrou-lhe imprevista no seu quarto, onde o rodeavam os antigos cabecilhas da aclamação de Fernando VII absoluto. Pediu com altivez que perdoasse ao seu esposo uma culpa que era só dela.

— Fui eu que o roubei ao amor da sua filha! — exclamava a louca no delírio de um mau romance — . fui eu que o fascinei com um poder sobrenatural!, arranquei-o aos braços da sua filha como quem afira um cego para um abismo. Não tenha compaixão de mim, senhor; mas tenha misericórdia com ele que ainda não fez vinte e cinco anos e vai morrer numa forca!

— A senhora — disse sossegadamente o alcaide — está muito iludida ao meu respeito! o seu marido foi preso pelo alcaide de Alcântara, se bem me recordo; e eu sou, como sabe, alcaide de Zarza. O seu marido é um criminoso cuja extradição é pedida pelo legítimo monarca de Portugal, ou pelo seu representante em Espanha. Eu sou tão estranho a esses convénios entre os dois países como estes os meus amigos que não conhecem o seu marido nem sabem talvez do que se trata.

— Sr. D. Rojo! — voltou Teresa de Jesus — , pela alma da sua querida filha lhe suplico que não se oponha a que os amigos do meu infeliz marido o protejam em Madrid. Ajoelho-me diante do seu coração de pai e dos seus cabelos brancos! Deixe-me crer que há Deus pela misericórdia dos seus olhos! Veja que estes os seus amigos me encaram com piedade: seja piedoso também comigo! Lembre-se que o meu marido será enforcado logo que entre em Portugal!

— Õ senhora! — replicou o alcaide — , parece que me não percebeu! Rogo-lhe que me não importune! Deixe-me, que eu nada lhe posso fazer.

Teresa de Jesus ergueu-se inteiriça e hirta como uma estátua de bronze. Fixou-o como dois dardos que se apontam à cara de um homem e disse:

— Quer que o deixe?... deixarei... E até à vista.

E saiu.

Dizia Pajillas a Missas:

— Que mulher! Eu dava o marido ao Diabo e ficava-me com ela.

Jaime Alonso, o Barbudo de alcunha, limpava as lágrimas ao canhão da farda de tenente-coronel. O francês Georges Bessières disse que a ia seguir e seria capaz de arrombar a cadeia de Alcântara para lhe dar o marido em troca de um beijo. Pantisco pedia em termos honestos ao seu amigo que, se podia, salvasse o tal emigrado da forca, e dizia ao ouvido do francês: «Recorda-te que já estiveste para ser enforcado.» (*)

[(*) Georges Bessières desertara de um regimento francês em 1810, depois de haver matado na Catalunha o capitão. Apresentou-se ao exército espanhol, justificando ser oficial, com os papéis do capitão assassinado, e fez guerra aos Franceses. Quando ia desertar, foi agarrado e exonerado da farda. Em 1820 conspirou contra os liberais, e foi condenado à forca. Salvaram-no os

constitucionais, que ele perseguia em 1830. Pajillas tinha sido ladrão célebre era Castilla e esteve condenado à morte por assalto às malas de um correio. Missas infestou as estradas de Catalunha. Jaime Alonso foi chefe de ladrões quinze anos em Valência e Múrcia. Pantisco capitaneou unia malta em Andaluzia. Chamavam-se estes homens em Espanha os defensores da fé. — Ocios de Españoles emigrados, periódico mensal. Londres, 1824.]

O alcaide de Zarza relanceou os olhos, que espumavam sangue, aos circunstantes, e disse cavernosamente:

— Vocês não sabem talvez que eu sentei à minha mesa o homem desta mulher; abri-lhe a minha bolsa e franqueei-lhe de dia e de noite as portas da minha casa; deixei-o galantear a minha filha, a filha única, o meu único amor, a minha pobre Inês. Pediu-ma para esposa, e eu dei-lha; e vai ele depois, quando a minha Inês não via outra coisa no mundo, e parecia até amar-me menos por amor dele, o infame abandonou-a, casou com essa que aí viram, e a minha filha morreu-me nos braços. Sabem agora quem é o homem que está preso?

Todos os defensores da fé disseram, à uma, que lhe teriam arrancado um olho pelo buraco do outro e desejaram-lhe outros suplícios assim imaginosos no calão dos salteadores.

D. Rojo redarguiu:

— Estou velho e cansado. O carrasco que faça a sua obrigação.

***

No dia 5 de Junho de 1830, depois de mês e meio de prisão em Alcântara, os dois portugueses receberam ordem de estar prontos para marcharem ao seu destino. Com este aviso, António Maria perdeu o ânimo. Não vislumbrava a mínima feição daquele homem que discorrera tão pomposamente acerca dos heróis e dos mártires. Não lhe ocorria nada de André Chenier nem de Saint-Just. Caiu a chorar nos braços da mulher, enquanto o médico, por uma espécie de egoísmo, que está no instinto da vida, se agachara para um canto a perguntar a si mesmo se seria também enforcado pelo simples facto de ser pai do réu. Teresa era admirável de coragem. Apanhava a cara do marido entre as mãos e dizia-lhe:

— Então?... queres tu? Suicidemo-nos!

E mostrava-lhe o punhal, como a Árria, que dizia a Poetus, o seu marido, condenado por Cláudio: «Isto não dói!», e apontava a ponta do aço ao coração.

— Queres que eu me mate primeiro?

— Quem sabe? — dizia ele. — Quem sabe se rebentará a revolução!... Esperemos...

Nem a valentia do suicídio, atem a vergonha diante daquela mulher esplêndida, sinistra, formosa, com todas as seduções da morte!

E o velho tiritava a usa canto e falava como um idiota para uma fisga que separava duas tábuas.

Ela encarava ora um, ora outro, e parecia ganhar nojo à vida.

Ao escurecer, o carcereiro mandou-a sair; e, fora do quarto, disse-lhe:

— Eles são amanhã ao meio-dia entregues à tropa portuguesa, que os espera em Segura, na caraira. Previna-se a senhora.

Deteve-se ela dois segundos a meditar e respondeu:

— Diga amanhã ao meu marido que eu fui adiante.

Em Parênteses

Posto que a arte me ponha preceito de exterminar todo o elemento cómico destas páginas fúnebres, a natureza das coisas obriga-me a fazer menção de Caetana, que não podia deixar de receber uma tintura melancólica em contacto com tantos infortúnios.

Estava magra; era uma desgraça que ela expunha à ama todos os dias — o estar magra como uma cadela. Às vezes davam-lhe guinas de fugir para Margaride, a sua pátria, e quem as armou que as desarmasse. Depois a fidelidade de criada antiga reagia, e um lenço ou uni saiote da ama ajudavam a vitória dos bons instintos. A saída de Badajoz para Alcântara buliu-lhe com o coração. Tinha ali atado as duas fibras mais sensíveis do seu peito, nove anos cortadas pelo golpe da saudade. A Espanha conseguira conquistá-la afinal, na pessoa do despenseiro do arcediago: era o

primeiro paisano e primeiro estrangeiro que amava; e nestes amores de espécie nova e pachorrenta a sua nutrição dava-lhe cor local. Tudo concorreu, porém, a adelgaçá-la.

Vendo a sua ama chorar dia e noite, dizia que se sentia arrebentar por dentre, e eu não duvido da sinceridade deste incómodo. O que sei, e colho dos apontamentos desta mal contada história, é que Caetana no dia 6 de Julho de 1830 entrou em Portugal com Teresa de Jesus, e assim que pisou em Zibreira terra da Pátria, se a não beijou como os sublimes repatriados, voltou-se para o lado de Espanha e bradou: «Que leve o diabo os Galegos, Sra. D. Teresa! Se me vejo em Guimarães, tomo a encher!»

***

Teresa de Jesus Pereira era um pouco parenta do conde de Basto, José António de Oliveira Leite de Barros. Contara-lhe a sua mãe que uma a sua prima, a Joaquina Russa, dera em droga, estando a servir na Brea, em casa de André de

Oliveira, pai do desembargador. Deste dar em droga nascera o bastardo que, em 1830, era ministro do Reino. Por conseguinte, à esposa fantasiosa de António Maria das Neves figurou-se-lhe que, apresentando-se ao primo conde, salvaria o marido. A fim de arranjar carta de apresentação, foi a Guimarães, fiada também no patrocínio dos parentes da Sra. Condessa de Basto, D. Catarina Leite, filha do primeiro visconde de Azanha:

Feliciana, quando ouviu a voz de Teresa a perguntar por ela, saltou do leito e fez do seu reumatismo umas asas de amor maternal. A filha espantou-se do envelhecer da sua pobre mãe no breve decurso de oito anos. Parecia-lhe ouvir ainda o pai. Os sítios, visitados depois de muitos anos de ausência, revivem recordações, figuras, existências e vazes que aí vimos e ouvimos quando os deixámos. Teresa ouvia o vozear estrondoso de Joaquim Pereira, sentia no olfato o odor nauseabundo dos curtumes, no ladrilho das janelas estavam ainda os seus quatro vasos de craveiros, apalpava para assim dizer o cadáver galvanizado da sua infância e mocidade. Não seria saudade o sentimento que a fez debulhar-se em lágrimas abraçada na mãe: saudade ou

remorso, a sua dor era uma contrição da alma que a fazia debater-se em ânsias desesperadas.

Explicou à mãe a sua situação. A Sra. Feliciana escutava com a boca mais aberta que o entendimento, benzia-se de vez em quando, olhava para o crucifixo do seu oratório, meda a cabeça nas mãos, e nestes aflitos trejeitos ouviu a pungente história do segundo marido da sua filha. Quando Teresa lhe disse que queria falar ao conde de Basto e apresentar-se como segunda prima da sua mãe, Feliciana não deu importância nenhuma a tal recurso.

Valha-te Deus! — disse ela — , A Joaquina Russa, mãe desse brejeiro, fizeram tanto caso dela que, se não fossem as esmolas dos parentes, morria a pedir por portas. Deixa-me ir falar com o Sr. Bernardo Correia, que é cunhado do conde, a ver se ele te dá uma carta para a irmã... Olha, filha, se isto fosse coisa que se remediasse com dinheiro, eu tenho aí algum; mais de seis mil cruzados; e, se não chegar, vendem-se as casas, ainda que eu fique a pedir pelas portas.

Feliciana encontrou Bernardo Correia, o coronel dos voluntários realistas de Guimarães, insensível às suas

súplicas. Segundo ele, o estudante devia morrer enforcado como os outros, e a mulher devia ser açoitada por casar com tamanho assassino e ladrão. Disse mais que o cónego Araújo lhe contara o que passara em Espanha com a tal joia da Teresinha do Joaquim dos Coiros. Este fidalgo era um homem de bom fundo; mas à superfície tinha-lhe rebentado um pouco da lepra do cunhado conde de Basto. Deus lhes perdoe a todos e lhes desconte nos seus pecados a época em que floresceram e o muito que cavaram no seu próprio abismo.

Voltou a velha com a resposta do fidalgo. Teresa abafava na estreiteza da casa; não respirava; queria sair naquela mesma noite, ao encontro do marido; queria matar-se depois de lhe beber as lágrimas no derradeiro beijo. Declamava isto em altos gritos, enquanto a mãe, ajoelhada diante do seu lívido Jesus Crucificado e da Virgem das Dores, lhes implorava que dessem alívio à desesperação da sua filha.

No dia seguinte, Teresa de Jesus voltou pelo caminho de Espanha, a longas caminhadas, com um arneiro, sem receio, sentindo alternativamente o desejo da morte como

esquecimento; mas, se um leve desfalecer de cabeça, aturdida pelas insónias, a ameaçava de morte, então pedia a Deus a vida para se vingar, como se Deus fosse o Jeová das sanguinárias vinganças de Israel.

Quando chegou às Cernadas, soube que os dois presos estavam na cadeia de Castelo Branco, havia cinco dias. António Maria, quando entrou em Idanha, recebeu do carcereiro um bilhete em que a esposa lhe contava os seus planos de salvação; e quando a viu aproximar-se da cadeia, tão cedo, perdeu a absurda esperança que tem ar de zombaria quando afaga certa espécie de perdidos.

Teresa de Jesus não conseguiu entrar no cárcere. Havia proibição de comunicarem os presos com quem quer que fosse.

No dia 14 de Julho seguiram jornada apressada para a capital e no dia 20 entraram no Limoeiro.

Pelo mesmo tempo, Feliciana, aconselhada pelo cónego, foi para Lisboa com Caetana. O tio de Guilherme Nogueira condoera-se de Teresa e dissera à mãe que a fosse amparar na imensa desventura de uma viuvez tão afrontosa.

Recomendou-a na capital de modo que mãe e filha fossem acolhidas com decência e veladas pela compaixão de um comerciante natural de Guimarães.

Instaurou-se processo ao médico, pai do estudante. Quanto ao filho, esse estava processado; restava, apenas, acrescentar à sentença o depoimento de algumas testemunhas que ficara secreto nos autos. O Dr. António das Neves Carneiro foi condenado a degredo para as províncias do Sul do Reino, o seu crime era ter acompanhado o filho para Espanha. Houve com ele a misericórdia do retirarem do Limoeiro antes que o filho saísse com a alva dos padecentes.

A energia de Teresa quebrantou-lha a enfermidade, desde que em Castelo Branco lhe estorvaram aproximar-se das grades. Seguiu os presos através de trinta e quatro léguas, podendo apenas comprar a condescendência de um soldado que uma vez conseguiu entregar uma carta a António Maria, cujas algemas lha não deixavam lar.

Quando chegou a Lisboa e encontrou os braços da mãe, pediu a Deus que a deixasse então morrer; mas, a espaços, sacudia o fantasma da morte com as tranças soltas da

cabeça vertiginosa, empunhava o ferro dos três gumes e dizia umas palavras soltas que arrancavam clamorosos brados à mãe.

Entretanto, António Maria das Neves Carneiro era interrogado. Cumpria-lhe ser então homem e afrontar a morte com a dignidade dos seus modelos republicanos; nós, porém, a falar verdade, não tivemos no prefácio sanguinolento da nossa liberdade uma só dessas ilustres vítimas que soubesse morrer, confessando o delito de nos querer resgatar da tirania. Todos traíram os seus intuitos generosos, renegando-os. Nem Gomes Freire, o primeiro mártir involuntário, dera o exemplo da grandeza do sacrifício pelo desprezo da morte. António Maria, em frente do irremediável patíbulo, nem aí teve brios de aceitar o quinhão que lhe cabia na façanha. Um dos seus companheiros, Manuel Inocêncio de Araújo Mansilha, quando já não tinha onde firmar a âncora da esperança, declarava que não era cristão e queria morrer católico: cristão era ele como dizem que são os batizados; mas esperava prolongar a vida com a cerimónia de um novo

batismo. E todos assim, sobre criminosos, deploráveis nas suas duas covardias – a do assalto e a da morte!

Quanto ao marido de Teresa de Jesus, esse, «interrogado nos autos de perguntas constantes do apenso último respondeu que não tinha concorrido para o referido delito, que não acompanhara os corréus que o perpetraram, nem com eles fora pelo caminho de Condeixa, porquanto se havia antecipado com uma — licença de oito dias do vice-reitor da Universidade para ir passar as férias da Páscoa em Góis, para onde partira das nove, para as dez horas da noite do dia antecedente, próximo ao em que se cometeu o dito delito, indo a pé como costumava fazer muitas vezes; e que no mesmo dia em que houve aquele delito — em Condeixa, viera um o seu amigo de Coimbra, e lhe contara aquele acontecimento, dizendo-lhe que em Coimbra se falava no seu nome como envolvido nele, e que por isso se retirou para o Paul e de lá para Espanha».

Eis aqui o tiritar do herói diante do aspeito carrancudo dos Ornelas, dos Maciéis Monteiro, dos Casais Ribeiro e dos Martens Ferrão, que envergavam as becas desembargatórias, e, ouvida ou lida a deplorável defesa,

assinavam a sentença que rubricariam se ele então vaticinasse a alguns daqueles juízes que ia alegremente morrer no altar da liberdade onde mais tarde os filhos deles desembargadores implacáveis iriam buscar as suas cartas de conselho e as suas coroas de conde. E, se ele dissesse isto, pouco mais ou menos, o nobre conde de Casal Ribeiro e o Sr. Martens Ferrão, preceptor do príncipe, que Deus guarde, tinham de pensar hoje que a sua posição fora profetizada há trinta e seis anos.

Não, senhores. António Maria das Neves não profetizou nada, não proferiu uma frase sequer imitada das muitas que imortalizaram os girondinos, e de tantas que uma valente mulher, a esposa de Roland, dizia aos seus companheiros da carroça, no caminho da guilhotina. Ouviu ler serenamente a sentença até ao terceiro período.

Depois, saltaram-lhe as lágrimas em torrentes. Ouvira proferir o nome da sua mulher, porque a sentença começa assim:

Acórdão em Relação, etc. Que vistos estes autos que com o parecer do seu Chanceler que serve de regedor, se fizeram sumários pelo acórdão fl. 119 vº ao réu António Maria das

Neves Carneiro, estudante do segundo ano de Matemática na Universidade de Coimbra, casado com Teresa de Jesus Pereira... etc.

Depois recobrara os sentidos, emergindo daquela doce aniquilação de instantes, e desde que ouviu ler o final da sentença — ganhou alentos dignos de melhor causa. O final da sentença rezava assim:

Portanto e o mais dos autos; considerando que o réu António Maria das Neves Carneiro se acha incurso na disposição da Ordenação, etc., o condenam a que com baraço e pregão seja levado pelas ruas públicas desta cidade ao lugar da forca que se acha levantada no Cais do Tojo, e aí mona morte natural para sempre, e depois lhe sejam decepadas cabeça e mãos, que ficarão expostas nos ângulos da mesma forca até que o tempo as consuma: outrossim o condenam na indemnização dos efeitos roubados, 2000$000 réis para cada uma das viúvas dos falecidos Mateus de Sousa Coutinho e Jerónimo Joaquim de Figueiredo e em 100$000 réis para despesas da relação, e nas custas dos autos que lhe forem relativas.

***

A sentença foi lida no dia 6 de Julho, e no dia 9, ao meio-dia, o justiçado passava caminho da forca, pela Rua das Pedras Negras, onde morava o negociante que hospedara Teresa de Jesus.

Ela já ali não estava, desde o dia em que a sentença foi lavrada.

Na manhã do dia 6 levantara-se ao romper da aurora com um rosto lívido, inerte, estupidamente sereno. Vestira-se de preto, de rigoroso luto, e pediu à mãe que não chorasse e lhe desse ânimo, porque havia sete noites que não dormia, e sentia-se morrer. Disse ao dono da casa que o seu marido, segundo lhe afirmara o procurador, era sentenciado naquele dia, e enforcado três dias depois, como sucedera aos outros estudantes; que ela não queria ali estar, porque sabia que aquela rua era caminho para o Cais do Tojo; que ia passar alguns dias fora de Lisboa e voltaria depois a buscar a sua mãe para se recolherem a Guimarães. O hospedeiro compadecido quis embargar-lhe a resolução,

não quanto à saída, mas quanto ao incerto destino que ela levava. Ofereceu-lhe uma a sua quinta em Sacavém. Teresa deteve-se um momento indecisa e aceitou; porém, como a mãe quisesse acompanhá-la, a filha impugnou que ela fosse, a dizer que precisava estar sozinha, e apenas levaria Caetana.

Pouco depois, entrava numa sege com a criada e com o negociante. Durante o caminho, ia como entorpecida, reclinada sobre o ombro da criada. Às vezes tremiam-lhe as pálpebras, e as lágrimas apontavam por entre as pestanas como pequenas pérolas.

Não respondia e parecia ouvir com repugnância as perguntas.

Em Sacavém, ao recolher-se para um quarto, beijou a mão ao seu velho patrício e despediu-se.

— Se eu morrer — disse ela — , peça a minha mãe que me perdoe... Tencionava pedir-lhe perdão antes de sair; mas,.. não a quis fazer chorar.., nem eu podia chorar também.

O negociante realmente compreendeu que Teresa de Jesus devia esperar de Deus a misericórdia da morte.

Assim que se viu livre da opressora companhia daquele homem, indagou do abegão se havia em Sacavém cavalos de alquilaria. Mandou alugar dois para uma longa jornada e saiu com a criada, na noite daquele dia. Tinha dormido três horas e acordara com tremuras de frio. Batiam-lhe os dentes, quando o ardor das faces secava logo as lágrimas. O dia fora ardentíssimo; mas, à noite, a brisa do mar arrugava levemente a superfície do Tejo prateado pela Lua. Aquela mulher passava com a sua desesperação pelas formosuras dessa noite de Julho como os anjos réprobos de Milton despenhados do Céu por entre as rutilantes constelações do espaço.

***

Contara-se que o alcaide de Zarza, perdida a filha, ia vender os seus grandes casais e acolher-se ao sagrado claustro. Citavam-se exemplos de alentados malfeitores

convertidos, e até ladrões bíblicos. Dimas, por exemplo: chamavam-lhe já um dos bons ladrões de Espanha. Estava-se a ver qual era o convento que apanhava a pechincha da doação.

D. Rojo volveu de Madrid a exercer as suas funções executivas com a costumada retidão. Parece que não pensava em claustros nem em converter os seus haveres em títulos pagáveis na eternidade. Vivia triste, preocupado e talvez farto de viver; todavia, faltava-lhe a crença religiosa que busca no frade o bálsamo cicatrizante dos golpes que com o mesmo resultado; mas á terceira, o carrasco, já farto de o aturar, segurou o capuz com ambas as mãos, escarrapachou-se-lhe nos ombros, empurrou-o, com os pés, para fora da escada e zás.

***

Parece que sempre se desconfiou de alguma tentativa de roubo do tal herói, porque o Cais do Tejo, e todas as suas imediações, principalmente do lado do rio, estavam cobertos de tropas, e não se deixava aproximar do largo senão militares... nos fazem os nossos irmãos em Cristo. — Disseram-lhe os seus aguazis que Teresa, a viúva do

enforcado, tinha entrado em Zarza na madrugada do dia 14 de Julho, ao — mesmo tempo que o correio lhe levava a notícia do suplício do estudante; acrescentaram que ela e uma criada se encerraram na casa da sua antiga residência; e perguntaram-lhe se deviam prendê-la ou vigiá-la.

— Não a prendam nem a vigiem — respondeu o alcaide. À meia-noite desse mesmo dia, quando D. Rojo de Valderas regressava de um largo passeio para se refrigerar da calma da tarde, entreviu rente da sua casa um vulto, esbatido na sombra do alpendre que encimava o portal. Não se deteve em conjeturas nem em precauções. Prosseguiu o seu caminho com o descuido de quem não divisava coisa suspeita; e, ao avizinhar-se três passos do portão, viu ressaltar o vulto da sombra e correr contra ele com o braço erguido. O aço de um punhal lampejou no ar e manteve-se trémulo um instante, enquanto o agressor proferia estas palavras:

— É a viúva da tua vítima que te mata, infame!

O braço desceu e encontrou entre o ferro e o peito uma garra que lhe empolgava o pulso. A heroica viúva tinha

diante de si o mais valente caudilho das hordas da Castela Velha. Não pensou de antemão que Holofernes dormia e Marat estava no banho quando foram assassinados.

Neste conflito, a ronda, que vigiava de moto próprio as avenidas da casa do seu alcaide, viu aquele vulto de mulher a debater-se na presa inflexível de outro vulto.

Correu para o grupo.

— Conduzam esta mulher à minha presença — disse o alcaide — e tragam esse punhal que está no chão.

Os aguazis pegaram dela pelos braços com arremesso.

— A modo! — obstou D. Rojo. — Conduzam-na sem violência.

O alcaide abriu a porta e entrou no pátio iluminado por um lampião pendente. No patamar apareceu um criado com um candeeiro, e foi adiante do amo.

— Para a casa da audiência — disse D. Rojo.

Pouco depois entrou Teresa de Jesus com os dois esbirros. Um deles trazia o punhal.

— Ponham o punhal sobre aquela mesa e esperem no pátio — disse ele, e foi fechar a porta da sala.

Depois aproximou uma cadeira da mesa que ocupava o topo da sala e disse a Teresa:

— Queira sentar-se.

Ela movia-se como um autómato; era perfeitamente a mulher, como a natureza a fez, aniquilada, abatida, sem reação.

O alcaide abriu uma gaveta, tirou um macete de cartas, desdeu o laço da fita preta que as cingia, tirou duas ou três, que abriu, e disse:

— A Sra. D. Teresa de Jesus recebeu cartas da minha filha Inês; deve recordar-se da letra dela. Veja. Estas cartas foram escritas ao seu marido, quando ele abandonou a minha filha; depois, estas cartas voltaram à mão da minha filha, quando, segundo o costume, se trocaram de parte a parte as correspondências, como desenlace final das relações.

Queira ler, Sra. D. Teresa, o que a sua antiga amiga e a minha pobre filha escrevia ao cavalheiro que a senhora

amava.

Teresa leu mentalmente a primeira carta que o alcaide lhe ofereceu. Parecia comovida e espantada.

— Agora esta — disse o alcaide, oferecendo-lhe segunda.

— Já compreendi tudo — respondeu ela, recusando ler a segunda.

— Não compreendeu tudo; leia — instou ele. Teresa leu até ao meio e depôs a carta sobre a mesa, a murmurar entre soluços:

— Que desgraça, meu Deus!

— Acaba de ver a Sra. D. Teresa — disse pausadamente, com pungentíssima serenidade o pai de Inês — que eu não vinguei a minha filha ofendida somente no seu coração; vinguei a minha filha traída desonrada e abandonada como qualquer dessas ínfimas mulheres que se acham na miséria e se mudam da miséria para o alcouce. E não só traída, e desonrada, senhora! Ai há alguma coisa mais atroz nessa segunda carta que viu. Inês, a perdida, para matar um filho que havia de apregoar a sua desonra, matou-se a si própria. Imagine, se pode., as torturas da minha desgraçada filha, e

recorde-se das alegrias com que o seu marido festejava em Badajoz as suas núpcias quando a minha filha agonizava ali naquele quarto. Meditou, Sra. D. Teresa?

O alcaide levantou-se, pegou do punhal, aproximou-se de Teresa e ofereceu-lho, dizendo:

— Agora, aqui tem o seu punhal, e aqui tem o peito que não pôde ferir há pouco. Vingue-se! Aperfeiçoe a obra do seu marido. Mate o pai da mulher que ele desonrou e matou!

Teresa, com o rosto entre as mãos, arquejava afogada em lágrimas e dizia, soluçando:

— Como eu me perdi, meu Deus!, como eu me perdi!

— Olhe, senhora — volveu D. Rojo de Valderas. — É espantoso que o seu marido não visse a forca levantar-se diante dos pés a cada passo que dava! Pois aquele homem, cheio de crimes, esperaria ser feliz? Eu nunca o fui, porque delinqui na minha mocidade. Expiei, estou expiando nesta duríssima penitência de pai que não tinha mais nada neste mundo senão ela. Nós, os criminosos, somos mastins danados que nos atassalhamos uns aos outros. Ele desfez-

ma debaixo dos pés do seu desprezo, enterrou-ma na lama da desonra; e eu matá-lo-ia, se o verdugo mo não disputasse. Se este o seu punhal, Sra. D. Teresa, me tivesse entrado no coração, eu morreria negando a justiça de Deus. Não é crível que a Providência consentisse a grande iniquidade de eu ser assassinado pela viúva de um homem que me tirou dos braços uma filha única e ma atirou à sepultura! E, pois que Deus não quis que eu fosse morto às suas mãos, vá a senhora com Deus, que eu de mim lhe perdoo a tentativa, e não sei mesmo se lhe perdoaria a morte, porque as dores da minha vida são mais intensas que a instantânea agonia de uma punhalada. Vá em paz, vá para a companhia da sua mãe, restabeleça a sua alma enferma com a consolação das lágrimas, e da oração, se crê noutra vida; e, quando pedir a Deus que chame a si as almas que padecem, lembre-se também de mim, e daquela pobre menina a quem a senhora alguns anos chamou a sua querida Inês.

D. Rojo abriu a porta, passou ao topo da escada, chamou os aguazis e disse-lhes:

— Vão acompanhar esta senhora a sua casa e recebam as suas ordens. Tem de acompanhá-la até à caraira, e daí seguirão até onde a Sra. D. Teresa quiser ser acompanhada.

Depois conduziu-a até ao pátio e disse-lhe, comovido:

— Adeus! Neste mesmo sítio a vi eu muitas vezes abraçada com a minha filha... Adeus!

***

Logo que entrou em Portugal, Teresa de Jesus escreveu ao comerciante do Polo, dizendo-lhe que esperava a sua mãe na Golegã para dali seguirem para Guimarães.

A viúva de António Maria das Neves, sedutor de Inês de Valderas, ia compenetrada da certeza de morrer. Traçara o plano da sua agonia, encenando-se no quarto onde nascera, esquivar-se aos olhares afrontosos de toda a gente, e assim acabar.

Não sucedeu assim. É verdade que se encerrou; mas não morreu. Na solidão, muitas vezes, é que as almas doentes convalescem e se fortificam. Saudades do segundo marido não podiam ser mais pungentes do que costumam ser as saudades dos maridos honrados. O tempo entrou a ministrar-lhe os seus antídotos, e o coração portanto a sentir-se, de mês para mês, mais desobstruído, o apetite a aparecer, e as primaveras dos anos subsequentes a abrirem-lhe na alma umas novas auroras e renovadas florescências.

Por morte de Feliciana, que ainda durou doze anos, Teresa de Jesus herdou o necessário e o supérfluo para uma abastada mediania. Na volta dos quarenta anos, afervorou-se na religião de Jesus Cristo, compreendendo-o pela divindade dos preceitos da esmola, Era muito caritativa; não rezava muito; mas indagava as misérias envergonhadas; e acontecia sair de casa para ir à igreja e esquecer-se da igreja se acertava de encontrar uma casinha de pobres onde houvesse fome de pão e de palavras confortadoras.

***

Em 1873, a vir eu de Santo António das Taipas a Guimarães, por uma manhã de Junho, entrei no cemitério com um meu amigo.

Estava o coveiro a aplanar com a enxada um valo de sepultura.

— Quem se enterrou aí? — perguntou o meu amigo.

— Foi a D. Teresa da Rua dos Fomos.

— Ah!, já sei ... — disse o meu companheiro. — Era a viúva do enforcado.

— A viúva do enforcado? — perguntei eu. — Que é isso?

— Eu lhe conto.

E referiu-me a história.

Perguntei-lhe, afinal, por Caetana, porque eu — que excentricidade! — achei aquela Caetana uma peça verdadeiramente nacional, portuguesa de todos os quilates.

— Caetana — explicou o meu amigo — , a voltar para Guimarães, já não encontrou o anspeçada; e, passados dois anos, soube que ele capitulara em Évora Monte e se recolhera a Cabeceiras de Basto com as divisas de segundo-sargento e sem o braço esquerdo. Pediu licença à ama para o ir ver e consolar na sua decadência e valer-lhe na pobreza. Foi, com efeito, e encontrou-o deitado na eira de um lavrador, a fumar cachimbo, de barriga ao ar. Reconheceram-se e exclamaram mútuas expansões e protestos de nunca mais se afastarem. Casaram; e como Caetana amealhara, nas águas turvas dos infortúnios da ama, algumas dúzias de moedas, abriram uma estalagem em Cavês. Viviam felizes, quando apareceu em Portugal o MacDonell por 1846. O sargento apresentou-se ao caudilho escocês e foi logo feito tenente quartel-mestre. Na refrega de Braga morreu o marido de Caetana batendo-se valentemente nas trincheiras da Cruz da Pedra. A viúva, quando teve a funesta notícia, parece que esteve a morrer; mas resistiu, porque estava muito nutrida. Fechou a estalagem e começou a emprestar dinheiro a juro de 10 por cento ao mês e a rezar muito por alma do marido.

E assim a rezar, a emprestar dinheiro e a engordar, ainda vive neste ano de 1877, em Margaride, a sua terra natal.

FIM